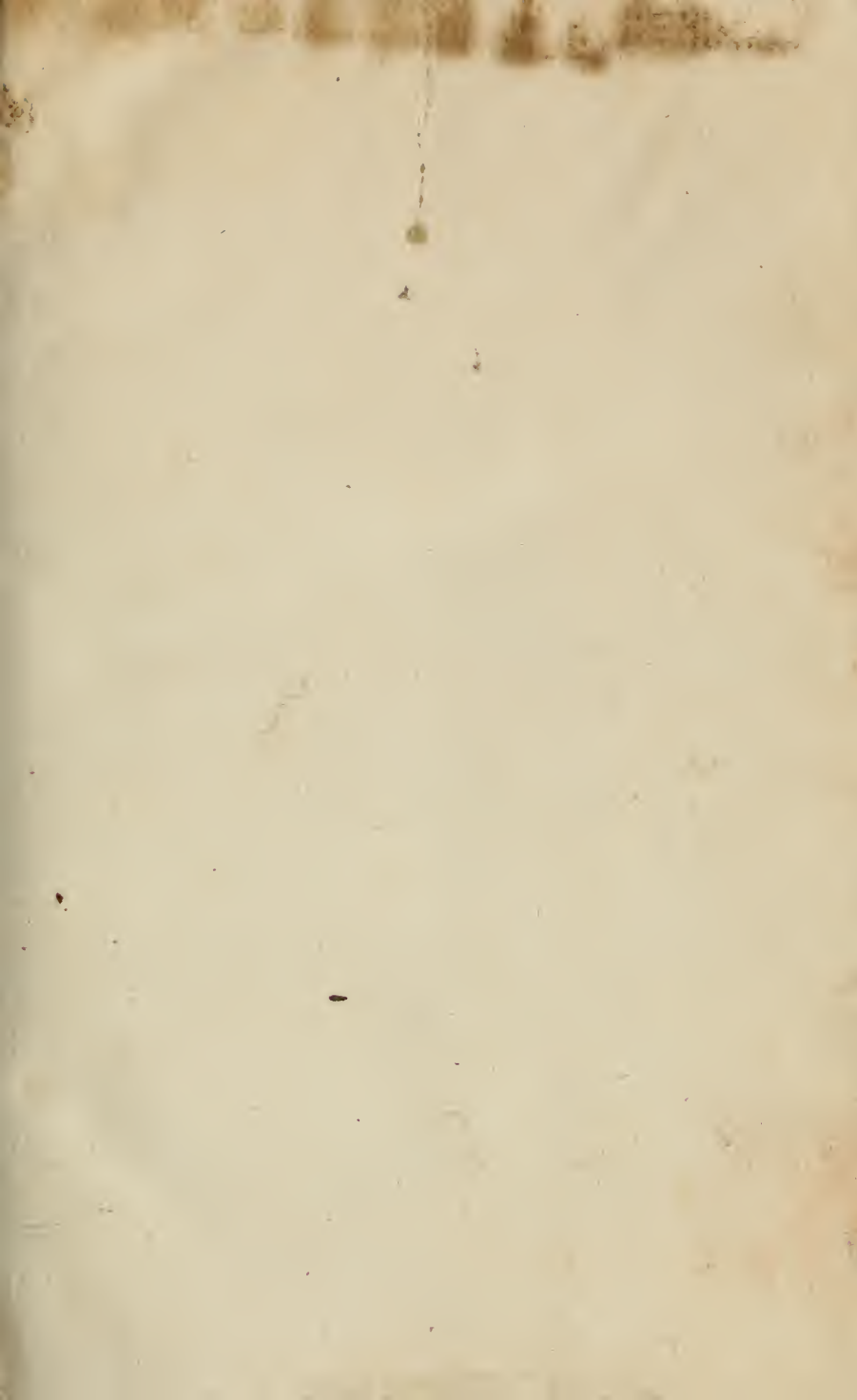


RB126,568



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

8 5378





THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

500 Fifth Avenue, New York
Open from 10 A.M. to 5 P.M.
Daily, except on Sundays and
Public Holidays

TO BE LOANED

TO THE PUBLIC
ON THE FOLLOWING CONDITIONS

1. That the books

shall be kept in good condition

and be returned to the library
in good condition and in time

to be loaned to the public

on the following conditions

COLLECC, A Õ
DAS
OBRAS EM VERSO,
DE
FRANCISCO DE PINA
DE SA' E DE MELLO.

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fi-
delissima , e Academico da Academia
Real da Historia Portu-
gueza.*

T O M O I.

<i>Arte Poetica.</i>	è <i>Traducção do Oedipo de</i>
<i>Palacio do Sol.</i>	è <i>Sophocles.</i>
<i>Palacio do Destino.</i>	è

LISBOA:

Na Officin. de JOAM ANTONIO DA COSTA;
Impressor do Senhor Infante D. Pedro , e da Sa-
grada Religião de Malta.
MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se , e as mais obras impressas do mesmo Autor, na
loja de Antonio da Sylva da Costa, mercador de livros
na rua Augusta , na travessa de S. Nicoláo.

COPIES

OF THE

FRANCISCO

DEPARTMENT

OF THE

TOM

OF THE

LISBON

OF THE

OF THE

OF THE

ARTE POETICA.

DE

FRANCISCO DE PINA,
DE SÁ, E DE MELLO,

Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fide-
lissima, e Academico da Academia Real da
Historia Portugueza.



LISBOA,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA,
Anno de MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

Vende se na rua Augusta na travessa de S. Nicoláo, na logea
de Antonio da Silva da Costa, mercador de Livros, e os mais do
mesmo Author.

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

L I C E N Ç A S.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. DOUTOR
*Fr. Francisco de S. Bento, Qualificador do
Santo Officio, da esclarecida Ordem
Benedictina &c.*

EX.^{MOS} E R.^{MOS} SENHORES.

AS Obras, de que se faz menção nesta pe-
tição, não tem cousa alguma contra a fé,
e bons costumes. Collegio de Nossa Senhora da
Estrella 22. de Novembro de 1764.

Fr. Francisco de S. Bento.

Vista a informação, pódem-se imprimir as
tres Obras que se apresentaõ, e depois vol-
taráõ conferidas para se dar licença que corraõ,
e sem ella não correráõ. Lisboa 14. de Dezembro
de 1764.

Trigozo. Carvalho. Mello. Thorel. Lima.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. ABBADE DIOGO
Barbosa Machado, Academico da Acade-
mia Real &c.

EX.^{MO} E REV.^{MO} SENHOR.

HE taõ respeitado o nome do Author destas Poeticas producçoens , que basta sómente fer ouvido , para que se lhe tribute a mayor veneraçãõ. Depois de estar sublimado ao cume do Parnaso , onde por indulto de Apollo alcançou o Principado da Poesia , se constituiu naõ sómente imitador , mas emulo dos Camoens , Bernardes , Ferreiras , Sás , Pereiras , e Vasconcellos , canoros Cisnes da Castallia Portugueza , ou seja na elevaçãõ do enthusiasmo , ou na cadencia do Metro , ou na agudeza dos pensamentos altos , e profundos , copiosos , e naõ redundantes , com que arrebatado seu furor , que nunca degenerou em loucura , metrifica com o espirito dos antigos , e com magisterio para os modernos ; e o que causa mayor admiraçãõ , que entre a armonica consonancia de tantas vozes , se naõ ouça a meñor dissonancia contra a pureza da fé , e obsevancia dos boñs costumes. Lisboa 21. de Dezembro de 1764.

Diogo Barbosa Machado.

Vista

V Ista a informaçãõ , póde-se imprimir a Arte , e sua traducção , e o mais que consta dos papeis , e depois torne para se dár licença para correr. Lisboa 6. de Janeiro de 1765.

D. J. A. de Laccdemonia.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

*CENSURA DO ILLUSTRISSIMO ,
e Excellentissimo Conde de Villar mayor , do
Conselho de Sua Magestade Fidelissima ,
e Academico da Academia Real &c.*

S E N H O R.

P Ertende Francisco de Pina , de Sá , e de Mel-
lo imprimir a sua Arte Poetica , a sua traducção do Edipo de Sophocles , e o seu Panegyrico Gratulatorio a ElRey da Gram Bretanha ; com grande gosto , e fatisfação tornei a ler estas discretas producçoens de sua Musa , que pódem mais facilmente excitar a inveja do que conseguir a imitação. Nellas não ha cousa que offenda o respeito que se deve ás Leys de V. Magestade , e me parecem dignissimas de se imprimirem , para que os Engenhos sublimes na Poesia saibaõ regular os seus estudos , e aproveitar as suas composições. Bellem a 19. de Janeiro de 1765.

O Conde de Villar mayor.

Que

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso, e revisto, tornará para a licença de correr. Lisboa 24. de Janeiro de 1765.

Carvalho. Siqueira. Affonsca. Castro.

AR-

ARTE POETICA.

PARTE PRIMEIRA.

M Andais-me que vos dicte algumas regras
Daquella soberana melodia ,
A quem se deo o nome de *Poesia*:
Naõ sey que extravagante movimento
Vos dispõem ao estranho pensamento
Deste infeliz emprego: este exercicio
O tem já reputado , como vicio ,
O nosso Portugal: he bem verdade
Que o julgou de outro modo a Antiguidade :
Taõ natural aos homens se mostrava
O alcance de huma luz taõ deleitosa ,
Que foy inda primeiro , do que a Prosa ,
A ligada oração: santificava

Nella

Nella a Infancia do Mundo aquelles hymnos,
Com que as graças, em metricos louvores,
Rendia aos beneficios superiores.

Os mais altos espiritos julgaraõ
Por hum divino incendio esta eloquencia:
A doutrina lhe deo a preeminencia
Em todas as funçoens do engenho humano:
No Civil, no sagrado, no profano
Entre as Naçoens mais sabias, e polidas,
Naõ só foy sempre amavel esta chamma,
Em que anîma o clarim a eterna fama,
Mas inda no confuso labyrintho,
Em que dorme, em que geme, em que se occulta
A Provincia mais tosca, e mais inculta.

Só nas sombras fatais deste Occidente,
Onde a Patria formou seu domicilio,
Pode nunca alcançar hum nobre auxilio
Esta instancia Celeste: Se com tudo
Quereis exercitar o infausto estudo,
He precizo fazer hum serio exame
Da vossa propensaõ; pois o dictame
Aqui, sem natureza, naõ ensina:
He melhor mestre o genio, que a doutrina.

Porèm como se excita, ou se melhora
O genio, com a arte, eu vos proponho
As regras, que Aristoteles prescreve:
A faculdade metrica não teve
Atégora outra guia mais segura,
Para chegar ao cume, e á grande altura
Do harmonico esplendor: eu ló a acceito
Para dar huma ordem, sem defeito
A' rapida extensaõ do ardor brilhante
Com benigno, com placido semblante
A vaga liberdade do alvedrio
Estas regras receba: eu principô.

Hum homem, que presume ter engenho
Se lança de repente ao arduo empenho
De sobir com os giros mais veloses
Ao monte bipartido, dando ás vozes
Talvez huma infeliz correspondencia,
Tropeçando no assento, e na cadencia
Das phrasas, e das syllabas, costume,
Que o aparta sempre mais do excelso cume.

Estes são os Semîcapros do Pindo,
Gente, que vive na deserta fralda
Da montanha entre a rustica esmeralda
Dos bosques, e das selvas: trovadores

Só se podem chamar os moradores
Desta ruda floresta : O nome augusto ,
Que nasce da expressão de hum peito adusto ,
Não se alcança sómente com a *Rima* :
O que mais resplandece , e mais se estima
He esse illustre , arrebatado alento ,
Que imprime hum perturbado movimento
Nos affectos de huma alma socegada :
He huma elevação , exercitada
Por hum genio feliz , hum juizo pronto ,
Hum dote celestial , hum alto ponto
De hum espirito ardente , huma elegancia ,
Não só ignea , mas justa , huma abundancia
De imagens , e de phrases singulares ,
Huma escolha de termos não vulgares ,
Huma imaginação , cheia de esforço ,
De incendio , de igualdade , de doçura ,
E em fim hum raptó excelso , huma loucura
Taõ exquisita , que o furor detenha ,
Quando mostra talvez que se despenha .

A *Poesia* se inculca , ou se define
Por huma *Imitação de quanto aos olhos ,*
De quanto á intellegão propõem no Mundo
A vasta Natureza : este fecundo
Theatro de maravilhas portentosas

Inda as póde fazer mais deleitosas
A descripção harmonica do Verso :
A musica , a pintura , a dança imita
Tambem a Natureza ; e he só diverso
O modo , com que a imagem sollicita :

O instrumento , que faz a semelhança
Aos metricos retratos , he fômente
A medida das vozes , incluída
Na differente especie , que ella emprega :
A representação a tudo chega :
Sobe ao throno de Deos , ao claro Empyreo,
Aos Anjos , aos Espiritos Celestes ,
Ao Sol , á Lua , e a todo o Firmamento :
Todo o objecto mortal , todo o elemento ,
Toda a maquina eterna , e ser humano
Póde ser imitado da cadencia :
Não inclue a geral circumferencia ,
Ou espirito , ou corpo , ou alma , ou ente
Animado , ou sem vida , que presente
O não ponha o desenho da *Poesia* ;
Mas nesta imitação não basta a guia
Do deleite , que nella se procura :
He preciso chegar a mais altura
Pois para ser o plectro luminoso
Deve o *util* seguir-se ao *deleitoso*.

Nesta parte a *Poesia* vence a *Historia* ,
E o esforço dos *Philosophos* , que intentão
Promover as virtudes nos dictames ;
A *Ethica* , on a *Historia* em seus exames
Nos propõem a virtude carrancuda ,
Despida , melancolica , fezuda ;
Objecto quasi sempre desabrido :
Hum Poeta remontado , e esclarecido ,
Nunca perde a occasião , em que a proponha
Benigna , alegre , amavel , e risonha ,
Desmentindo em canora suavidade
A aspereza da sua gravidade.

O Poeta he só hum Medico da alma
Que adoça , ou doura o amargo do remedio ,
Para que o enfermo não conceba tedio
Do simples mais ingrato : esta ventagem
Taõ illustre , e evidente se mallogra
Quasi sempre nos homens preocupados
De huns objectos grosseiros : mais amados
Os exemplos seriaõ , se a ignorancia
Podeffe conhecer , que este exercicio
Facilita a virtude , e opprime o vicio.

Eu fallo dos espiritos mais altos
De hum genio , e de huma maxima profunda:

Os Poetas *fanfarroens* , de que se innunda
Talvez huma Provincia , estou taõ longe
De os metter neste numero , e louvá-los
Entre as agoas mais turvas da Hypocrene ,
Que eu ferei o primeiro , que os condene.
Permitti-me este termo , pois me explica
Esse inerte tropel de escrevedores ,
Que sem genio , nem regra , nem cultura
Entende que a *Poesia* mais brilhante
He formar a harmonia no consoante ,
Ou encher de palavras , sem substancia ,
A pompa de huma frivola elegancia ,
Onde depois das clausulas velozes
Naõ ha mais , que o furor de inchadas vozes.

Que conheçais tambem será preciso
Que a imitação por si naõ desempenha'
O objecto da cadencia , sem que á copia
Se lhe ajunte a energia , e aquelle agrado ,
Efficacia , e viveza do treslado ,
Que inda mais se procura , que se alcança
Na intentada expressão da semelhança.

Taõ viva se ha de dar , que nos pareça
Ter o objecto imitado á nossa vista :
Ha quem pertenda que o primor consista

Nesta

Nesta viva efficacia ; e na verdade
Que o proveito se logra , e a suavidade
Quando nesta hypotýpofis percebo
Que não se encontra no cadente ornato
O original diverso do retrato.

Ha muitas coufas , que nos mettem medo :
Hum dragão nos feria aborrecido ,
Mas quando está na imagem parecido ,
Em vez de dar espanto nos deleita :
O proprio horror na imitação perfeita
Se tira ; e ao mesmo tempo purga a alma
Na misera fraqueza , e impulso amargo
Da afflicção , da tristeza , ou do lethargo.

Não só da imitação , e da energia
O *deleite* procede , e a *utilidade* ,
Mas tambem da belleza , e luz do metro :
Para o verso ser bello , e ser brilhante
Deve ser claro , natural , constante ,
Elevado , nervoso , ardente , e cheio ;
Deve compor-se com dicções do meio ;
Nem curtas , nem cumpridas : as primeiras
Fazem a oração precipitada ,
E languida as segundas : alternada
Com poucos monosyllabos , e vozes

Sesquipedaes , a Musa he que consegue
A corrente harmonia : Não me canso
Nos assentos do verso , e na medida
Por ser isto huma cousa mui sabida :
Só aqui vos farei huma advertencia ,
Que cuideis em fazer alguma escolha
Das vogaes , e daquellas , que as enlaçaõ :
Humas canoras , outras dissonantes
Se formaõ nos ouvidos : as segundas
Humas saõ *espiraes* , pois só do alento
Recebem o seu proprio movimento :
Destas o P se mostra a mais sonora :
He o M a mais doce : a mais polida
He o F : outras ha , a quem o nome
Se deo de *Gutturæes* , porque as levanta
O impulso , que procede da garganta :
Formaõ todas hum som pouco agradavel :
Faz o C hum ruido aspero , e duro :
O G , que d'elle nasce , he menos forte :
O I consoante tem a mesma sorte :
O Q menos : o X , que o C , e o S ,
Com infeliz concurso representa ,
He a letra mais dura , e mais violenta.

Em fim outras *Lambentes* se appellidaõ ,
Porque os toques da lingua as constituem :

He

He o L a melhor: o N he docil:
He expressivo o T: o D flexivel:
He o R indomavel, e terrivel:
O S sibilante, e o Z formado
De hum tinido mais brando, e delicado.

Das vogaes a mais clara, e mais aberta
He o A, e com ella a nossa Infancia
Articûla a primeira consonancia:
He o O varonil, e sonorofo,
Muito menos o E, o I confuso,
E o U, com hum estrondo mais molesto,
He sempre triste, insipido, e funesto.

Depois que conheçais a differença
De humas a outras letras, empenhai-vos
Em formar a eloquencia das mais doces,
Mais claras, mais harmonicas, e o effeito
Alcançareis bem cedo no proveito,
Que esta escolha vos dá: Inda que o metro
He todo numerofo, se lhe observa
Hum numero tão fino, que se sente
Melhor, do que se explica, e mais luzente
Com esta escolha, e ordem das palavras
Se nos mostra: á Aristoteles dizia
Hum pedante, que nunca percebia

O numero do Verso, nem da Prosa:
Usai só (respondeo o Sabio Mestre)
De hum corpo taõ immovel, e taõ rudo,
Que inculca nesse inerte desalento,
Que não tem eleição nem sentimento.

A belleza do Verso acompanhada
Ha de fer da doçura, e das imagens,
Que se chamaõ patheticas, notando
Os affectos humanos, e exprimê-los
Com taõ forte calor, como se ouvî-los
Podesse o coração: O espanto, e o susto,
A alegria, a tristeza, a dor, e a ancia
Taõ vivas se haõ de pôr na consonancia,
Que os ouvintes recebaõ nos affectos
A melma commoção destes objectos.

Talvez direis que hum caso lastimoso
Nunca póde fer doce, ou deleitoso;
Assim he se o exemplar se offrece á vista;
Porém quando se finge na cadencia,
Alcança commummente o nosso agrado
A destreza de o vermos imitado.

Na copia suave das paixoens sensiveis
Não tem lugar o impulso da agudeza:

He contra a propriedade , e a natureza
Que hum animo phrenetico , e empenhado
Possa ser em concurso taõ inquieto
Menos apaixonado , que discreto :
Este defeito se accusou ao Tasso
No pranto de Tancredo , e no de Armida :
Commovet-vos primeiro , se a outra gente
Quereis ver alterada , ou commovida
Haveis de prenotar attentamente
Quanto fazem os homens exhortados
Das violentas paixoens : representados
Poreis estes affectos nos lugares
De que mais na occasiaõ vos contentares.

Se quereis ser amado , amai primeiro ,
E isto mesmo acontece assim em todas
As modificaçoens , que faz a alma :
Para triunfar , para levar a palma
No amor , na compaixaõ , na dor , no alento
Deve mostrar-se o vosso pensamento
Com o impulso mais forte , e mais activo ,
Valente , afflicto , amante , compassivo.

Alguns homens grosseiros , que naõ sabem
Distinguir os sentidos das potencias ,
A *Poesia* desprezaõ , pois lhe chamaõ

Hum

Hum compendio infeliz de falsidade :
Esta gente que a tanto se persuade
Nunca teve do falso , e verdadeiro
A devída noção : he só mentira
O fallar contra o mesmo , que se inspira :
E a verdade se expõem , onde se alcança
O provavel , o certo , o verifimil :
Muitos objectos certos , ou provaveis
Se encontraõ muitas vezes na *Poesia* ,
Como a Jurisprudencia , a Geographia ,
A Physica , a Moral , e outras sciencias ,
Que o Poeta lhe aproveita , para ornato ,
Ou para as instrucçoens dos seus leitores :
Porèm deixemos aos Historiadores
O provavel , e o certo , pois só toca
A verisemelhança ao nosso assumpto :
A *Poesia* da Historia se distingue
Narrando esta o que foi , dizendo aquella
O que devia ser : util , e bella
Se faz mais a *Poesia* desta sorte :
Quem póde duvidar que melhor norte ,
E melhor exemplar aqui se offrece ?
Se toda a acção humana não carece
Das sombras mais grosseiras , estas sombras
Apartadas na ideia , e no conceito ,
Nos propõem hum objecto mais perfeito ,

Para ser imitado , quando incrível
Se não mostre no excesso, e na desordem :
Não se precisa pois de ser constante ,
Basta que seja verisemelhante.

Porém o verisimil necessita
De ser maravilhoso , pois sem elle
Não póde haver *Poesia* delectavel :
Sendo esta huma perpetua imitadora
Da vasta Natureza , não melhora
Muitas vezes as suas entidades ,
Revestindo as diversas qualidades
Do vulgar , e commum : deve escolher-se
O mais raro , e exquisito , para assumpto
Do metrico exercicio , e se he preciso
Que no metro o vulgar se represente ,
Deve o engenho fazê-lo preeminente ,
Admiravel , e novo , com as luzes
Mais claras , e brilhantes do artificio ,
De tal sorte que sempre lhe aconteça
Que a admiração no Verso resplandeça.

Obrigaçãõ precisa he da *Poesia* ,
O melhorar a inercia , e a cobardia
Das causas naturaes , dando mais força
A' sua decadencia : a Natureza

Deve

Deve vir para o metro mais brilhante ,
Mais bella, mais subtil, mais elegante :
Sem este novo encanto , e illustre empenho
Não se mostra o artificio , nem o engenho.

Este engenho, e artificio nas *imagens* ,
Que chamamos *phantasticas* se alcança:
Com discreta ousadia he que dizemos
Que a doce madrugada, a bella aurora
Quando na esphera ri, no campo chora :
Diz-se igualmente que murmura a fonte,
Que as ondas roncaõ, que suspira o vento,
Que he fina a dor, veloz o pensamento.

Nestes, e noutros termos atrevidos
Com juizo, e cautella repartidos
Se propõem as figuras, com o que o engenho
Felizmente arrojado nos aviva
Dos objectos a muda perspectiva.

Por esta mesma causa se concede
Que se busque a piedade nos penhascos ;
E a lastima nos troncos, dando impulso,
Dando affectos ás cousas insensiveis :
Estes representados impossiveis
Não se permittem, quando se dilataõ

As agoas de Hypocrenne em manfa veia ;
Porèm são concedidos , quando a ideia
De huma paixão ardente commovida
Finge no feu affago , que tem vida
O que he inanimado ; e o ardor vehemente
Daquelle mesmo incendio , que o arrebatá ,
Lhe faz crer que há de achar nas toscas brenhas
Com alma os Cedros , com ternura as penhas.

A'lèm destas *imagens* se introduzem
Os *similes* tambem , representando
Hum objecto por outro , e comparando
As cousas , onde se acha a analogia :
Eu presumo que o simile seria
Mais illustre , e exquisito , se o buscasse
A invenção nos aspectos mais remotos :
Os esquadroens depois de serem rotos ,
E por terra cahidos , os compara
O grande Homero aos molhos de huma seara
Prostrados pelo campo , com a fouce
Dos rudos segadores : bem distantes
São colheita , e batalha ; e semelhantes ,
Com este nobre , e singular desenho
As fez a applicação , e as pôz o engenho.

O *estyllo* , em que com vosco tantas vezes

Tenho fallado , e discutido , he parte
Da metrica doçura : pouco a arte
Poderá conseguir nesta ardua empreza
Se a ella não concorre a Natureza.

Tres *generos de estylo* distinguirão
Os antigos Rhetoricos , chamando
Asiatico ao diffuso , *Atico* ao breve ;
E ao que neste , e naquelle hum meio teve ,
Com o nome de *Rhodio* o conheceraõ :
Estas tres differenças procederaõ
Do genio das Naçoens : amava a Asia
Os adornos , e a pompa : conhecia
A Grecia huma discreta melodia
No impulso natural : participava
A eloquencia , que a Rhodes agradava
De huma , e de outra distancia : aquelle gofsto ,
Que havia entre o singelo , entre o composto
Teve maior partido : mas a regra
Mais certa dos *estyllos* vem do assumpto :
Quer hum grande argumento phrases grandes :
O nome de *sublime* a este estylo
Se tem dado : de *infimo* ao tranquillo ,
Que só trata de cousas mais commuas
Nas practicas , ou cartas familiares :
Mediocre se chama o que no meio ,

Com

Com mais graça , elegancia , e mais asseio
De hum , e de outro igualmente participa :
Ao *sublime* pertence toda a pompa
Dos *periphrases* , *tropos* , e *figuras* ,
Mas com a parcimonia mais discreta ,
E huma animação , onde a trombeta
No estrondo dos tambores toco , e rudo ,
Não caia , ou não affecte hum falso estudo :

A clareza dos termos , e das vozes
Não deveis sujeitar á brevidade :
Confessa Horacio que na escuridade
Se despenha , se breve ser pertende :
Tudo claro ha de estar : sem evidencia ,
Gosto não póde haver , nem a eloquencia
Póde brilhar , com resplendor distinto ,
Na opaca confusão de hum labyrintho ,

Sobre a licença de palavras novas
Levantado se tem grande disputa :
Huns querem , com paixão bem absoluta ,
Que huma voz estrangeira manche o idioma :
De outro modo este escrupulo nos toma
O Mestre Horacio , e o Mestre Quintiliano ,
E inda o mesmo Aristoteles : profano ,
Barbaro , rude , informe , atroz , grosseiro

O *esty-*

O *estyllo* se acharia, se o primeiro
Dialecto conservasse: á Grega fonte
Muitas novas dicções pedio o Lacio;
E este exemplo igualmente determina
Que também as peçamos á Latina.

Com tudo, nem a todos se concede
Que possaõ merecer o que se pede:
Hum sabio de hum Critica profunda,
E onde o novo vocabulo se funda
Na razaõ, no decoro, e na pobreza
Dos termos, com que intenta declarar-se,
He que licença tem de aventurar-se
A deixar, com a voz introduzida,
A lingua mais copiosa, ou mais polida.

A nossa lingua fora sepultada
Inda no torpe horror do seu principio;
Se hum Barros, se hum Camoens, Vieyra, e Freire
Naõ emprendessem, com valor illustre,
Com sabia presumpção, nobre ousadia,
O tirá-la da cinza, em que dormia.

Bem sabeis quantas vezes insultado
Tenho sido em usar desta licença:
Esta desordem, que parece offensa

Menos provoca o estímulo , que o riso :
Se fosse desculpavel , ou preciso
Rebater este insulto , me bastava
Dizer o que eu treslado aqui de Horacio :
Ouvi do Mestre a voz : *Licença dava*
A mais severa Critica , que os nossos
Mais sublimes engenhos augmentassem
A patria lingua na dicção estranha :
Com que causa , ou justiça se me estranha
Que eu me valha tambem do mesmo indulto ,
Com modesta , com timida cautella ,
Para haver de illustrá-la , e enriquecê-la.

Naõ concebais os frivolos empenhos
De dizer sempre bem , sempre elevado ,
Sempre agudo , e engenhoso : fica inchado
Quem aspira talvez ao mais sublime :
Por muito que se esforce , e que se anime
Muitas vezes se arrasta o que pertende
Subir sempre mais alto : quem deseja
Tirar-se do commum , e do ordinario
Tropeça no indecoro involuntario
De huma mal elevada estravagancia :
Na Terra os astros põem , na Esfera os brutos :
Estas as normas saõ , estes os frutos
De huma ideia viciada , como aquella ,

Que

Que levou ao Zodiaco o carneiro ,
E deo assento nesta Zona de ouro
Ao Leão , ao Capricornio , ao Cancro , ao Touro.

Naõ presumais tambem que tendes genio
Para todos os casos , que a *Poesia*
Abrange no seu vasto , e ardente lume :
Hum procura sobir ao alto cume
Com o *Tragico* , e *Lyrico* : pertende
Outro engenho empenhar o seu alento
No *Epico* , ou no *Comico* : se agrada
Do *Pastoril* , algum ; e para tudo
Naõ ha força , ou vigor , por mais agudo
Que seja o humano impulso : deve o objecto
Ser aquelle mais prompto ao nosso affecto ,
E procurar o pezo , com que possa
O nosso esforço na constancia nossa.

Convem muito o empregar grande cuidado
No que deve omittir-se ; ou castigar-se ,
E no que he mais preciso declarar-se :
Muitas cousas se dizem , sem motivo ,
E se calaõ talvez as de mais porte :
Virgilio he deste ponto o melhor norte :
Ninguem melhor o inutil desprezava ,
Nem disse alguem melhor o que importava.

Deve a *Poesia* religiosamente
Sustentar os *costumes*: a Deidade
Há sempre de mostrar-se, sem maldade,
O Heróe com fama, o Sabio com doutrina,
Com valor o Soldado, com destreza
O Engenheiro, o Pastor com fingeleza.
Ha de ser a donzella vergonhosa,
Terna a Mãe, a criada cubicosa:
Há se de conhecer pelo desejo,
Ou pela propensão o China, o Indio,
O Tapuia, o Hotentot, o Troglodita,
O Tartaro, o Laponio, o Thrace, o Schyta.

Se a personagem for estranha, ou nova,
Depois de a dar a conhecer o Poeta
Deve sempre seguê-la no carácter,
Em que a pôz ao principio: estes dictames
Que vos fiz, sem metter-me nos exames
Dos homens doutos, e onde a penna lança
Sómente o que se encontra na lembrança,
Cuido que bastarão para instruir-vos:
No demais vos remetto ás sabias regras
Daquelles Mestres, que, com mais talento,
Tem dellas hum melhor conhecimento.

Porém inda me falta declarar-vos

A instruc-

A instrucção da *Tragedia*, e da *Comedia*,
Da *Epopeia*, e *Bucólica*: se póde
Chegar a tanto meu engenho, e arte,
Vou a fazê-lo em huma, e outra parte.

PARTE SEGUNDA.

Supponho que sabeis o que he *Tragedia*,
E por sabido dou o seu principio;
Vou sómente aos preceitos: eu descubro
Bastante escuridade ao Mestre Grego,
Quando a quer definir: por isso chego
A tomar a ousadia de aclará-la:

*A Tragedia he hum Drama recitado
Em nobre perspectiva, onde a fortuna
Dispõem grandes mudanças nas pessoas
De maior qualidade, e onde as Coroas
Nas mortes, nas desgraças, nos perigos
Padecem dos acasos os castigos;
De que o terror, e a compaixão, notorio*
Nos

*Nos espiritos fica do Auditorio ;
Servindo de purgar estes affectos ,
E de exemplo aos mortaes , especialmente
Aos que estão em lugar mais eminente.*

Dividi-se este *Drama*, com as partes
Da *qualidade*, e *quantidade*: aquellas
Contêm em si a *Fabula*, e os *costumes*,
A *Dicção*, e a *Sentença*, concorrendo
O *apparato*, e inda a *musica*, e softendo
Da *quantidade* o corpo, com decoro,
O *Prologo*, o *episodio*, *exodo*, e *coro*.

Fabula no sentido da *Tragedia*,
Da *Comedia*, e *epopeia* significa
Huma *Acção* verdadeira, ou inventada:
Deve ser huma, e só determinada
Por hum sujeito: inteira verisimil,
De huma justa grandeza, e portentosa,
Dirigida em lugar, e tempo certo,
A fim de se alcançar aquelle acerto,
Que tem para a instrucção, e para o gosto
As regras de Aristoteles disposto.

Inda que a *Acção* se adorne, ou se componha
De variados successos, nem por isso

Nesta

Nesta doce, e gostosa variedade
O preceito se perde da *unidade*,
Se tudo nella ao mesmo fim concorre:
Se quem por varias Povoações discorre,
Levando sempre bem firmado o intento
De chegar a Lisboa, ninguém diga,
Com huma mal formada subtileza,
Que elle não conseguiu a sua empresa.

A lei, que póde haver para ser huma
A *Acção*, que he conseguir o mais perfeito,
He tambem de que o *Heróe* unico seja:
Quando na mesma *Fabula* se veja
Principio, *meio*, e *fim*, então se nota,
Que ella tem a *inteireza* mais precisa:
Chamo *principio* áquillo, que antecede
Mais necessariamente a todo o corpo
Do assumpto: necessariamente digo,
Para não se buscar no tempo antigo,
E fora do argumento alguma origem
Inconnexa, ou distante: o *fim* se chama
Aquelle, com que o *Poema* se dissolve,
E acaba a *solução*, com evidencia,
Sem seguir-se a mais leve dependencia.

Fica o *meio* entre o *fim*, e entre o *principio*,
Aonde

Aonde se accommoda todo o *enredo*,
Com que o *nexo* se enlaça: há hum segredo
Na *inteireza* da *Acção*, que não tem sido
Inda bem descifrado, ou comprehendido.
Não se chega a assentar por onde deve
Começar-se na *Fabula*: resolvem
Huns, que pelo *principio*; dizem outros,
Que pelo *meio*; e tem estes desinios,
Não só muitos, mas doutos patrocínios.
Alguns querem provar o seu conceito,
Com Homero, Virgilio, com o Tasso,
E também com Camoens: outros presumem,
Fundados nestes metricos engenhos,
Sustentar igualmente os seus empenhos:
Tão grande, tão estranha variedade
Há dos homens na incerta authoridade!

Vendo eu pois a questão inda debaixo
De huma justa Sentença, entenderia
Que não errava aquelle, que seguia
Huma, ou outra opinião, e que tomasse
O rumo no esplendor da clara veia
Que melhor parecesse á sua ideia:
Porém aquelle, que determinasse
A não romper a *Acção* pelo *principio*,
Teria a obrigação de dar-nos conta

De quanto havia precedido ao *meio* :
O Tasso, que o não fez , foi accusado
No tribunal scientifico da Crusca :
Em Homero ficou bem satisfeito ,
Em Virgilio, e em Camoens este preceito.

O ser a *Acção* inteira , não consiste
Na medida do espaço , que se gasta
Na sua exposição, inda que o tempo ,
Que durava o espectáculo algum dia ,
Com os relogios de agoa se media :
O que deve o escriptor nesta inteireza
He o proporcioná-la de tal sorte ,
Que tenha huma extensão , e huma grandeza,
Que a memoria conserve , e que não corte
A luz da narraçãõ : a muito grande
Comprehender-se não póde : se he pequena
Facilmente nos foge da lembrança ,
E nestes dous extremos não se alcança
A perfeiçãõ devêda : nem tamanho
O corpo seja , que pareça estranho ,
Nem taõ debilitado , que resista
Ao raio perspicaz da nossa vista :
Hum desmedido objecto he pavoroso ,
E hum pequeno , não póde ser formoso,

O ser maravilhoso, e verisimil
Todo o corpo da *Fabula*, parece
Que diz contração: o extraordinario
Se faz, por hum effeito necessario,
Ou sempre disputavel, ou incrivel:
Porém como só peço a maravilha
Aonde a Natureza se prospêra,
Bem se póde, a pezar desta distancia,
Concordá-los, sem muita repugnancia.

A *unidade* do tempo pede a arte,
Que seja regulada pelo espaço
Da *Acção* representada: communmente
São tres horas, ou quatro; e neste tempo
Se há de vir a mostrar, que acontecerão
Os successos, que nella se moverão:
A' verisemelhança he que se attende
Nesta mesma *unidade*; pois seria
Incrivel que huma *Acção* se executasse
N' huma parte em tres horas, e durasse
Em outra vinte e quatro, como querem
Alguns, que se conceda entre o *principio*
Meio, e *fim* de huma *Acção*: quantas desordens
Toda a caterva Comica tem feito
Na infracção deste metrico preceito?
Não só na dilação de muitas horas,

Mas

Mas no espaço também de muitos annos
Dilatavaõ a *Fabula* : Comedia
Tem havido, com tanto desatino,
Que o mesmo *Heróe* appareceo menino,
E usando do valor, e do conselho
O vimos ao depois Varaõ, e velho.
He certo que isto he bem maravilhoso,
Estupendo, admiravel, portentoso;
Porém na estravagancia deste juizo,
Quem póde estar, sem lastima, ou sem riso?

Toda a *unidade* do lugar se logra
Em ser o mesmo sempre, em que comece,
E em que feneça a *Acção* : se o *theatro* muda
A *Scena*, desta, para aquella parte,
E em diversos aspectos se reparte,
Pondo-a já, ou em Argos, ou em Thebas,
Notando o espectador esta mudança,
Vendo que com a *Scena* nunca gira,
E do lugar, que occupa, fenaõ tira,
Conhecendo a ficção, e a impropriedade
Se chega a desgostar na repugnancia
Desta mal deduzida estravagancia :
O Edipo de Sophocles pôz a *Scena*
Na praça de Palacio : alli a firma,
Alli sempre a conserva, sem que a mude

O *nexo*, e a *solução*: O Poeta estude
Em não perder de vista esta *unidade*:
Ella tem a maior difficuldade,
Mas no difficil só he que notoria
Se faz a admiração, se alcança a gloria.

He verdade que traz este preceito
Misturado comfigo outro defeito,
Talvez maior, que aquelle, que condena
Toda a mudança, que se faz na *Scena*;
Pois se esta não variar será preciso
Cahir na incongruencia do discurso,
Que no mesmo lugar fação concurso
Inimigos, e genios sempre oppostos
Nas pertençoens, nos gostos, nos intentos:
Separar o indecoro desta ideia,
Descobrir neste encontro o verisimil,
Tirar a repugnancia a este juizo,
Ou fahir felizmente deste aperto,
Bem se póde chamar hum grande acerto.

Em *simples*, e em *implexa* se divide
Todo o corpo da *Fabula*: á primeira
Lhe falta a *Peripecia*, e a *Epignosis*,
E admite tão sómente aquella traça
De mudar a ventura na desgraça.

A segunda a compõem a *Peripecia*,
Bem que a *Epignosis* falte, ou ambas juntas:
Chama-se *Peripecia* a huma mudança
Da fortuna, que mostra ser opposta
A quanto dos successos anteriores
Se discorria nos espectadores.
Porém esta mudança nos acasos,
Não deve ser qualquer, mas impensada;
Estranha, repentina, inesperada,
E contra a espectação, e sentimento,
Que se podia achar no pensamento.

A *Epignosis* he huma novidade,
Imprevista tambem, daquella cousa,
Que se alcança, e não era conhecida:
Seja a declaração de algum successo,
Ou de alguma pessoa, em que resulte,
Ou o odio, ou o amor, e só naquella
Que na invenção do *Drama*, que a treslada,
Possa ser venturosa, ou desgraçada.

Em duas qualidades de pessoas,
Da fortuna a mudança póde achar-se:
Nos Plebeos, e nos Grandes: a *Tragedia*
Só destes deve usar: de hum homem baixo
Não commove o infortunio: e só se excitaõ

Da

Da nossa alma as paixões na desventura
De hum Heróe, ou de hum Rei, que pôz na altura
Da fama, ou de huma excelsa claridade,
O esforço, o nascimento, a Magestade.

E devem não sómente conceber-se
Por esta parte os homens, que são dignos
De entrarem na *Tragedia*, mas notar-lhe
Igualmente os *costumes*, que ser podem
Bons, ou máos, ou também indifferentes:
Os bons são mais, que alguns, incompetentes
Para o fim deste *Drama*, que se emprega
Na *lastima*, e *terror*; e ver-se hum homem
Da virtude maior sofrer as iras
De huma fatal desgraça, tão distante
Nos fica a compaixão, que ao mesmo instante
Hum affecto contrario nos promove:
O espanto, o horror, a raiva, e inda a impaciencia
Só nos produz no peito esta insolencia.

Os máos da mesma sorte nunca servem
Para o tragico intento: os infortunios,
Com que os vexa a desgraça, não commovem,
Antes são necessários requisitos,
Que sempre o fado ajunta aos seus delitos:
O Auditorio em lugar de entristecer-se,

Se

Se alegra na folicita igualdade,
Com que o Ceo rompe a força da maldade.

Só os indifferentes he que ficam
Capazes da *Tragedia*: não se aggrava
Com elles, na desdita da virtude,
A vista, nem o animo; e tão pouco
Não se logra nos mesmos a alegria
De se ver castigada a tyrannia.

A *Tragedia* se forma com pessoas
De interesses diversos: com Parentes,
Amigos, ou contrarios, donde nascem
Quatro modos de misero destino:
O primeiro descreve o desatino,
Com que o amigo a outro amigo, que persegue,
A ingraticidão mais feia justifica,
Bem que não tenha consequência o odio:
O texto de Aristoteles decide
Ser este o peor assumpto; pois se alcança
No intento desta barbara vingança
Hum despenho, hum furor, tão infornivel,
Que fica menos tragico, que horrivel.

He hum segundo modo quando o mata:
Como na morte a magoa se mistura,

Póde

Póde occupar a dor , e o sentimento
Grande parte do affombro , fundamento ,
Com que este modo he menos máo , que o outro :

O terceiro se forma quando tira
O amigo a vida a outro , sem sabê-lo ;
E vem com grande pena a conhecê-lo :
Este modo he melhor , que o antecedente
Pois do crime a ignorancia lhe desculpa
O impulso abominavel , e só deixa
A lastima da morte intempestiva ,
Quanto mais ignorada , mais activa.

O quarto he quando o amigo chega ao ponto
De outro amigo matar , sem que o conheça ;
Detendo o golpe ao tempo , que percebe
O amado objecto , que perdia a vida :
Sómente he esta a *Fabula* escolhida
Pelo Mestre , e tambem pelos melhores
Pensamentos dos seus expositores.

De ser esta a mais congrua , algum motivo ,
Ou razão não nos diz , talvez suppondo
Que ella por si bastava , para a escolha ,
Notando as intenções antecedentes :
Ellas se constituem tão patentes ,

Que

Que presumo escufais de meditá-las ,
Para reconhecê-las , e alcançá-las.

Outras tres circumstancias são propostas
No corpo da *Tragedia*: os *Episodios*
O *Enredo*, que era o *Nexo* dos antigos ,
E deste a *solução*: eu figo sempre
Não ser os *Episodios* outra cousa ,
Que alguns modos da *Fabula*, em que preciso
Será que o Poeta , com cautella , e juizo ,
A modifique , e estenda: Della devem
Sahir , como da mais conforme origem ,
Todas as digressoens , e de tal sorte ,
Que se alguma faltar deixe imperfeita
Da *Fabula* a enlaçada symmetria:
Por esta causa o Mestre da *Poesia*
Os propõem , não sómente necessários ,
Porém quer que elles sejam verisimeis ,
E ajuntados a *Acção* daquelle *Poema* ,
Que se tem escolhido: Os que se mettem
Na *Tragedia* ser devem mais sucintos ,
E de menos ornados labyrintos ,
Que os que leva a *Epopeia*: haõ de medir-se
Pela extensão da *Fabula*: a primeira
He muito mais pequena , que a segunda:
Nesta diversidade he que se funda

O acerto do *Episodio* : Seja grande
Na *Epopeia* , mas seja mais conciso
Na *Tragedia* : Com pouca mais certeza
Medir-se póde o acerto da grandeza :
Elles pedem huma larga variedade:
Huns tristes haõ de fer , outros alegres ,
Huns militares , outros amorosos ,
Infelices talvez , ou venturosos :
Nos diversos objectos se deleita
E se commove a alma , ao mesmo tempo ,
Que sustentar naõ póde o seu agrado
No aspecto de hum só gosto continuado.

O *enredo* se prepara nos estorvos ,
Em que tropeça a *Acção* nos seus progressos ,
Ou sejaõ produzidos pela sorte ,
Ou pela emulaçaõ , ou outro impulso ,
Que difficulte o *exito* : procede
Este embaraço sempre em quanto dura ,
Sem mudança a teimosa desventura ,
E só quando esta cede , e principia
A mudar-se a fortuna , entaõ começaõ
A mostrar-se os esforços , com que occupa
Na *Scena* a *soluçaõ* , até que possa ,
Já de tantos obstaculos annexos ,
Romper os laços , desfatar os *nexos*.

Porém

Porém esta doutrina representa
Ou supõem, que a *Tragedia* não acaba,
Com hum *tragico* fim: neste sentido
Deveis estar agora persuadido
Que aqui falla Aristoteles dos *Dramas*,
Que tem hum fim glorioso: na *Epopeia*
O *nexo*, e a *solução* melhor se logra:
N' hum *exito* feliz se substituem,
Com todo aquelle encontro, que se enlaça
Entre os giros da gloria, e da desgraça.

Este combate, que hum infausto alento
Sustenta nos successos, se encaminha
Sempre ao *terror*, e á *compaixão* daquelles,
Que ao tragico espectáculo concorrem:
Outro affecto a *Tragedia* não acceita;
Só destes o Auditorio se aproveita;
Pois vendo tristemente repetidos
Tantas vezes aos olhos os successos
Já terriveis, fatais, ou lastimosos,
O costume de vê-los, lhe modera
E lhe purga as paixoens no impulso forte,
Com que perturba a alma o horror da morte.

Tambem por outro modo he proveitosa
Esta tragica *Scena*, porque as almas

Feras , e turculentas tendo á vista
Taõ repetidamente estes objectos
Da *lastima* , e *pavor* ; nos seus affectos
Pouco a pouco se vai introduzindo
A piedade , e a clemencia , e resistindo
A'quelle sentimento dissoluto ,
Que infama o homem , que define o bruto.

Entre os expositores se contende
Se estas acçoens terrificas aos olhos
Se haõ de pôr do concurso , se narradas
De alguma personagem da *Tragedia* :
He certo que na esphera dos sentidos
Aquillo , que entra só pelos ouvidos
Naõ faz tanta impressaõ , como na vista ;
Mas com tudo ha huns casos taõ atrozes ,
Que he preciso que sejam mais velozes ,
A' nossa comprehensaõ , e naõ imprimaõ
Tanta horribilidade no conceito :
Aquelle , que tiver este defeito
Naõ deve vir á *Scena* , e se confia
Só de hum prudente modo de annunciá-lo ,
E que possa , sem quebra da verdade ,
Na *lastima* encobrir-se a atrocidade.

Matar a Mai seus filhos he delicto ;

Taõ

Tão feio, e abominavel, que se fora
Disposto inda na barbara presença
Do peito mais ferôz, o perturbara,
E hum golpe tão fatal cheio o deixara
De confusão, e horror : deste successo
Horacio se lembrou para advertir-nos
Que o que for tão horrendo, e infamatorio
Não deve ser exposto no Auditorio.

A observancia, e caracter dos *costumes*
Das personagens, que se vem nos *Aêtos*,
He dos pontos mais graves da *Tragedia*:
Já toquei mais acima neste aviso,
Da mesma forte aqui serei conciso,
Pois bastará dizer-vos, com o Mestre,
Que os *costumes* se mostraõ pelo meio
Das acçoens, e palavras: se com ellas
Se representa hum Grande, ou hum soldado;
Hum erudito, hum velho, hum generoso,
Hum forte, hum instruido, hum cubiçoso
No principio do *Drama*, deve sempre
Ao depois sustentar este caracter,
Não sendo nunca o velho, sem cubiça,
Sem instrucção o Sabio, sem firmeza
O soldado, ou o Grande, sem grandeza,
Pois se o Grande talvez se mostra avaro,
Froxo

Froxo o soldado, o douto negligente,
O velho liberal; impropriamente
Se vai contra o carácter das pessoas,
Desmentindo-se o espirito, e o conselho
No Grande, no soldado, sabio, e velho.

Quatro prerrogativas se procuraõ
Dos *costumes* na maxima: *Bondade*,
Igualdade, *decoro*, *conveniencia*:
A *Bondade* não pede que a eminencia
Na virtude se exponha, pois dissemos
Que esta ao *terror*, e á *lastima* não tinha
Aquella propriedade, que convinha:
Bastará que a *Bondade* huma virtude
Abranja só mediocre: O *Decoro*
Pede que se approprie o que pertence
Ao sexo, idade, e emprego das pessoas,
E ao genio da Nação: por esta causa
Há de saber-se a obrigação precisa,
Que serve de esplendor, ou de divisa
Ao Rei, ao General, ao Conselheiro,
Ou a outra figura, que se offreça
Na pompa do espectáculo; e applicar-se
O que só lhe convem, e fica proprio
A' sua propensão, á sua idade,
Ao seu tempo, Nação, ou dignidade.

Por não ser attendida esta advertencia
Se caie alguma vez na incongruencia
De se dar aos Heróes do tempo antigo
Os *costumes*, que temos adoptado,
Sendo tão differentes tão oppostos
Aos nossos os da velha Grecia, e Roma:
A atrevida ignorancia, que não toma
Sentido nesta grave circumstancia,
Com que altera os *costumes* a distancia,
Pertende condemnar o grande Homero
Por entender que nelle são abusos
Não dar aos seus Heróes os nossos usos.

A *Conveniencia* he huma semelhança,
Que na *Fabula historica* se alcança
Quando introduz alguma personagem,
Que já se tinha feito conhecida:
Deve esta ser proposta, com a vida,
Inclinação, ou genio, que na *Historia*
Conserva a vigilancia da memoria.

Com esta lei não póde figurar-se
Hum Achilles cobarde, nem valente
Hum Thèrsites, pois nunca este conceito
Pode n' alguma parte ver-se acceito,
Por se achar repugnante, e convencido

Desse

Desse objecto, que temos comprehendido.

A *Igualdade*, que pomos nos *costumes*
He de sempre sostê-los em hum ponto
Preciso, e indeclinavel, conservando
Todo aquelle caracter, que ao principio
Se deo á personagem: sempre Achilles
He fero, e incorregivel: Agamemnon
He sempre generoso: Ajax valente,
Sagaz Ulysses, e Nestor prudente.

Ser póde algumas vezes necessario
Que se mude de genio: esta mudança
Há de ter hum impulso tão activo,
Tão preciso, tão forte, e sensitivo,
Que consinta, ou desculpe a variedade,
Sem chegar a offender a propriedade:
Clemente Eneas foi, mas fero, e duro
Se nos mostra de Turno com a morte:
A cega inspiração da infausa sorte
Os despojos lhe offrece de Pallante:
Mudou logo a piedade de semblante:
Turbou-se a compaixão, e na impaciencia
Póde mais a vingança, que a clemencia.

O *estyllo* na *Tragedia* necessita

De

De ser mais encorpado , mais vehemente ,
Mais acezo , e sublime ; mas a pompa
Não lhe deve tirar a suavidade ,
A harmonia , a cadencia ; nem a altura
Fazer aspero o metro , e a phrase escura.

Seja a elegancia propria de quem falla :
Falle o Rei com imperio , com receio
Falle o velho , a donzella , com modestia ,
Com instrucção o douto , com constancia
O Capitaõ , o rico , com a lento ,
E o pobre com humilde encolhimento.

Quizera que a *Tragedia* , e a *Epopeia*
Em verso se fizesse , e este *rimado* :
O ser em verso solto , não o approvo :
Entre nós este empenho he arduo , e novo :
Póde vir a acceitar-se com o tempo ,
Mas inda o nosso agrado não consegue :
Gongora disse ja que *antes queria*
Achar hum touro solto na campanha ,
Do que este verso solto : a nossa Hespanha
O tem sempre julgado desgostoso :
Bem que a Italia o reputa deleitoso :
A introducção do Verso , sem consoante ,
He quasi parecida , ou semelhante ,

De outro deleite estranho , que inventaraõ
Os Tragicos modernos produzindo
Amorosos assumptos na *Tragedia*:
Nunca quiz attender a gravidade
Da sabia, da severa Antiguidade
A taõ liviana empreza: pertendia
Emendar as paixoens , naõ pervertê-las :
A *lastima* , e o *terror* só desejava ,
Que o coração sentisse: consultava
A alma, e naõ o genio do concurso:
Hoje a *Tragedia* antiga nos desgosta,
E só nos deleitamos nas imagens
De hum indigno espectaculo: bem cego
Se faz quem desconhece o gosto Grego.

Sendo o Edipo o esplendor do engenho humano
Mais feliz , que atégora se tem visto ,
A' nossa lingua o trouxe, e me parece
Que com bastante alento, e propriedade:
Levou-se ao *theatro* , sem algum effeito
Desta illustre expressaõ: que mais defeito
Da nossa miseravel ignorancia,
Ou que prova maior teria havido
De estar o nosso gosto corrompido?

As ultimas porçoens *qualitativas* ,

Com

Com que a *Acção*, ou se adorna, ou se divide,
São o *Apparato*, e a *Musica*: ao primeiro
Pertence o *adorno*, a variação das *Scenas*,
Personagens, e trajes das figuras,
A magnifica pompa das pinturas,
Palacios, e jardins: ha quem discorre
Que nesta construcção se despendia
Quanto no campo o exercito podia
Gastar com abundancia: tanto empenho
Nesta fastosa maquina mostravaõ
Grecia, e Roma: só nellas se acceitavaõ
Para a *Scena* os *Actores*, que a propunhaõ,
Com mais habilidade, mais viveza,
Mais genio, propriedade, e natureza.

As formas, e inda as cores dos vestidos
Eraõ tambem conformes ás pessoas,
A' Nação, profissão, e dignidade.

Naõ se admittia grande quantidade
De *Actores*, e na *Scena* praticavaõ
Dous, ou tres; e era só, pelo que finto,
Por naõ fazer o *Drama*, labyrinth.

Da *Musica*, que foi naquelle tempo
Qualidade precisa da *Tragedia*,

Nada quero dizer-vos , porque agora
O nosso *Poema tragico* a não usa :
Falta sómente dar conhecimento
Das *partes* , que chamei *qualitativas* :
Divide-as Aristoteles em quatro :
O *Prologo* , o *Episodio* , *Exodo* , e *Coro* :
O *Prologo* continha aquella parte ,
Que precedia a *Acção* , e que durava
Até sahir o *Coro* : Sustentava
O *Episodio* a outra parte , que abrangia
Todo o tempo , em que o *Coro* fenecia :
Da entrada até a sahida deste *Coro*
He que era o *Episodio* ; *Exodo* o espaço ,
Que daqui se seguia ao fim do *Drama* :
O *Coro* se formava , com a tropa
De bailarins , e musicos : dos *Actos* ,
Que ao depois se fizeraõ taõ exactos ,
Não nos falla Aristoteles ; pois era
Esta subdivisão inda ignorada
Na idade , em que vivia : serem cinco
Foi o estylo commum ; e Horacio manda
Que nem menos , nem mais , porèm ás *Scenas* ,
Ou ellas sejaõ grandes , ou pequenas
Não se tem dado numero : ficaraõ
Do Poeta ao livre arbitrio : corresponde
O *Acto* primeiro ao *Prologo* : o *Episodio* ,

E o *Coro* se comprehendem no segundo,
No terceiro, e no quarto; e se insinuâ
O *Exodo* no quinto: menos breves,
E com mais especificos exames,
Vos quizerá offrecer estes dictames,
Mas temo molestar-vos: estes bastão,
Para que a vossa chama reconheça
Tudo o mais, que eu omitta, ou que me esqueça.

PARTE TERCEIRA.

DA *Tragedia* a *Comedia* se distingue,
Não só na introducção das personagens,
Mas também no argumento, pompa, e estylo:
Na *Tragedia* fallavaõ tão sómente
Pessoas de carácter eminente,
E na *Comedia* as mais particulares:
Era naquella serio, e grave o assumpto,
Nesta quasi jocosó: eraõ pomposas
As *Scenas* nessa, e nestas, sem adorno;

Na

Na primeira era o *estyllo* o mais *sublime*,
Com hexametros Versos ; na segunda
Rasteiro , e familiar em Versos jambos :
O fim da distincão , que tinhaõ ambos
Estes dois espectaculos , se via
Em que aquelle sómente pertendia
Instruir o Auditorio , este alegrá-lo ;
Ou por dizer melhor , para insultá-lo
He que a *Comedia* antiga a *Scena* expunha ;
Pois da Satyra infame se compunha :
Na Grecia não havia Heróe insigne ,
Que não fosse opprimido , e profanado
Na publica insolência , com as vozes
Dos infosfriveis Comicos : na lingua
Desse mesmo Aristophanes , que leva
Ao ponto mais esplendido este *Drama*
Se mortifica , e se envergonha a fama
De encontrar taõ infame desaforo :
Com a lei mais severa , ao seu decoro
Foi em fim a *Comedia* reduzida ;
E sepultando a obscena impropriedade
Não reteve ao depois outro exercicio ,
Que encobrir a pessoa , e expôr o vicio.

Só com a differença , que vos tenho
Proposto nas diversas circumstancias

Das pessoas , da pompa , assumpto , e phrase ,
A *Comedia* se aparta da *Tragedia* :

São no mais os preceitos quasi os mesmos ,
E assim fica escusado que os repita :

Parece que outro estímulo me excita

A mostrar-vos os barbaros absurdos

Das *Comedias* famosas dos Modernos ,

Que tão bellas , gostosas , e brilhantes

Tem parecido aos míseros pedantes ;

Mas não quero metter-me nesta empreza :

Em paz deixar fiquemos esse gosto ,

Que huma ideia viciada tem disposto ,

Em Vega , Calderon , Candamo , e Mattos ,

E em todos os do Comico tumulto :

Confesso que em alguns não difficulto

Muita fecundidade , ardor , e engenho ;

Mas sem o mais preciso desempenho

Do decoro , e das regras : não se alcança

Nem medida , nem luz , nem temperança ,

E quasi sempre se acha o iverisimil ,

Com a despropoção , a inconveniencia ,

O excesso , a impropriedade , a negligencia.

Mas deixemos hum ponto tão ingrato ,

Vamos á *Epopéia* : Eu tenho dito

Della tudo o que basta no Anteloquio

Da

Da *Conquista de Goa*, e no *Triumpho*
Da *nossa Religião*, aonde devo
Remetter a feliz curiosidade,
Que vos leva aos dictames da *Poesia*;
E só aqui direi alguma cousa,
Que julgar mais precisa: as mesmas partes
Da *quantidade*, e *qualidade* expostas
Na *Tragedia*, se encontraõ na *Epopéia*:
As primeiras sãõ *Fabula costumes*
Sentença, e *locução*: tem as segundas
O *Titulo*, que o assumpto nos declara
Proposição da *Acção*, que se prepara:
Invocação do Nume, que se implora:
Narração do que abrange toda a empresa,
Que nos inculca a *Epica* grandeza:
Por *Fabula* se entende huma façanha
Notavel, e eminente, acontecida
A hum Rei, ou pessoa esclarecida,
E imitada com metrico artificio,
Para dar huma maxima importante,
Ou huma ideia de hum *Heróe* brilhante,
Que na luz da *Epopéia* concebemos:
A *Fabula* inda além do que dizemos
He lei irrevogavel, de que seja
Verisimil, feliz, maravilhosa,
Inteira, e de grandeza conveniente,

Huma

Huma , e só de hum *Heróe* : a maravilha
Buscar não só se deve nos empenhos
Da *Acção* ; porèm no modo , com que os narra
A força do enthusiasmo , melhorando
Da Natureza o impróvido defeito ,
Para fazer o objecto mais perfeito :
Sem dizer os successos como foraõ ,
Mas como ser deviaõ , sem que intente
Nunca do verisimil apartar-se ,
Por mais que o leve o impulso luminoso
Ao estranho , ao sublime , ao portentoso.

Na inteireza da *Acção* deve mostrar-se
Principio , *meio* , e *fim* , como já disse
Nas regras da *Tragedia* : na *grandeza*
Deve haver proporção : mais dilatada
Se faz a da *Epepeia* , mas não tanto
Como as de Homero , porque causa tédio
O ler quinze mil versos successivos ,
Que compõem qualquer dellas : na *unidade*
Se observa a mais precisa qualidade
Da *Fabula* , e do *Heróe* ; que tão sómente
Há de obrar , sem mostrar-se dependente
De outra alguma pessoa , e fazer sua
A gloria , com que a empreza o condecora :
Da mesma sorte *simples* , ou *implexa*.

Póde ser esta *Fabula*: ajuntando
Tambem a *Peripecia*, e a *Epignosis*;
Com a advertencia só de que a mudança
Que alli o *Heróe* na *Peripecia* alcança,
Em quanto o *meio* do argumento dura,
Da desgraça há de ser para a ventura.

Da *Epopeia*, e *Tragedia* os *Episodios*
Tem os mesmos dictames, bem que aquelles
Devem ser mais extensos; e que saiaõ
Todos do mesmo corpo, como os ramos
Vaõ nascendo do tronco: este preceito
Nunca o vi cabalmente satisfeito
Nos mais illustres Poetas: he doutrina
Onde está, com infausta diligencia,
Menos a execuçaõ, que a intelligencia.

As quatro *qualidades* dos *costumes*,
Que deixo na *Tragedia* ponderadas,
He preciso que se achem na *Epopeia*:
Haõ de propôr-se, com diversa ideia,
Nas palavras, e acçoens, e distinguil-os
Com formas differentes, e applicá-las
A varias personagens, varios genios,
Huns intrépidos, outros moderados,
Atrevidos, coléricos, prudentes:

Enfada-le o Leitor notando as mesmas
Propenções nos espiritos dos homens;
E deleita a gostosa novidade,
Que sempre nos offrece a variedade.

Nas personagens de Virgilio, e Homero
Mal se descobre o genio: a fortaleza
He todo o seu espirito: percebo
Apenas a amizade no carácter
Do confidente Achates, distinguido
He só por este affecto esclarecido.

Para achar nos *costumes* o conceito
De bons, e congruentes, necessario
Naõ he que elles se fundem nas virtudes:
Toda a sua bondade aqui consiste
Em naõ contradizerem o carácter
Da personagem, que se tem exposto,
Inda no homem mais impio, e mais disposto
A todas as maldades se consegue
Serem bons os *costumes* se condizem
Com a ideia, que delle concebemos;
E naquella pessoa, que os extremos
Segue de heroicidade, máos feriaõ,
Se nella se alcançasse, ou se advirtisse,
Que no carácter, que o discurso alcança

Naõ se lhe descobria a semelhança.

Na pessoa do *Heróe* todo o cuidado
Deve empregar o Poeta: entre os Antigos
Naõ se formava bem a heroicidade:
Por *Heróe* se julgava hum homem fero,
Impaciente, colérico, orgulhoso,
Terrivel, implacavel, e teimoso,
Cheio de força, e robustêz: Homero
Assim nos pinta a Achilles; mas Virgilio,
Nascido em outro seculo mais culto,
Nos descreve hum *Heróe*, sem tanto insulto;
E entre o calor de hum animo esforçado,
O faz doce, piedoso, reportado,
Reconhecido, placido, prudente,
Aprazivel, magnanimo, clemente.

Há de ser pois o *Heróe* bem parecido.
A's virtudes do tempo, em que a *Epopéia*,
Conduzindo-o da fama ao alto templo,
O exponha á nossa vista, e ao nosso exemplo.

As raras qualidades, que em Eneas
Mais pernotou Virgilio, foy a estirpe
De huma esplendida origem, foy o impulso
Das mais nobres façanhas, a constancia

Nos fustos, e trabalhos, a estatura,
A força, e a magestade: destes dotes
Dido menção fazia, desculpando,
Com elles, todo o ardor do peito brando,
E a inquietação, que o raio de Cupido
Lhe tinha dentro n'alma introduzido.

Com tudo, sem metter-se algum defeito
Nas virtudes do *Heróe*, não ficaria
Verisimil talvez: a humanidade
Nunca pode chegar áquelle ponto
De huma tal perfeição, que não consinta
Em tudo o que se faz, ou que se pinta
Os resquícios fataes da sorte humana:
Os que menos os sentem são aquelles,
Que *Heróes* podem chamar-se: da fraqueza
Nunca pode eximir-se a Natureza.

Só desta sorte deve o *Heróe* propôr-se,
Para ficar em termos de seguir-se:
Esse intento infeliz de conduzir-se
Ao mais sublime acerto, fica inutil,
Pois vendo-se hum *Heróe* inacessível,
E onde subir não póde o humano alento,
Elmorece o desejo em huma altura,
A que chegar não ousa; e só procura

Encobrir a fraqueza no desprezo ,
Fugindo á indiscripção , que chega a dar-se
No impulso , que não pôde praticar-se.

As outras *pérsónagens* , admittidas
No corpo da *Epopéia* , menos devem
Ao metrico cuidado : tanto as vozes ,
Como as suas acçoens , sempre propensas
Hão de ser ás virtudes , de outro modo
Se estragará o exemplo ; inda que o vicio
Proposto alguma vez n' hum exercicio ,
Ou n' huma imitação bem manejada
Deixar pôde a virtude illuminada ;
Pois nos tem a experiencia persuadido ,
Que á vista do contrario cresce o alento ,
Com mais firme , mais prompto movimento :
Há quem diga que o acerto nos instrue
Não só ; mas que inda o erro nos ensina ,
Tirando de hum , e de outro igual doutrina.

Os Poetas , que entre as sciencias dos Antigos
Os primeiros Philosophos formaraõ ,
Suppunhaõ que as empresas mais illustres ;
E as mais grandes acçoens não se moviaõ ,
Sem ser pelos decretos das Deidades :
Das suas mais reconditas vontades

Depen-

Dependia o esplendor maravilhoso,
Que se pede na *Fabula*, motivo
Porque tudo o que os Numes inspiravaõ
No *Episodio*, ou na *Acção* era admiravel,
Parecendo que o ardor deste portento
Taõ alto, taõ excelso, e soberano
Naõ podia caber no esforço humano:
De *maquinas* se deo o nome sempre
A estas impressoens; e a maravilha
Se tinha infelizmente misturado
Nas Gentilicas sombras: estes Deoses,
Humas vezes occultos procediaõ,
Outras vezes na acção se descobriaõ:
Homero quasi sempre entre as esquadras
Os Conselhos, ataques, e congressos
Dos Troianos, e Gregos os destina,
Acompanhando o horror, o estrago, a ruina,
E combatendo de huma, e de outra parte,
Sahindo das batalhas já feridos,
Já triumphantes talvez, ou já vencidos.

Deste indecoro, desta indigna ideia
Há quem accuse Homero, eu naõ o accuso,
Mas sómente detesto o vil conceito,
Que meditava a louca Idolatria
Na rudeza infeliz destas idades,

Das

Das suas pertendidas Divindades.

Se he chimera entre nós a Theologia
Destes barbaros Ethnicos, não pôde
Lograr-se nunca nella o verisimil:
Por esta causa a congruencia pede,
Que desterremos da *Epopeia* a pompa
Destes falsos Celícolas, mettendo
Em seu lugar as luzes superiores
De outros mais verdadeiros resplandores.

Póde enlaçar os *nexos* toda a astucia
Da maligna serpente, e desfata-los
Algum Celeste esforço: desta sorte
Contra o poder do Abylmo, ou contra a morte
Se achará, com aspecto deleitoso,
O *verisimil* no *maravilhoso*.

Vamos agora ás *partes*, que se chamaõ
De *quantidade*: O *Titulo*, que he hum
Se vê nos Poetas com diverso gosto:
Huns do lugar da *Acção* o tem disposto:
Outros, com novo intento, o tem tirado
Só do nome do *Heróe*: acha-se tudo
Na *Odyssieia*, e na *Iliada*: a primeira
Do *Heróe* he que o tirou; e tambem vemos

Que

Que o lugar á segunda lho prepara :
Mas nem huma , nem outra nos declara
A *Fabula* no *Titulo* : remoto
Naõ deve ser da *Acção* , nem do argumento,
Nem da sua *Unidade* : deduzido
Nos persuade , e nos insta o bom sentido
Que elle seja da *Fabula* ; e quizera
Que só por este modo se fizera.

Deve a *Proposição* ser clara , e breve ,
Modesta , e comedida , sem ornato ,
Sem pompa , sem furor , sem apparato :
Alguns querem que nella naõ se inculque
Pelo seu nome o *Heróe* , mas que se entenda
Por hum nobre periphraze : presumo
Ser esta circumstancia , sem motivo :
Homero naõ sentio que era nocivo
O dizer no principio expressamente ,
Que de Achilles a ira he que cantava.

Como a *Epicã* antiga assecurava
Que o Poeta naõ sabia esse destino ,
Com que movia a *Acção* o ser divino ,
Justamente entendeo ser necessario
Hum Nume , que por modo extraordinario
Lhe desse esta noticia : desta ideia

Sahio a *Invocaçãõ* de hum Deidade,
Para propicia a ter na escuridade
Dos successos occultos, intimando,
Com este presuppõsto, que refere
Os casos, que não pôdem conhecidos
Ser de hum discurso humano, porque logra
Na sua remontada fantesia
'Tudo quanto se esconde á luz do dia.

Na *Epica* Christaá tambem se deve
Desterrar a influencia fabulosa,
Que neste falso Nume se julgava:
Além que a santa maxima se agrava
Desta superstição, o *verisimil*
Não consegue a decente propriedade:
Invoquemos o Nume verdadeiro,
Que sómente, com alta providencia,
Nos pôde conceder tanta influencia.

A *Narraçãõ* se julga, e se concebe
Pela parte mais nobre, e mais distinta
Do corpo da *Epopeia*: nella se acha
A *inteireza* da *Acçãõ*, o seu *principio*
O seu *meio*, e o seu *fim*; os *episodios*,
Os *costumes*, os *genios*, os *affectos*,
Todas as luzes, todos os objectos

De

De fabrica taõ alta : he lei precisa
Que ella seja admiravel na materia,
Que já era em si mesma portentosa ;
E que seja tambem maravilhosa
Naquella , que o naõ era , com ajuda
Do engenho , e do artificio : o extraordinario
Da *Acção* , e inda o caracter necessario,
Que se deve ao *Heróe* , e tudo aquillo
Que *maquinas* chamamos , contribue
No excessõ , com que alegre , e com que brilha,
Para taõ grande , e illustre maravilha.

Poucas vezes ao Poeta se concede
Que narre por si mesmo ; pois narrando
Naõ póde imitar bem , sendo este o empenho
Mais vivo deste *Poema* : as *personagens* ,
Que introduz a *Epopeia* propriamente
São sómente as que dizem : foi Homero
Neste preceito hum epico severo ;
Raras vezes fallava , e sempre havia
Quem toda a *narracão* satisfazia.

Delta o tempo se encontra na disputa :
Quarenta e sette dias se descobrem
Na Iliada , e mais onze na Odyssêia
Mas daqui naõ se tira algum preceito

Nem o deo Aristoteles : acceito
He o tempo de hum anno commummente
Neste, ou naquelle Mestre intelligente.

Se a *narracão* começa pelo *meio*
No artificio se funda, mas se rompe
Talvez pelo *principio*, esta se chama
Natural : huma, e outra se concede
Ao arbitrio do metro : tem louvores
As duas eleiçoes nos escriptores.

A *sentença* nas *Epicas* se julga
Por maxima moral, mas deve usar-se,
Com bastante cautella : da *Epopeia*
A feliz *narracão* he todo o objecto,
E não a *exhortação* : em fim o *estyllo*
Deve ser, como já temos notado,
Sublime, ardente, energio, elevado,
Cheio de imagens phrases, e figuras,
Mas nesta elevação nunca offendida
Deve ser a cadencia, a suavidade
A constancia, a harmonia, a claridade.

Finalmente a *Bucólica* se ordena
Na campanha, e na estancia mais amena,
Onde o ocio feliz dos camponezes

Na sua Lyra rustica suspiraõ ,
Ou se alegraõ , cantando os seus amores :
Talvez passando a clausulas melhores
Na sua pastoril Philosophia ,
Com mais util , e nova melodia ,
Inquirem , sem paixãõ , nem subtileza ,
O encoberto vigor da Natureza.

Muitos querem dizer que hum tosco objecto
Seja só o argumenço deste *Drama* :
Que não deve deixar a molle grama ,
Os bosques , o arvoredõ , o rudo canto ,
Ou da gaita , ou da frauta , ou do Psalteiro ,
Que não se trate mais , que do raseiro ,
Das migas , das çamarras , e do gado ,
E que este seja só todo o cuidado
De huma *Scena* campestre : eu não approvo
Este inerte , este misero preceito ,
A's vozes dos pastores : não implique
Que tambem a Floresta fructifique
As ideias moraes , e que debaixo
De algum canto grosseiro , se conheçaõ
Os preciosos thesouros da virtude :
Assim dos camponezes o alaúde
Póde erigir nos paramos amenos
Alguma vez os mysticos Sylenos

Do famoso Alcibiades, gravando
No pedestal a letra que o *mais nobre*
Nos simulachros rusticos se encobre.

Que seja o mesmo estylo das Aldeias,
Onde se occultem pródidas ideias
Pertendem muitos, e eu tambem sobresco
Esta mesma opiniaõ, pois a palavra
Seguir deve o caracter da pessoa;
E de outra sorte o *Drama* verisimil
Nunca póde ficar: em Garcilasso,
Em Camoens, em Virgilio, não se observa
Esta lei da *Bucólica*, conserva
A Musa na campina o mesmo estylo,
Que se acha na Cidade: não me obriga
Este exemplo a fazer com que eu prosiga
Estes termos polidos nos pastores.

Presumo que aqui tendes as melhores
Advertencias, que pude descobrir-vos,
Por dar satisfação a tanto empenho;
E deixo o mais á luz do vosso engenho.

F I M.

SE-

SEGUNDAS LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

E Stá conforme com o original. Estrella 29. de Março de 1765.

Fr. Francisco de S. Bento.

P O'de correr. Lisboa 29. de Março de 1765.

Trigozo. Lima.

DO ORDINARIO.

P O'de correr. Lisboa 29. de Março. de 1765.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO DESEMBARGO DO PA,CO.

Q Ue possa correr, e taxaõ em duzentos reis. Lisboa 19. de Abril de 1765.

Carvalho D. Velho. Affonsca Castro. Craesbeck.

E R R A T A S.

Paginas	regras	erros	emendas
3	9	brilhante	<i>brilhante ;</i>
5	15	eterna	<i>etherea</i>
15	4	affago	<i>afogo</i>

Ficaõ-se imprimindo as mais Obras do mesmo Author.

PALACIO DO SOL,
OU
P A N E G Y R I C O
G R A T U L A T O R I O ,
Q U E A O M U I T O A L T O ,
PODEROSO REI
D A G R A N - B R E T A N H A ,
D E E S C O C I A , D E I R L A N D A ;
&c. &c. &c.

E a toda a Nação Britanica

D E D I C O U
FRANCISCO DE PINA,
D E S A ' , E D E M E L L O ,

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima, e
Academico da Academia Real da Historia Portu-
guezza,*

Pelo Magnifico soccorro, que deraõ a Lisboa na
calamidade do Terremoto.



L I S B O A :

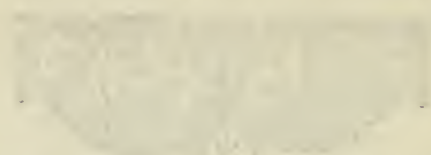
Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA,
Impr. do Ser. Senhor Infante D. Pedro, e da Sagrada Religiao de Malta,

MDCCLXV.

Com as licenças necessarias.

PODEROSO REI

TRATADO DE FIANÇA



L1280A

Em 12 de Junho de 1880

ARGUMENTO DA OBRA.

Dormia o *Author*, e se lhe representa-
va a *Caverna de Morphee*, aonde en-
trou a *Fama* inquietando o silencio da-
quelle lugar com o estrondo da sua trombeta :
Morphee, e as sombras somnolentas, que lhe
faziaõ a *Corte*, se deixáraõ ficar no seu pro-
fundo lethargo : Vendo a *Fama* que só o *Author*
se commovia, e julgando digna a sua attenção
de hum impulso sublime, o arrebatou ao *Palacio*
do *Sol*, em que se via historiada com esplendi-
das imagens a *Ascendencia da Casa de Bruns-*
wick : Explica-lhe a *Fama* esta brilhante *Ge-*
nealogia ; e chegando com ella a *Forge I. Rei*
da *Gran-Bretanha*, eis-que de improviso se ex-
tremece toda a maquina Celeste : Grita *Apollo*
por *Mercurio*, para se informar das causas de-
ste horrivel Phenómeno : Sobe o *Nuncio dos Deo-*
ses á presença de *Apollo*, e lhe faz hum narra-
ção do terremoto de *Lisboa*, e de como *Inglaterra*
soccorre a *Portugal* nesta lastimosa calamidade :
Suspenso ficou *Apollo* do magnifico auxi-
lio : Louva a grandeza do *Rei*, e mostra que
naõ consiste nas empresas béllicas, e na falsa
gloria das *Conquistas* a heroicidade ; mas nos

impulsos daquela alma grande , que acode ás misérias da Natureza.

Ainda que a immortalidade dos Principes só se alcança depois da morte , e então he que tinha lugar a Apotheoseos com que os Romanos pertendiaõ divinizar os seus Imperadores , determina Apollo que se confira ao Rei Forge II. este Soberano applauso , mandando-lhe para isso erigir hum Estatua no Throno Celeste ; e depois de a vivificar com os seus resplandores , a saúda com aquelle Elogio de que se fazia tão digno o seu alto merecimento.

Inspira então a Fama no clarim dourado todos os esforços da sua harmonia : Acorda o Author ao ruído , e conhece que o sonho se converte em verdade , e em historia a fabula.

PALACIO DO SOL.

C Ahia a sombra dos mais altos montes,
 Apagava-se a luz dos Orizotes :
 Sobre o nocturno plaustro apparecia
 A trifórme Deidade ; e a noite abria
 Das negras azas a mortal tristeza
 Com que enluta , e adormece a Redondeza.

Emmudeceu o mar , calou-se o ventô :
 Em profundo lethargo o humano alento
 Apenas respirava , quando a imagem
 De huma funesta , concava voragem
 Na ideia se me expõem : rotura estranha ,
 Cayada no mais fundo da montanha.

Nunca alli entrou Phebo : pela boca ,
 Em que alenta , ou talvez em que suffoca
 A muda indigestão dó escuro Abyfmo ,
 Aborta hum vaporoso parocismo :
 Mal se percebe o raio duvidoso .

En-

Entre as nevoas do centro tenebroso :
Naõ ruge a féra , naõ modula a aye ,
Nem o Fayonio com rumor suave
Suspira pelos ramos do arvoredor :
Habita a quietação , vive o segredo
Na phlegmatica estancia , onde o cuidado
Jaz em mudo silencio sepultado.

Sem uso , ou sem vigor de algum sentido
Rege Morpheo o globo denegrido
Da medonha caverna : os assistentes
Da Corte opaca , effigies apparentes
São de hum vago tropel , que em curso errante
Se forma , e se desfaz a cada instante.

Neste confuso affombro me julgava
Quando na Corte de Morpheo entrava
Hum monstro de cem linguas , que applicando
A trombeta a cem bocas , retumbando
Ficou na desigual concavidade
Por largo tempo a horrenda suavidade.

Naõ abre os olhos ao canoro accentor ,
Nem sente o estrondo o Nume somnolento :
Vê-se na mesma infausta decadencia
Toda aquella phantastica apparencia,

Que

Que junto ao leito infame adormecia :
Infeliz , malograda phantasia ,
Que nem inda desperta quando exclama
O dourado clarim da eterna fama !

Vendo a Nympha que eu só me commovera
Com o alto clamor , que reverbera ,
Ou se estende no templo da memoria ,
Julgando-me capaz de maior gloria ,
Quando menos o cuido me arrebatava
Aos Orbes Celestiaes , onde retrata
Tantas vezes nos circulos ligeiros
A clara multidaõ dos seus luzeiros.

Naõ fei como a fulcâr o ardor se atreve
Por golfos de crystal , ondas de neve :
Náufrago me veria na tormenta
De tanto resplendor , se a Fama attenta
Aos deliquios , que move a luz preclara
As minhas distracçoens não amparára.

Sobimos sobre as nuvens ; mais acima
Considero que o Fogo legitîma
Do Peripato a feita ; e foy ideia :
Diana , Mercurio , e Venus me recreia ;
Porèm não percebi naquella estrada

A mal-

A massa globulosa , ou estriada ;
E os trubilhoens se agitaõ nestas partes
Menos , que no discurso de Des-Cartes.

Desejei dilatar-me a ver se apuro
Qual dos systemas era mais seguro :
Se Copérnico a prova não contrahe ,
Que fará Ptolemeo , ou Tycho-Brahe ?

Puxava entaõ por mim a excelsa guia
Para entrarmos na Sála , aonde o dia
Tem a esplendida fonte : Apenas vejo
A máquina feliz , em que o desejo
Era menor , que a vista , entaõ adverte
A minha intelleção na sombra inerte ,
Em que o somno me tinha submergido :
Entaõ me persuadi que o meu sentido
Atélli entre sonhos me enganava :
Entaõ me pareceo que despertava ;
E illustrado do affombro , e do luzeiro
Presumî que era tudo verdadeiro ,
E affirmava que em bem taõ Soberano
Não podia a ficção formar o engano.

Era a casa do Sol hum Ceo propicio ,
Em que o rotundo aspecto do Edificio

Erguia hum pavelhaõ resplandecente
Sobre columnas de crystal luzente :
Na fabrica immortal em torno gyra
Huma arquitrave , ou zona de zaphyra :
De Apollo á chamma ardiaõ no Palacio
Os fundos do diamante , e do topacio :
No rubi , na esmeralda se mistura
O incendio , em que reflecte a architectura
E a ardente opposição das varias cores
Accende mais a luz dos resplandores.

Com inveja , ou pavor do triste Herébo
N'hum throno de marfim descança Phebo :
Parece que orbicûla no Orizonte
Com Eão , Pyrois , Phlegon , e Ethonte :
A outros se lhe finge que tempera
Sempre firme no diâmetro da esphera
Dos quatro brutos a paixaõ brilhante ,
E scintillando a colera arrogante
Formaõ nas ventas , que o fervor lhe inquieta,
De cada alento a cauda de hum cometa.

Alli entre as estampas brilhadoras
O anno , o mez , o dia , e inda as horas ,
Repartidas em quartos , e minutos
Serviaõ de luzidos estatutos

Ao compasso do tempo : Alli se achava
Nos objectos , que Apollo illuminava ,
Com mais doce semblante o senhorio
Do Outono , Inverno , Primavera , Estio.

Engolfados os olhos , e o discurso
Em tantas maravilhas , o concurso
Destes raros portentos me separa
De fixar a attenção na ideia clara
De algum destes objectos : confundido
Ficaria no espanto o meu sentido
Se na aurea , fulgente variedade
Não distinguira a etherea magestade
Hum congresso de estatuas , de que as pianhas
Eraõ globos das plácidas campanhas ,
Onde parece que no excelfo Polo
Mais se augmentava a luz do mesmo Apollõ.

Embebido no empenho da esculptura
Hum affombro me expõem cada figura ,
Vendo sempre hum prodigio em qualquer
parte ,
Que a vista pelas copias se reparte :
Taõ animadas , que a razaõ vencida
Permitte ao bronze que pertenda a vida :
Taõ brilhantes , que o Olympo se receia

De

De que Phebo conceda a ousada ideia
De contar tanta imagem peregrina
Entre os Numes da estancia crystalina.

A Nympha , que me via arrebatado
Em tão Celeste , em tão feliz traslado ,
Inda remonta mais o meu alento
Na historia do elegante luzimento.

Esta primeira estatua onde dirigem
Teus votos a attenção , he alta origem
(Canta a Fama) de hum ramo portentoso ,
Que por destino , e influxo luminoso
Passou de Hannover , com seu curso ardente ,
Da Gran-Bretanha ao Throno preeminente.

Este he *Accio* , (a) Varaó de eterna gloria,
Que affecta no exemplar inda a memoria
De outro invencivel *Accio* , que na idade
Do quinto Rei de Roma , a claridade
Deo com suas acçoens ao Exquilino ,
Ao Celio , ao Quirinal , ao Palatino.

(a) *Accio* , ou *Actius* viveo pelos annos de 390. da era
Christan : era descendente de *Actius* , que floreceo no Rey-
nado de Tarquinio Prisco , 600. annos antes de Christo.

Hum *Accio* novo (a) tanto ardor Celeste
Segue na direcção do Estado de Este ,
Donde Aurelio , (b) Tiberio , (c) e Affonso
(d) anima

A mesma descendencia que os sublima
Nos grãos da Successão , no impulso , e brio ,
Com que se forma o illustre Senhorio ,
E a pompa da Familia , que descança
Na Egregia ancianidade da lembrança.

Maximo (e) a tinha esplendida sustenta
No mesmo Principado , e tanto augmenta
Os luzeiros , que o tempo não consome ,
Que enche toda a medida do seu nome.

Em *Guelfo* , (f) e *Henrique* , Duques de
Baviera ,
O sangue de Este brilha , e se próspera
Na Progenie immortal : Inda que *Henrique* (g)
Def.

(a) *Este Accio foi Director do Estado de Este , morreo em 411.*

(b) *Aurelio Accio foi Senhor de Este , morreo em 418.*

(c) *Tiberio , Senhor de Este , morreo em 428.*

(d) *Affonso , Senhor de Este , morreo em 438.*

(e) *Maximo , Senhor de Este , morreo em 538. : Deste procedem os Duques de Ferrara , e de Modena.*

(f) *Guelfo , Duque de Baviera , morreo em 1111.*

(g) *Henrique , chamado o Negro , foy Duque de Baviera , morreo em 1125 : casou com Wilfilda , herdeira de Magno , Duque de Saxonia .*

Deffa estatua na cor te certifique
 O appellido de *Negro* ; este appellido
 O fez mais luminoso , e esclarecido ;
 Pois o accidente adusto do semblante
 Era hum nobre signal do ardor brilhante ;
 Queimando o fogo , que no peito hospéda
 A parte , em que batia a levareda.

Outro *Henrique* , (a) que o nome de *Soberbo*
 Alcançou com o impulso sempre acerbo ,
 Que Marte ao genio militar inspira ,
 Prosegue neste globo de Zaphyra
 A excelsa producção : Foi Soberano
 De *Baviera* , e *Saxonia* : Inda o *Thebano*
 A milicia aprendera nas façanhas ,
 Com que illustrou as béllicas campanhas.

Outro *Henrique* , (b) do espirito guerreiro
 Mais , que do Estado , singular herdeiro
 Foi Senhor de *Brunsvick* : em toda a em-
 preza

Mo-

(a) Henrique , chamado o Soberbo , foi Duque de *Baviera* , e *Saxonia* , morreo em 1139. : casou com *Getrudes* , filha herdeira do Imperador *Lothario* , que por sua mulher era tambem Senhor das terras de *Brunswick*.

(b) Henrique , chamado o Leão , Duque de *Saxonia* , e *Baviera* , e Senhor de *Brunswick*.

Mostrou a mais sublime fortaleza :
 Acçoens , com que os Esteropes , e Brontes
 O retratáraõ como Rey dos Montes :
 Vaticinio feliz estas medalhas
 Se fizeraõ das inclytas batalhas ,
 Das proezas , dos animos ardentes
 De tantos militares Descendentes.

Aquelle , que alli vêz com a Diadema
 Illustrando do Imperio a luz Suprema
 He Otton de Briusvick : (a) seu Filho (b)
 teve

O mesmo nome , e a elle he que se deve
 O dominio , em que alenta Lunneburgo :
 Ajuntando aos dictames de Lycurgo (c)
 As regras de Mavorte , o altivo acerto
 Em hum , e em outro respeitado Alberto (d)
 Reproduz tanta maxima fecunda :

Ma-

(a) Otton de Brunswick foi eleito Imperador em 1208. : morreo em 1218.

(b) Otton , chamado o Menino , foi o primeiro Duque de Brunswick , e de Lunneburgo : morreo em 1252. : casou com Mathilde filha de Alberto segundo Margrave de Brandenburg.

(c) Alberto Duque de Brunswick , e Lunneburgo , casou com Isabel , filha de Henrique , Duque de Brabante : morreo em 1279.

(d) Alberto Pinguis casou com humafilha de Henrique o velho , Principe dos Vandalos , morreo em 1318.

Magno Torquato (a) de esplendor a inunda,
 Competindo do nome a antonomasia
 Com esse insigne vencedor da Ásia.

Bernardo (b) não se aparta deste incendio;
 De tanta gloria ao rápido compendio
 Se exalta hum *Federico* portentoso, (c)
 Com o preclaro nome de *Piedoso*.

O *Magnanimo Otton* (d) a Estirpe esmalta
 Com gloriosa ambição: Não menos alta
 A faz *Henrique* o moço: (e) o Forte *Erne-*
sto, (f).

Que

(a) *Magno Torquato*, Duque de Brunswick, casou com *Catharina*, filha de *Waldemaro*, Eleitor de *Brandenburgo*.

(b) *Bernardo*, Duque de Brunswick, e *Lunneburgo*, casou com *Margarida*, filha de *Wencesláo*, Eleitor de *Saxonia*: morreo em 1434.

(c) *Federico* o pio, Duque de *Lunneburgo*, casou com *Magdalena*, filha de *Federico*, primeiro Eleitor de *Brandenburgo*, morreo em 1478.

(d) *Otton*, chamado o *Magnanimo*, Duque de *Lunneburgo*, casou com *Anna*, filha de *Joaõ*, Conde de *Nassau*, morreo em 1491.

(e) *Henrique* Junior, Duque de *Lunneburgo*, casou com *Margarida*, filha de *Ernesto*, Duque de *Saxonia*, morreo em 1532.

(f) *Ernesto*, Duque de *Zell*, casou com *Sophia*, filha de *Henrique*, Duque de *Meldenburgo*, Príncipe dos *Vandalos*.

Que de Zell o Ducado manifesto
 A's idades expõem , ao tempo indica
 A gloria , que lhe augmenta , e communica
 No rapto excelso de huma intelligencia ,
 Quê anima o resplendor da Descendencia.

Seguem *Guilhelmo* , (a) e *Forge* (b) o e-
 gregio lume
 Dos esforços sublimes , que no cume
 De tão invicta origem se descobre :
 Com as instancias deste influxo nobre
 Se illustra em Lunneburgo o Principado :
 E inda mais venturoso , e illuminado
 Ficou , com as acções de *Ernesto Augusto* , (c)
 Que enchendo de pavor , de medo , e susto
 De Marte o alento , nunca tanta gloria
 Se apagará no templo da memoria.
 Duque , e Eleitor de *Hannover* lhe domina
 O Fa-

(a) Guilhelmo Junior , Duque de Lunneburgo , casou com Dorothea , filha de Christiano , terceiro Rei de Dinamarca : morreu em 1592.

(b) Jorge , Duque de Lunneburgo , casou com Leonor , filha de Luiz quinto , Landgrave de Hesse Darmstadt.

(c) Ernesto Augusto , Duque , e primeiro Eleitor de Hannover , casou com filha berdeira de Frederico quinto , Eleitor Palatino , e de Sophia , Princeza de Inglaterra , pela qual lhe veio o direito com que esta Casa foi chamada pelos Inglezes ao Throno da Gran-Bretanha.

O Fado humã Princeza Palatina ,
 Neta de hum Rei Britano , que o direito
 Lhe traz de ser chamado , e ser acceito
 Ao Solio Magestoso ; e que importuna
 De balde o precipicio da Fortuna ;
 Pois mais firme inda está entre os altares ,
 Que heroicamente erige sobre os mares.

Seu Filho *Jorge Luiz* foi o primeiro , (a)
 Que de Jaques se fez glorioso herdeiro ;
 E em que a sôrte no alento , que lhe excita ,
 Toda a gloria do sangue felicita.

Aqui chegava a Fama quando o ruído
 De hum incognito impulso , estremecido
 Deixou o quarto globo , parecendo
 Que á violencia fatal de hum golpe horrendo
 Se rompiaõ , com misera ruina ,
 Os eyxos da estrutura crystallina.

Vacillantes talvez , ou mal següros
 Os Trópicos , Polares , e Coluros
 Descahiaõ do vinculo rodondo

Ao

(a) Jorge Luiz , seu Filho , e primeiro deste nome , e
 Familia no Solio Britanico ; cãsou com Sôphía , filha her-
 deira de seu Tio paterno Jorge Guilbelmo , Duque de Zell.

Ao repentino horror do enorme estrôndo.

Apollo , ou temeroso , ou perturbado
Na desordem do arrojo inesperado
Perdendo foi a luz ; e parecia
Que a noite entrava , sem correr o dia.

Entre os affombros do tremendo annuncio
Gritava o Deos fulgente pelo Nuncio ,
Que humas vezes , com subito rodeio
Se faz embaixador , outras correio :
Ouve o filho de Maia a voz canora ;
Traça as roupas ; e apenas se melhora
Sobre os hombros do vento , fende os ares.
Com as rápidas pennas dos talaes ;
Chega ao Solio brilhante , aonde espera
Que o mande o Director da quarta esphera.

Que insulto horrivel (diz Apollo) he este,
Que desordena o vinculo Celeste?
Falsoia a firme base ; em que se funda
Todo o pezo da maquina rotunda?
Tu , que vadeias em continuo alento
Tudo o que vai do Abyssmo ao Firmamento ,
Dá-me a saber o estranho parocismo
Que ha desde o Firmamento até o Abyssmo.

Não

Naõ he esta (ó Apollo) a vez primeira,
Que de hum hálito a colera estrangeira,
(Mercurio lhe responde) ou a arrogancia
De ardente mineral, na tolerancia
De se ver entre o carcere opprimido,
Se revolva, e arrebente enfurecido;
E que no arrojo do Elemento vago
Sinta a Esphera o tumulto, a Terra o estrago:
Mas o choque fatal, a ignea guerra,
Que com o Fogo, e o Ar teve hoje a Terra,
Foi taõ dura, e violenta, que eu julgava
Que o barbaro furor da luta brava
Novos Typheos, e Encélados fingira
Para escalar os globos de Zaphira.

Na força do combate hia defronte
Do Emporio Lusitano: Este Orizonte
Me expoz a Scena, que o furioso emprego
Fez nesta fundação do Sabio Grego.

A' vehemencia dos horridos impulsos,
Em que gemem os circulos convulsos,
Rodaõ miseramente os edificios:
Com funestos, enormes precipicios
Se abatem quantas fabricas apura
A douta ostentação da architectura.

Torres , Palacios , Templos , e Zimborios ,
Da Cidade elegantes promontorios ,
Huns em cima dos outros se despenhaõ :
As subterraneas coleras se empenhaõ
A naõ ficar na infólita batalha
Balcaõ , cornija , capitel , cimalha ,
Que naõ pague a phantastica ousadia
De subir , sem saber onde subia.

Em hum momento fica sepultado
Debaixo do furor precipitado
Hum numero , sem numero , de vidas :
Entre o horror dos penhascos submergidas
As riquezas se choraõ , que o Uniyerso
Alli depositou : o Fado aduerso
Naõ satisfeito da oppressaõ , que apoia
Muda em outra Carthago em outra Troia
A Cidade infeliz ; e nova ruina
Com as chammas vorazes lhe fulmina ,
Para que devorasse o incendio ignoto
Quanto havia indultado o terremoto.

Enrolavaõ-se em miseros refumos
Versateis orbes dos espessos fumos :
Refuscitavaõ das marmoreas quedas ,
As furiosas , errantes leyaredas :

A luz ,

A luz , e a densidade se confunde :
Em toda a parte o espanto se diffunde :
Não ha mais na extensão dos tristes gyros ,
Que horror , affombro , lagrimas , suspiros.

Aqui o Fogo , a Terra , e o Ar se ajunta
Para a Cidade ver , não só defunta ,
Mas convertida em cinza ; e falta a Agoa
Para estar conspirada toda a fragoa
Dos Elementos na violencia Eôa
Contra a invejada gloria de Lisboa.

Nem a Agoa faltou ; pois os cavallos
De Neptuno , aos terrificos abállos
Com que pulava o golfo , se rebellaõ
A^a doutrina das redeas ; e encapellaõ
De fórte as ondas no furor , que agitaõ ;
Que os mares sobre os mares precipitaõ ;
Redobrando-se as liquidas montanhas
Sobre o estrago das miseras campanhas ,
Talvez com o phrenético alvoroço
De terem tambem parte no destroço.

Clamava o Deos marinho sem que o em-
penho
De tanta voz o rustico despenho
Dos

Dos ceruleos frizoens atropellasse :
Se neste rudo estímulo empunhasse
O Ceptro formidavel das tres pontas ,
Ao feu pezado vinculo mais prontas
As submissoens dos brutos estariaõ ;
Porèm havia tempo , em que se viaõ
Sem a insignia que a furia lhe applacava ,
Que a hastea dura da trifulca clava
Tinha no arrojo , com que as ondas moye
Arrancado do punho ao Irmaõ de Jove
A Britanica gloria , sustentando
Dos ventos o poder , do golfo o mando
No pavelhaõ da esquadra vencedora ,
Desde a sombra do Occaso á luz da Aurora.

Com tanta furia , e força desmedida ,
De hum , e outro Elemento combatida
A Augusta Povoação ; funesta raia
Do pavor ficou sendo : Tudo he praia
O que foi edificio : Effes fragmentos ,
Que a ira desprezou dos Elementos ,
Huns no destroço apenas encoitados ,
Outros rotos , e os mais , despedaçados ;
Pállidos , denegridos esqueletos ,
Miseraveis porçoens , tristes objectos
Da vista , ou da lembrança , só ficáraõ

En-

Entre a cinzã , em que as pompas se trocáraõ ,
Servindo na fatal calamidade ,
De padroens lastimosos da faulade.

Na sombra das reliquias , onde a fôrte
Examina os escandalos da morte .
Taõ grande horror se infunde , que a ternura
Na mesma compaixaõ se desfigura ,
Pois quando a dor na lastima se enlaça
Inda os ays se exasperaõ na desgraça.

Tudo em mortal tristeza , ao longe aõ perto ,
Tudo em silencio está , tudo deserto ,
Tudo em luto , em miseria , e em pranto mudo ,
Tudo , sem ordem , sem alento , tudo .

De tanto luzimento , tanto indicio
De excelsa pompa , de esplendor própicio ;
De tanta ostentaçaõ , tanta riqueza ,
De tanta gloria , em fim , tanta grandeza ,
Naõ acha mais que a ideia vacillante
De huma afflicta memoria , o navegante .

Já naõ soffria a magoa que me assiste
Tantas especies de hum objecto triste :
Destas auras me aparto ; á Anglia terra

Se

Se encaminha o meu rapto ; alli se encerra
O meu allivio todo : alli respiro
Nas varias conversoens do errante gyro :
Erario do Commercio , Patria Augusta
Do esforço , e da equidade ; e onde se ajusta,
Ou já no Gabinete , ou já na popa
O equilibrio fatal de toda a Europa.

Eu o primeiro fui que ao Rei Britano
Fiz patente o destroço Lusitano :
O Regio coração se commovia
Em cada novo artigo , que me ouvia :
Penetrado do estrago lastimoso
Entre os golpes do peito generoso
Suspira heroicamente ; e fora a ancia
Capaz de remover toda a constancia
De hum alma invicta , se em taõ alta esphera
Algum deliquio do valor coubera.

Ao remedio , ao allivio logo applica
Todo o impulso sublime : communica
A^a inclyta Nação a heroicidade
Do seu excelfo estimulo , persuade
Inda mais taõ esplendido designio
Que a eminente attenção do patrocínio.

Enchem-se as náos de todo o furtimento
Que podia caber no pensamento
De hum magnanimo espirito ; a milhares
Se reparte o foccorro ; hombros os mares
Nem força tem , que possa ser conforme
A^a gloriosa oppressão da carga enorme.
Parecia que as ondas se animavaõ
De occulto alento , quando sustentavaõ
Em cima das espadoas vacillantes
O pezo , com que as máquinas nadantes
Encurvaõ no feu gyro arrebatado
A inchada presumpção do golfo irado.

Neptuno indocil , que em perpetua luta
Tinha apurado a válida disputa
Sobre o Ceptro da liquida campanha
Com o alto poder da Gran-Bretanha ,
Agora suspendido na piedade
Desta gloriosa acção , que a claridade
Do Heroismo verdadeiro , põem notoria
Nas láminas eternas da memoria ;
Mudando de desígnio , e de conceito
Tudo o que inveja foi , he já respeito :
E em signal deste obsequio ; determina
Convocar toda a prole crystallina
Para escoltar na placida derrota

O undivago esplendor da illustre Frota.

Apparece no pégo de improviso
Esse monstro feróz , que o regio aviso
Costuma dar ao Imperio vagabundo :
No buzio retorcido o alento immundo
Esforça com tão súbita harmonia ,
Que aballando a estanhada Monarchia ,
Não houve abyfmo , nem profunda estancia ,
Que não moveffe a horriavel consonancia.

Borbulha o clyma vago ao mesmo instante ;
E do velho Protheo o povo errante
Sobre as agoas se expõem : Vem Amphytríte ,
Vem Thetis ; e o prodigio de Aphrodíte
Desce ao Mar : Ninguem ha que não prefuma ,
Gyrando nos crystaes da branca escuma ,
Satisfazer á lei , que lhe decreta
O curvo horror da barbara trombeta.

Dos verdes Numes em cortejo nobre
A Corte formaõ no esplendor falobre
As filhas de Nereo (bellos affombros
Do maritimo Reino) sobre os hombros
De escamosos Tritoeus , o mar yadeiaõ :
Os amantes Favonios se recreiaõ

Nos

Nos seus doces semblantes : Sopra o Austro
 Sobre a concha feliz que erige o plaustro
 De huma , e outra Deidade ; e o brando alento
 Encrescando as planicies do elemento
 Incha a roupa das Nymphas , que batida
 Da inspiração alegre , que a liquida ,
 Burrifida talvez da undosa prata ,
 Finge nos ares toldos de escarlata.

Varios monstros marinhos , que seguião
 A illustre committiva , confundiaõ
 No rudo som dos caracões sonoros
 Não só o acorde estímulo dos coros ,
 Que as Deosas alternavaõ , mas apenas
 Se ouve o câncado estrondo das antennas ,
 Das cordas , e da chusma , repetido
 Na fadiga do nautico alarido ;
 Equivocado nas moçoens brilhantes
 O continuo feryor dos navegantes.

Authoriza Neptuno a perspectiva
 Da portentosa escolta ; e a força esquiva
 Dos indomaveis brutos , se tempéra ,
 Vendo erigido em mais alta esphera
 O invencivel Tridente , que se arvora
 Na fachada da Frota brilhadora ,

Em signal dos esforços Militares ,
Com que as ondas opprime , e vence os mares.

Se foi a Agoa , o Fogo , o Ar , e a Terra
Quem fez a Portugal a dura guerra ,
Os mesmos Elementos obrigados
De Lei mais alta , mais sublimes Fados ,
Hoje pertendem com melhor conflicto
Expurgar no remedio o seu delicto :
O Fogo tantas almas preeminentes
Estimula ao auxilio : diligentes
As auras batem nas inchadas véllas :
Naõ se lembraõ as ondas das procéllas :
E a generosa terra se traslada
Para a terra , que está desamparada.

Bem podereis , ó Náos , ter a ventura
De feres convertidas na figura
De Deidades maritimas ; que Eneas
Da piedade taõ próvidas ideas
Nem Tencros , nem Latinos lhe notáraõ ,
Quando as suas em Nymphas se mudáraõ.

Se colloca nos Astros a memória
De Jafon o Navio , pela gloria
Que no roubo alcançou do Vellocoino ,
Quan-

Quanto mais promptos a melhor destino
Sois , ó lenhos velozes , nesse arrojo
Com que sulcais o Mar , sem que o despojo
Conduzais de huma mísera jactancia ,
Mas fim toda a magnifica abundancia
De hum illustre thesouro , em que duvida
No excelso assumpto a ideia agradecida ,
Se foi nó auxilio da fatal tristeza
Maior a compaixão , do que a grandeza.

Mercurio aqui ficava quasi absorto :
Tambem Apollo n'outro igual transporte
Se via com tão alto desempenho
Do Regio Coração ; cujo desenho
Em tudo o que executa , alenta , e sabe ,
Obra , e dispõem , parece que não cabe
Com todo o resplendor da intelligencia
Na mais vasta , e feliz magnificencia.

O' gloria de Brunsvick (Apollo exclama)
Heróe mais digno de perpetua fama ,
Que nenhum dos que expõem tanta diviza
Nas láminas que o Olympo solemniza :
Nem Pyrrho forte , nem Achylles féro ,
Bem que aníme o clarim o ardente Homéro ;
Alcides , ou Theseo , ou outro humano
Teu-

Teucro , ou Latino , Argolico , ou Romano
Pode nunca contigo comparar-se :

Inda que na ficção chegue a formar-se
Outro Heróe das mais inclytas façanhas ,
Como fez Thebas nas acçoens estranhas
Que adoptou ao seu Hercules , não fora
Nunca tão immortal , tão vencedora
Do tempo , e do lethargo , a maravilha ,
Como aquella grandeza , que hoje brilha
No ethereo Movel , onde o azul caderno
Fará de dia em dia hum gyro eterno.

Huma quasi Divina natureza
Poz da Mythologia a subtileza
Nesses Varoens insignes ; conjectura
Tão falsa , como erronea : A grande altura
De hum animo sublime , não consiste
No enfermo impulso , na vangloria triste
De opprimir , e arruinar a especie humana :
A gloria mais feliz , mais Soberana ,
Os dotes eminentes , com que aspira
Hum mortal aos assentos de Zaphyra ,
E que lhe alcança em alto luzimento
De hum Semideos o illustre nascimento ,
Não he quando se mostra ao debil , fórte ,
Não he quando introduz o estrago , e a morte ,
O in-

O incendio , a guerra , os males no Universo ,
He só quando combate o Fado adverso ,
Quando applica o benévolo sentido
A² misera cadencia do gemido ,
Quando acode ao afflicto , quando ampara
O rogo , em que se irrita a sórte avara.

Tinja embora , entre as barbaras phalanges ,
Do Hidaspe as ondas , o crystal do Ganges ,
Sempre triumphante o filho de Filippe ,
Que nunca pelas agoas de Aganippe
Ha de passar o alento criminoso ,
Com que se expôs ao mundo , Victorioso ,
Destruindo , com feia anthonomasia ,
Taõ insolente a Grecia , como a Asia.

Perfuadaõ-se os Monarchas que a excellencia
Naõ procede da béllica potencia
Que se leva ás Próvincias : a Conquista ,
Em que o valor mais alto se regista ,
He fazer com que ao mal vença o remedio :
A força , a indignação , o horror , o affedio
He para a irracional , barbara furia
De tudo o que conspira á cega injuria
Da nobre humanidade : Huma alma grande ,
Por mais prodigios que á memoria mande ,

Num-

Nunca póde provar que he mais sublime ,
Que a dos outros mortaes , sem que se anime
Daquellas Soberanas qualidades ,
Que distinguem dos homens , as Deidades.

Essa clemencia , ó Rei , do illustre peito ,
Essa reputação , esse conceito ,
Em que tens a modestia ; a amavel ancia
De acudir á miseria ; essa ignorancia ,
Que affectas no poder do teu dominio ;
Esse continuo , ardente patrocínio ,
Que no auxilio consegue o triste affogo
Sem conhecer a lastima no rogo ;
Essa moderação , essa bondade ,
Em que mais se illumina a Magestade ;
He que tem feito o Heróe da Gran-Bretanha :
Em Dettingen a horrida campanha ,
Do Meno o undoso alento em sangue tinto ,
Das quilhas o boiante labyrintho ,
Que as espadoas opprime de Neptuno ;
O obsequio de Amphytrite , e de Portuno ;
As victorias do mar Americano ,
Mais excelfo faraõ , mais claro , e ufano
O teu nome immortal ; porèm a gloria
Mais sublime , e mais digna da memoria ,
A acção de hum Regio Superior destino ,
A que

A que mais se avizinha ao ser Divino ,
A que faz hum Heróe ; e a que se inflamma
No eterno resplendor da egregia fama ,
Não he , ó Rei , a indomita violencia ,
He sómente a doçura da clemencia.

Tu a tens conseguido ; e inda que fora
Atéqui menos viva , e brilhadora
Esta chamma immortal ; hoje bastára
Que a fizesses tão nobre , e tão præclara
Nesta dádiva immensa , para exemplo
Do influxo Superior , que aspira ao templo ;
Onde estaó , com ditosa segurança ,
Os perpetuos alentos da lembrança.

Dizendo assim , ordena que se erguesse
Huma estatua ao Rei Jorge ; e se pozesse
No meio da pompofa architectura ;
A' roda do Collofso lhe figura
De hum Iris todo o circulo luzente ,
Que a clara eternidade represente.

Entaó vibra do Solio hum raio activo
Mais penetrante , e mais executivo ,
Que a chamma com que a vida infunde ao
mundo :

Penetra a levareda no mais fundo
Da imagem luminosa ; e parecia
Que o bronze em resplendor se convertia.

Pois apenas da estatua no semblante
Se diffundio de Apollo o ardor brilhante ,
Quando a effigie se move , e vivifica ,
Com a alma , que a luz lhe communica.

De Prometheo a cálida Minerva
As sensiveis funçoens menos observa ,
Que o elegante scientifico traslado ,
Quando fôï deste incendio penetrado.

Depois que Apollo vio o suave effeito
Da viva chamma ; alegre , e fatisfeito ,
Pondo em muda attenção a Etherea estancia ,
Desta fôrte prosegue a consonancia.

Salve , ó Rei , salve , ó Principe glorioso ,
Liberal , Compassivo , Victoriofo :
Já te vês collocado na tribuna ,
Onde não chega a roda da Fortnna :
Já todo este Orizonte te promette ,
Que entre as voragens do profundo Lethe
Teu nome não cahirá no desalento

Em

Em que dorme o pavor do esquecimento.

Já tens vencido o tempo , a sombra , a inveja ,
Inutilmente contra ti forceja
A traidora inconstancia das idades :
Sobre quantas fataes adversidades
Póde mover a sôrte , te sublimas :
No templo da memoria já te anêmas ,
Onde nunca desmaia , ou se consome
A heroica vida de hum eterno nome.

Vive feliz , ditoso resplandece ,
Reina , alenta , prosegue , permanece.

Ao penultimo accento do Elogio ,
Retumba no Celeste Senhorio
Todo o impulso da voz , que a Fama inquieta ,
Póde esforçar no estrondo da trombeta :
Neste instante he que acordo , persuadido
De que tudo o que tinha comprehendido
Nãõ são formas vazias que componho
Na vaga phantasia ; e se foi sonho
Ficou sendo na historia , e no progresso
Verdade , o sonho , a fabûla , successo.

F I M.

CATHALOGO

DAS OBRAS IMPRESSAS DO MESMO

Author , as quaes se acharão na loja de Antônio da Silva da Costa , mercador de Livros , na rua Augusta , na travessa de S. Nicoláo.

T *Riumpbo da Religiaõ , Poema Epico-Polemico.*

Primeira resposta aos reparos que se lhe fizerão.

Segunda resposta a outros reparos.

Conquista de Goa , Poema Epico.

Primeira , segunda , terceira , quarta , e quinta parte das Rimas. Na quarta parte se incluye a Bucolica dividida em dez Eglogas de estylo Pastoril.

Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Conde do Vimioso , hoje Marquez de Valença.

Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Duque do Cadaval D. Jayme de Mello.

Apologo Metrico ao mesmo assumpto.

Epithalamio nas Nupcias do Conde de S. Cruz , supprimido pelo Author.

Genethliaco Hendecasyllabo ao mesmo assumpto.

Parenesis ao terremoto do primeiro de Novembro.

Romance Hendecasyllabo á morte da Augusta Rainha Dona Maria Anna de Austria.

Arte Poetica em verso dividida em tres partes.

Egloga , ou Genethliaco Pastoril ao Nascimento do novo Principe.

Pa-

*Palacio do Sol , ou Panegyrico Gratulatorio ao
Rei da Gran-Bretanha.*

Tradução do Edipo de Sophocles em verso.

*Balança intellectual , fuiu sobre o Novo Me-
thodo de estudar.*

*Conferencias expurgatorias em defesa da Ba-
lança.*

*Resposta a bũa Carta que escreveo ao A. o Ar-
cediogo Luiz Antonio Verney sobre a Balança.*

Carta compulsoria , supprimida pelo Author.

*Outra Carta ao mesmo assumpto , tambem sup-
primida pelo Author.*

*Carta Apologetica , em que se mostra como se de-
ve defender a Doutrina de Santo Agostinho
sobre a communhaõ dos meninos.*

Carta sobre a felicidade humana.

*fuiu sobre o terremoto do primeiro de Novembro.
David , e Absalaõ.*

Theatro da Eloquencia , ou Arte da Rhétorica.

*Oração Funebre que recitou o Author quebrando
hum dos Escudos na morte do Augusto Rei
D. João V.*

*Oração na Exaltação ao Throno de Sua Mage-
stade Fidelissima Reinante.*

*Oração na declaração dos tres filhos illegitimos
do Augusto Rei D. João V.*

*Carta Latina ao Pontifice Benedicto XIV. pe-
dindo-lhe licença para lhe dedicar o Triumpho
da Religiaõ.*

OBRAS

OBRAS MANUSCRIPTAS.

E *Pithalamio ao Excellentissimo Senbor Marquez do Lourical.*

Epithalamio nas Vodas Reaes.

Genethliaco ao Primogenito do Conde de S. Cruz, supprimido pelo Author.

Genethliaco ao Primogenito do Excell. Senbor Duque do Cadaval D. Jayme de Mello.

Proclamação Paramologica a Carlos III. Rei de Castella na invasão que fez no Reino de Portugal.

Medicina plagiaria transferida do Norte para o Occidente.

Dialogo sobre os Antisigillistas.

Pratica de Socrates com Alexandre nos campos Elysios.

Outra pratica de Socrates com Aristoteles no mesmo lugar.

Epithome da Disciplina Ecclesiastica.

Cartas Britanicas.

Pratica que teve o Padre Theophilo Cardoso com o bom arrieiro Amaro Fanha, vindo de Lisboa para Evora.

Oração no certame que fez a Cidade de Aveiro na Canonização de S. João da Cruz.

Romance de Acis a Galathea.

Apologia de Virgilio sobre o Discurso do Padre Feijoo de que a Pharsalia era melhor Epopeia que a Eneida.

Ora-

Oraculo do Desengano.

O Prometheo.

Affectos do arrependimento.

O Orpheo.

Panegyrico em Romance Hendecasyllabo ao Augusto Monarcha D. João V.

Dialogo historico da Herefia do XVI. Seculo.

Dialogo , e combate Polemico sobre a mesma.

Combate Apologetico sobre a Allegoria , que descobrio Manoel de Faria e Sousa nas Lusíadas de Camoens.

Ocio , e trabalho sobre as partes , de que se compõem a República.

Illustração á Centuria dos Epigrammas impressos do Excell. Senhor Conde do Vimioso , hoje Marquez de Valença.

Commento , e illustração do Epithalamio nas Nupcias do mesmo Excellentissimo Marquez.

Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Conde de Oeyras , filho.

Suspiros da lealdade Portugueza no execrando attentado de tres de Settembro.

Resposta á Critica , ou Satyra que se fez á Deseza da Deseza , de que he Author o P. Joachim Velho do Canto.

Phyllis , e Demophoonte , Poema Dramatico.

Propulsção Metrica Dogmatica contra o livro de Antonio de Oliveira , Apostata da Religião Catholica , em que attribue a calamidade do terremoto do primeiro de Novembro á veneração das Imagens Sagradas.

PALACIO
DO
DESTINO,
OU
EPITHALAMIO
NAS
FELICISSIMAS NUPCIAS
DO
ILL^{mo}, E EX^{mo} SENHOR
HENRIQUE JOSEPH
MARIA ADAM DE CARVALHO E MELLO,
E DA
ILL^{ma} E EX^{ma} SENHORA
D. MARIA ANTONIA
DE MENEZES.
POR
FRANCISCO DE PINA DE SA;
E DE MELLO,
*Moço Fidalgo da Casa de S. M. F., e Academico
da Academia Real da Historia
Portuguesa.*

LISBOA:

Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA;
Impressor do Senhor Infante D. Pedro, e da Sa-
grada Religiao de Malta.

MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias;

AO ILL.^{mo}, E EX.^{mo} SENHOR
SEBASTIAO JOSEPH
DE CARVALHO E MELLO,
CONDE DE OEIRAS,
Do Conselho de S. M. F., e seu Secretario de Es-
tado dos Negocios do Reino.

ILL.^{mo}, E EX.^{mo} SENHOR.



GRANDE trabalho , com que
ha poucos mezes me opprimio huma
inesperada infelicidade , de que me parece que
V. E. teria bastante noticia , naõ só entristeceu
o meu animo , mas destemperou a minha Lyra ,
quando eu a procurava mais alegre , e afinada
para cantar a repetida , e felicissima Aliança de
Carvalhos , e Menezes.

Não desconheço que ainda que a minha Musa estivesse muito festiva, e harmoniosa, e menos distante da citbára de Orpheo, e do espirito de Homero, a devia julgar improporcionada para tão sublime argumento, quanto mais no tempo, em que a vejo tão melancolica, e desfalecida.

Porém o antigo empenho, com que segui em todas as occasioens as benemeritas prosperidades da Casa de V. E., me deu hum novo alento para formar o Epithalamio destas esplendidissimas Vozes; e não sei se a voz que se enrouqueceu com a minha desgraça se aclarou com esta ventura, para ser mais bem attendida da benignidade de V. E.

Eu a desejava mais canora, que o clarim da Fama, mas que musica ha de articular hum debil esforço, que acaba de ser tão insultado com as iras da Fortuna?

Quantas vezes acometia a empresa mais difficil ma propunha a desconfiança; porém já não podia revocar o meu arrojo entre os generosos affectos com que V. E. tem favorecido este inutil Solitario, e a vivissima lembrança daquelles scientificos golpes, que algum dia receberão as minhas trovas da sua delicada lima.

Ainda por esta parte pedia a gratidão que eu empregasse tão proveitosas liçoens em hum assumpto, que tanto arrebatava o applauso da Corte, e o gosto de V. E.

Se eu houvesse de regular pelo meu alvoroço o de todos os bons Portuguezes , chegaria a certificar a V. E. que se não achava algum pensamento, que não levassè os seus votos á expectação deste felicissimo consorcio , pois nelle devemos todos ennobrecer os auspicios desse mesmo impulso , com que V. E. principiou a abençoar a Patria, esclarecendo com as melhores luzes as sombras do novo Occidente.

O Commercio, a Nautica , a Milicia, as Artes, as Sciencias, e sobre tudo a Paz, e a Justiça, que tem constituido tão florentes aquellas Monarquias , que se firmaraõ nestes sólidos fundamentos, a quem as deve Portugal senão a V. E?

De huma Provincia quasi barbara, como a reputáraõ atégora as Naçoens polidas , tem V. E. formado hum Imperio politico , e devendo-se tanto aos Reys em edificá-lo, O' quanto se deve a V. E. em instrui-lo. Esta foi a ancia dominante do coroado Heróe da Moscovia, que nunca chegou a satisfazer , porque nem em Le Fort, nem em Galovvín podia conseguir hum Ministro , ou hum Atblante , como V. E.

A felicidade da Lusitania consiste hoje em lagrar hum Soberano melhor que o Csar , e hum Conselheiro mais advertido , que aquelle famoso Colbert , que tanto adiantou a gloria Franceza.

Com a escolba destes genios tão eminentes , como

mo raros , he que os Monarcas felicitão os seus diademas , e immortalizaõ o seu nome.

E se os filhos naõ devem tanto aos Pais pelo nascimento como aos Mestres pela doutrina , tambem os Vassallos devem menos aos Principes pela dominação , que pelo governo.

Esta divida passará dos prezentes aos vindouros , e tantas vezes se lembrará na Historia hum *Joseph* o Benigno , o Liberal , o Magnanimo , o Pacifico , como hum *Sebastião* o Fiel , o Zeloso , o Sabio , e o Desentereffado.

Ficará taõ illustre monumento mais indelevel nos coraçoes , que nos escritos : Ainda que a mais temeraria maledicencia quizesse escurecer estes resplandecentes aspectos , nunca poderia desfigurar taõ gloriosas anthonomasias.

Na posteridade se farão mais elegantes estas feições , e a mesma distancia dos olhos dará maior attenção aos ouvidos nos ecos da fama , e no ruído da memoria.

Largo campo se me offerecia agora para deixar correr o estylo nas luminosas acções de *V. E.* , especialmente nas que asseguraraõ o Throno , fortalecerão o Dominio , civilizaraõ a Nação , e fundamentaraõ a decencia , e utilidade publica , senão receara desgostar a modestia de *V. E.* , e de que podesse nascer hum enfado de hum panegyrico : espero com tudo que *V. E.* se naõ mortifique de que
tam-

tambem nesta rustica solidão se dilatam alguns accentos destes harmonicos clamores, quando todas as Provincias do Reino os entoão, os repetem, e os solemnizaõ; e seriaõ ingratos aos beneficios de V. E. senão os reconbeceffem com estes acordes obsequios.

Com hum nova, e admiravel recordação as tem V. E. interessado em tudo o que pôde ser util, e decoroso ao Ministerio, exterminando de hum herdada ferocidade o insupportavel systema de que não ha Fidalguia, nem homem distincto fóra da Corte, nem outra classe, que a dos Grandes, e Plebeos.

Em quantas Aldeias quasi des povoadas se conservaõ ainda, cobertos de heras, e de musgo effes respeitados despojos do tempo, que nas mesmas ruinas estaõ respirando hum nobre, e saudosa antiguidade? Que presumpção, ou que jaçtancia pôde voltar as costas, e torcer o rosto a estas veneraveis antigualbas? E ainda assim se via sepultada no mais lastimoso esquecimento a Nobreza das Provincias depois de ter justificado tantas vezes o seu valor, e a sua fidelidade na defesa do Reino, fosse nas Tribunas, fosse na Campanha, com as togas, ou com as lorigas, com a penna, ou com a espada.

V. E. he que a soube resgatar deste lethargo, ou deste desprezo só com o dictame de não barver na sua affabilidade outra accepção, que a do merecimento.

cimento. Assim tem V. E. exercitado a sua Grandeza, e isto verdadeiramente he que he ser Grande. Nesta ponderação se deve incluír o maior elogio de V. E.

Bem que este circular conhecimento se pôde fazer mais brilhante na decoração das Torres, e dos Palacios, cuido que não ficará menos ventajoso na amenidade dos Apriscos, pois nunca nelle se equivoca ou se confunde o louvor com a lisonja, nem o cortejo com a dependencia.

Consinta-me V. E. que eu me persuada que tanto a minha indole, como a distancia em que vivo do concurso, me constitue nesta obsequiosa singeleza, e me parece que a tenho rectificado naquella ingenua propensão que sempre me levou ao Patrocínio de V. E., e á honra dos seus preceitos, em que desejo cultivar toda a extensão da minha obediencia. Deos guarde a V. E. muitos annos, Monte mór o Velho a 20. de Setembro de 1763.

Ill.^{mo}, e Ex.^{mo} S.^{or} Conde de Oeiras.

B. A. M. D. V. E.

Seu mais affectuoso, e fiel Criado

Francisco de Pina de Sá e de Mello.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do R. P. M. D. Thomaz Caetano
de Bem Presbitero da Congregação dos Cleri-
gos Regulares, Qualificador do Santo Offi-
cio, Examinador das Ordens Militares, So-
cio do numero da Real Academia.*

EX^{mos}, E REV^{mos} SENHORES.

SE a Poesia deve tambem a sua origem ao
cuidado , que sempre houve de celebrar
com os mayores applausos as acçoens dos
Heróes; e a mesma Arte introduzio a harmonia
dos Epithalamios , applaudindo assim a conser-
vação , e perpetuidade dos Espiritos sublimes :
naõ podia a mais armoniosa Lyra , que no se-
culo presente possuiue a Espanha, e talvez o Par-
nazo , descobrir neste genero assumpto mais
digno, e elevado , que aquelle , que he objecto
da presente composiçaõ poetica. Merece illus-
tre memoria na posteridade hũa Familia , qual
he a Illustrissima e Excellentissima de Carva-
lho , generoso Ramo do Real Sangue Godo;
fenaõ he de outro semelhante de Italia , que na
paz , e na guerra tem florecido com a produc-
ção

ção dos mayores Heróes ; bastando para credito , e honra da Patria , o Defensor , e Propugnador da liberdade Portugueza , o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Bem póde dezejar effa Monarchia se renove , conserve , e perpetue por meio das allianças o generoso Sangue daquelle Heróe , em cujo peito achou a virtude theatro para a sua mayor extenſão : como vemos nas ſuas prodigioſas acçoens ; e maravilhoſos effeitos do ſeu miniſterio ; com que ſervindo ao Soberano com o mayor zelo , hade ſer a melhor norma dos politicos , e luz da Patria. E porque aliás eſſe Epithalamio em nada offende a pureza dos bons coſtumes , e dogmas da Religião Catholica , me parece merecedor da licença , que a Voſſas Excellencias Reverendiſſimas ſe pede para ſe imprimir. Caza de noſſa Senhora da Divina Providencia , em 31 de Mayo de 1765.

D. Thomaz Caetano de Bem C. R.

V Iſta a informação , póde ſe imprimir a obra de que ſe trata, e depois voltará conferida para ſe dar licença que corra , e ſem ella , não correrá. Lisboa , 4. de Junho de 1765.

Trigozo. Mello. Thorel.

DO ORDINARIO.

*Approvaçãõ do Reverendo Doutor Pedro Simoẽs
Duarte Prior da Parochial Igreja
de Santa Justa.*

EX.^{mo}, E REV.^{mo} SENHOR.

DEste Epithalamio ideado no Palacio do Destino naõ sem destino da Alta Provi-
dencia foi Vossa Excellencia servido no impe-
dimento do M. R. e Erudito Abbade Diogo
Barbosa Machado nomear-me Revedor ; por-
que se este , ou outro qualquer tivera muito ,
que lhe agradecer na mercê de lhe dar a ler, an-
tes que pelo beneficio do prélo se communicas-
sem a todos, as glórias dos Illustrissimos, e Ex-
cellentissimos Senhores Condes de Oeiras nas
felicissimas Nupcias do Illustrissimo , e Excel-
lentissimo Senhor D. Henrique Joseph Maria
Adaõ de Carvalho e Mello , Filho do Inclito
Heróe digno da immortalidade , que pelas suas
egregias acçoẽs superiores a todos os mais ele-
vados elogios se tem feito gloria de Portugal ,
inveja dos Reinos estranhos , e admiração do
Mundo todo ; eu nesta mercê tenho mais que
todos, que agradecer a Vossa Excellencia, pois
tambem a todos excedo (assim pela minha an-

tiga obrigação aos Excellentissimos Senhores desta Excellentissima Caza , como pelo affecto herdado , e communicado de Pay , Avos , e outros Parentes meus , que tiveraõ a fortuna , e honra de fieis criados seus) no jubilo , e gosto de as ver cantadas pela sonora Lyra deste Lusitano Homero Francisco de Pina Sá e Mello , o qual nos eruditissimos , e innumeraveis escriptos , com que , como effeitos da sua continua applicação , e engenhozos partos do seu fecundissimo engenho , tem acreditado a Patria , e illustrado as sciencias , tantas vezes se tem qualificado de confôrme com a pureza da Fé , e innocencia dos bons costumes , e que tambem em nada se desfôrma nesta obra. E se com esta informação tenho como Censor satisfeito ao preceito de Vossa Excellencia , como taõ interessado nas gloriozas felicidades desta Illustrissima , e Excellentissima Caza , supplico com o mesmo Autor a licença , que pede , para que pelo Mundo todo fôe , e repita pelo seu dilatado clarim a Fama a sua Antiquissima , e Preclarissima Genealogia , a qual Deos com augmentos felicite , perpetue , e eternize pelo felicissimo Conforcio , dignissimo assumpto deste armoniozo Epithalamio. Lisboa , 30. de Junho de 1765.

O Prior *Pedro Simoens Duarte.*

Vif-

Vista a informação póde-se imprimir o papel que se apresenta, e depois torne conferido para se dar licença que corra. Lisboa, 2. de Julho de 1765.

D. J. A. de L.

D O P A Ç O.

Approvação do Doutor João de Alpoim e Brito Coelho, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Socio da Academia Real da Historia Portugueza.

S E N H O R.

O Preceito com que Vossa Magestade me manda ver o Epithalámio incluzo, envolvendo em si huma tão distincta mercê, como he a de anticipar-me o gosto, e a instrução da sua leitura, he sem duvida, que ainda que fosse possível faltar a minha obediencia, não deixaria de o cumprir o meu agradecimento. Li pois o Epithalamio intitulado: *Palacio do Destino*, composto nas Nupcias dos Illustrissi-

trissimòs , e Excellentissimòs Condes Segundos de Oeiras , por Francisco de Pina de Sá , e de Mello , Moço Fidalgo da Caza de Vossa Magestade , e Academico da Academia Real da Historia Portugueza : e bastando para elogio de qualquer das outras Obras deste illustre Autor , o dizer que he Obra sua , aqui não basta ; pois neste breve Poema , talvez para igualar o assumpto , se excedeu o Autor a si mesmo.

Assumpto , e Obra tudo he influxo do feliz Reinado de Vossa Magestade. Do de Luis XIV. em França , no qual concorreraõ juntos o grande Principe de Condé , e o Poeta Pedro Corneille , tambem por antonomazia o *Grande* ; movendo-se aquellê muitas vezes a lagrimas , assistindo ás representações das Tragedias deste , diz Mr. de Voltaire , com huma especie de saudade : Epoca memoravel , em que o grande Corneille fazia chorar o grande Condé ! Assim os Portuguezes vindouros , quando tiverem a infelicidade de ver o grande Vacuo , que deixaraõ o Mecenas , e o Autor , hum no Ministerio , e outro no Parnazo , exclamaraõ com inveja do tempo feliz que desfrutamos : Memoravel epoca , em que o grande Pina cantava as glorias do Grande Conde de Oeiras ! Pelo que , e por não haver

ver

ver nesta Obra couza alguma contra as Leys,
ou serviço de Vossa Magestade, me parece
dignissima de se imprimir. Vossa Magestade
mandará o que for servido. Lisboa, 5. de Ju-
lho de 1765.

João de Alpoim e Brito Coelho.

Que se possa imprimir, vistas as licenças
do Santo Officio, e Ordinario, e depois
de impresso tornará á Meza conferido,
para se dar licença que possa correr. Lisboa,
30. de Julho de 1765.

Doutor Velho. Affonsca. Castro.

Handwritten text at the top of the page, likely a header or title, which is mostly illegible due to fading.

Handwritten text in the upper middle section of the page.

Handwritten text in the middle section of the page, including a circular stamp or seal on the right side.

Handwritten text in the lower middle section of the page.

ARGUMENTO DO EPITHALAMIO.

O Anjo Custodio de Portugal vagava pelos seus Orizontes quando apparecia na Campanha etherea hum magnifico edificio, adornado das mais brillhantes maravilhas, objecto que deteve o seu rapido giro, e pertendeu saber quem habitava naquella nova, e prodigiosa architectura: entrando nella alcançou que era a casa do Destino pelas diversas, e mysteriosas figuras, com que estava condecorado.

Distinguia-se entre os elegantes portentos hum eirado em que se retratavaõ os Pinisles de Thebas, aonde fazia mais luminosa impressaõ a frondosa copa de hum Carvalho, e de hum Loureiro.

Intenta saber o genio a significacão destas esclarecidas arvores, em cujos ramos se viaõ representados muitos Heróes que se conduziraõ dos elysios para encherem os dois troncos de vegetaveis resplandores.

No Carvalho explica o Destino a Ascendencia deste appellido, e no Loureiro a dos Menezes, declarando a aliança que se prepara a estas illustrissimas Familias nos Desposorios do Heróe, e Heroína do epithalamio.

Com esta certeza se encaminha o genio aos campos bemaventurados , aonde tem Hymineo a sua habitação , e o conduz ao Palacio do Destino, acompanhado daquellas Virtudes , que felicitão o consorcio.

Cupido prepara neste lugar duas setas para acender o coração dos Espozos , que da summidade das arvores são levados por varios genios ao altar de Hymineo que já se achava construido.

Descem com hum a festiva allegoria as Deidades do Olympo , dando a cada hum dos confortes aquelles dotes com que as descreve a Mythologia , e cheios deste soberano concurso se fechaõ as cortinas do Thalamo , e ficaõ entregues a hum venturosa posteridade.

PALACIO DO DESTINO.

SUlcava o resplendor do campo Ethereo
 Com luminoso rasgo o excelso esforço
 Do genio Lusitano : entre a distancia
 Dos globos celestiaes , toda a elegancia
 De huma ardente , soberba architectura
 Aos olhos se lhe offrece : a arte a pura
 O mais sabio primor no frontispicio :
 Não tem membro , ou adorno este edificio
 A que suba , a que aspire , a que remonte
 A ideia de Diopeno , e Thesiphonte :
 Tudo excede na pompa , e no desenho
 A mais alta expressão de hum claro engenho.

Não se atreveu o espirito brilhante
 A alentar o seu giro mais adiante
 Sem primeiro inquirir que objecto illustre
 Lhe move a admiração : estende as azas ,
 E nos ares suspenso está notando
 Todo o vago portento , com que brilha
 Nos Orbes esta nova maravilha.

Em outro faces se divide a planta
Da nunca vista maquina : levanta
Outo torres á luz do Firmamento ,
Donde recebe o sublimado alento
Com que o aspecto glorioso se eterniza :
A octogona cimalha se matiza
De jacintos , topacios , e esmeraldas :
Compunhaõ-se de flóridas grinaldas
Os frisos , as cornijas , e arquitraves :
Parece que os remates regias aves
Pertendiaõ mostrar-se ao Sol sobindo
Para enfaiar impulsos superiores
Na chama de seus vivos resplandores.

Entre quatro columnas se erigia
A regulada serie das janellas ,
Onde os tremulos raios das estrellas
Concorrem com luzente variedade
Para fazer maior a claridade.

Sendo tudo admiravel neste affombro ,
Com que se expõem a fabrica sublime ,
Entra o genio immortal no empenho ardente
De saber quem habita em taõ luzente
Taõ exquisita estancia : Occupa a entrada ;
Por hum e outro lado fôrma a escada

Di-

Diverfos caracoës ; e entre os dois topos ,
Cravados de rubis , e de pyropos
Hum atrio se dilata , enriquecido
De varios nichos de metal brunido ,
Vestibulo , por onde se procura
O centro da magnifica estrutura.

Bem no meio do Alcazar portentoso
Se descobre hum falaõ , illuminado
De hum perpetuo relampago , que o Fado
Acende entre as pilastras crystallinas ;
E em varias capiteis de cornelinas
Descança com alegre altivo aspecto
A curva elevaçã do aureo tecto.

Nos concavos da abobada rotunda
Se estende hum grande circulo , que Apollo
Divide em doze partes , assistidas
Das imagens celestes , com que Jano
Na firme direçaõ reparte o anno.

Vê-se aqui Capricornio sem tristeza ;
Aquario menos humido ; faudaveis
Os peixes se conhecem ; sem mudança
Libra neste Zodiaco se alcança ;
Não produz o escorpiaõ algum veneno ;
Sem

Sem força o arco está de Sagitario ;
Não se descobre estímulo contrario
Nas reverfoens de Cancer ; menos vivo
Fica o Leão no seu impeto nocivo ;
Representa-se Astrea mais clemente ;
O carneiro , nem frio , nem ardente ;
Tauro está com mais branda qualidade ;
Geminis com melhor fraternidade.

Abaixo desta cinta brilhadora
Sete globos á roda se amplificaõ
Onde em golfo de luzes , sempre inquietas ,
Gira toda a influencia dos Planetas.

Saturno , sem malevolo semblante ,
Mavorte , sem espirito guerreiro ,
E Phebo com pacifico luzeiro :
Venus com apprazivel formosura ;
Mercurio com benevola doçura ,
Diana sem variedade , tem disposto
Com hum benigno aspecto , suave rosto
Nesta altiva , immortal circunferencia
O concurso feliz da Providencia.

Os angulos occupaõ do edificio ,
Com engenhoso , incognito artificio

O Tempo , e as Estaçoens : está Dezembro,
Inda que macilento , e desgrenhado ,
Alegre no contorno desfolhado :
No retorcido cofre de Amalthea
Sustenta a Primavera o senhorio
Da florecente pompá ; emenda o Estiô ;
Com o fresco Favonio , o igneo alento
Da abrazada Atmosphaera ; a chuva e vento
Não altera a fazaó do rico Outono ,
Mas antes em reciproca concordia
Respondendo-se estaó em laço eterno
A Primavera , o Estio , o Outono , o Inverno.

Os Mezes se regulaó pelos Signos
Sem receber os halitos malignos
De nocivos influxos : pelo raptó
Voluvel das espheras se conhecem
As horas , e os minutos , figuradas
Se vem em varias Nymphas , que apressadas
No seu curso , outras vezes vagarosas ,
Sempre se representaó venturofas ,
Bem que na proporçaó das azas leves
Se nos finjaó mais largas , ou mais breves.

No centro do apparato inaccessible
Hum throno se erguia de crystal ceruleo ,
Que

Que occupa com profunda authoridade
O formidavel vulto do Destino :
Em todo aquelle objecto peregrino
Raio não ha intrepido , ou ferenço ,
Que se atreva a apartar-se inda do aceno
Do seu tremendo arbitrio : a cada instante
Desperto , attento , activo , vigilante
Move os olhos a hum , e a outro lado ,
Donde depende o impulso illuminado
Da maquina estellifera : O Ethereo insulto ,
E o concurso benigno , he taõ occulto
Inda ás mais altas luzes das espheras ,
Que entre o archivo fatal das leis severas
Movimento não ha , sem que primeiro
Não seja , com affombro do sentido ,
No rosto da Deidade percebido.

Daqui tantos progressos infondaveis ,
Com que o Mundo se rege, he que descendem:
Daqui todos os Orbes he que aprendem
O regular esforço do seu curso :
Deste sublime implicito concurso
He que se move o Mar , assopra o Vento ,
Se anime o Fogo , existe o fundamento ,
Em que a Terra descança ; o bruto corre ,
A ave voa , o racional discorre ,

Sem

Sem quẽ nãs plantas huma folha caia
Nem vegete hum arbusto , sem que saia
O deliquio , e o vigor , que se lhe imprime
De escondida expressaõ , que o determine.

Na parede , que a entrada cõrresponde
Sẽ rasga hum semicirculo , firmado
Em seis columnas Jonicas , que serve
De portal a hum eirado , onde a memoria
Traslada com a mais antiga gloria
Os Penfies de Thebas ; entre as plantas
Mais altas , mais copadas se distingue
Banhada de hum benevolo luzeiro ,
A fronte de hum *Carvalho*, e de hum *Loureiro*.

O' Arvores provectas , taõ illustres ,
Taõ famosas em toda a antiguidade !
Inda cheias de airofa amenidade
Vos noto , vos faudo , vos contemplo :

Digna sois que com vosco se orne o templo ,
Que se tem consagrado á lei eterna :
Dignas sois que da luz , que o Ceo governa ,
Recebaes a frondosa redundancia ,
Que em vossos gomos pula ; e que a jaçtancia
Conseryeis de mostrar , sem decadencia ,

A vossa vegetante preeminencia.

Em ti *Carvalho* insigne se reveste
De cultivado adorno o ardor celeste,
Que a clara ancianidade te influa:
Em ti se anima aquella melodia
Que dos gloriosos Mellos se derrama
Na trombeta, e no altar da egregia fãma.

Tronco sempre feliz, e venerado
Nos annos mais distantes, dedicado
Ao seu Supremo Deos pelo Ethricismo,
Onde nunca se vio o parocismo,
Que os seculos promovem: se a grinalda
Tecias dessa esplendida esmeralda,
Que em teus ramos se alenta, para dares
O premio aos valerosos exemplares,
Que os Cidadaõs livravaõ do inimigo,
Que recompensa se usará contigo
Tendo firmado o REY no excelfo throno,
Tendo sido o mais inclyto Patrono
Da gloria Lusitana? E se livraste,
Naõ só hum, porèm muitos Portuguezes
Da violencia de hum Marte enfurecido,
Que coroa o valor esclarecido
Te deve preparar, se a Europa toda

No esforço , que em teu peito se acõmmoda,
Ou que no teu semblante resplandece ,
Libertador da Patria te conhece ?

Sempre fiel , sempre prompto , generoso,
Independente , activo , fervoroso
Ao proveito , e instrução do Reino augusto :
Sempre animado , pròvido , robusto ,
Sempre tranquillo nos successos , sempre
Impávido , e constante em toda a empresa ,
Sustentas a mais alta fortaleza
Do remontado Tronco , a cujo abrigo
Se antigamente tinha o seu focogo
Do Testamento a arca , tambem hoje
Pode dizer a Patria no que alcança ,
Que nesta mesma sombra he que descança.

Que justamente estás gentil *Loureiro*
De frente de hum *Carvalho* taõ sublime !
Que respeito haverá , que não te estime ,
Depois de ser de Apollo taõ amado ,
E de haverem-te os Cesares plantado
A^a porta dos palacios , como insignia ,
Do mais regio , honorifico caracter !
Depois que como dadiva Suprema
Aos Heróes tens servido de diadema ,

E a todos os que estão , cheios de gloria ,
No luminoso templo da memoria ?

Amparado , com verdes resplandores ,
Na serie de immortaes Progenitores
Debuxas a mais digna Descendencia ,
Que Portugal exalta nos seus Fastos :
Não de alguma torrente esclarecida ,
Ou do Olympo , ou do Pindo desprendida ,
Nem das liquidas perolas da aurora
Esse humor vegetante se melhora ;
Huma fonte purpurea he que fecunda
As preciosas raizes destas plantas :
De huma mina , ou origem rubicunda
(O^o Nympha sempre inquieta) he que levantas
No teu clarim dourado todo o alento
De teu nobre preclaro movimento.

Notando pois o Genio que os influxos
Da portentosa fabrica tendiaõ
Dos Troncos, ao augmento, e que a Deidade,
Que aqui preside a tanta herocidade ,
Se interessa com elles de tal forte
Que a pezar dos escandalos da morte ,
Ella mesma os cultiva , e os alimenta
Ao Motor do edificio representa

O desejo que tinha de instruir-se
Em tudo o que ali via : corresponde
Ao empenho do genio o Nume altivo ,
E por mostrar-lhe que em seu peito esquivo
A supplica lhe fora bem aceita ,
A deixa deste modo satisfeita.

Pois que sei que es Patrono da Provincia ;
Que tanto os Fados tem favorecido ,
Naõ te posso negar o que me pedes :
Escuso de dizer que estas paredes ,
Formadas de porçoens maravilhosas ,
São do Destino a Casa : as mysteriosas
Imagens , que a dispoem , e que a illuminaõ ,
Cuido que facilmente determinaõ
Este conceito á tua conjectura :
Que me ponha a explicar cada figura
Do Alcaçar magestoso , me parece
Que ha de ser escusado , pois conhece
Tal vez a tua ideia neste instante
Tudo o que adorna a maquina brilhante.

Presumo que he sómente o teu designio
Alcançar os segredos , que se escondem
Nesses Troncos , que tanto correspondem
No impulso do esplendor vegetativo :
Aquel-

Aquella pompã do *Carvalho* altivo ,
E do inclyto *Loureiro* constitûe
Duas estirpes , sempre venerãdas
Na tua Lusitana : Cada *Ramo*
Produce , ou fructifica hum Ascendente :
Na raiz do *Carvalho* está patente
O Principe Fereol , que em companhia
Do Conde D. Henrique veio a Hespanha
A mostrar huma santa valentia
Contra os Mouros na bellica campanha :
Alta origem foi este do Morgado ,
A que deu este Tronco sublimado
O seu illustre nome : Tem Domingos
De Fereol , ou Ferrol a dignidade
De ser o seu primeiro Descendente :
O somnolento escandalo da Historia
Nãõ entregou ao tempo outra memoria.

Bartholomeu Domingues , Soeiro Gomes
Neto , e bisnêto de Fereol soffreraõ ,
Com impaciente lastima da fama ,
Igual descuido no fatal lethargo
Dôs froxos , prigueiros escriptores :
Ninguem duvidará que os resplandores
De sangue taõ preclaro se eximiffem
Da torpe ociosidade , sendo o theatro

Das

Das façanhas a egregia Lusitania
Nos insultos da ruda Mauritania.

Fórma a quarta vergonta ao Tronço insigne
Fernando Gomes de Carvalho , aonde
Primeiro este appellido se illumina ,
Continuado em seu filho Gil Fernandes :
Varaõ dos mais gloriosos , dos mais grandes
Que acreditou a Patria: foi Gram Mestre
Da Ordem de Santiago: horror , e affombro
Da violencia Agarena , e carregado
De tropheos na batalha do Salado ,
Voltou triumphante ao Reino a reparti-los
Naquelle mesmo tronco , que a Nobreza
Fez hum novo padraõ da fortaleza.

Alvaro Gil , seu filho entrou na Casa
Sendo legitimado , e o seu conforcio
Meteu na Prole a luz mais estimavel
Com huma Irmaã do Santo Condestavel ;
Porèm seguio as partes de Castella
Na guerra , que deixou o Rei Fernando :
Passou seu filho Diogo ao mesmo bando
Perdendo a successão da Casa illustre ,
Que ao depois de acabada a competencia
Se prosperou na sua Descendencia.

Gil

Gil, bisneto do Gram Mestre, alcança
A antiga dedução, que ao diante funda
A Casa de Atouguia, e na segunda
De Diogo seu Irmão hum novo *Ramo*
Se veio a produzir em Cernancelhe,
Onde de Sebastião o fausto nome,
Entre hum Belchior insigne, repetido
Quatro vezes propoem este appellido,
Com aquelle vigor, que se levanta
Na constancia feliz da egregia Planta.

Hum Manoel, que he producto florecente
Das frondosas vergontas, traz aos gomos
Dos Almadas as luzes, e banhado
Em hum e outro alento remontado,
Gerou na illustre Casa o Egregio Conde;
Que tão prosperamente corresponde
A^o gloria do esplendor que o immortaliza:
Nelle o geral applauso solemniza
Os dotes, as acçoens, a claridade,
Com que se adorna a sua heroicidade.

Naõ só deixa contente, e satisfeito
O mais nobre, o mais sólido conceito
Do seu sublime espirito, e alma justa,
Mas de raios a arvore robusta

Novamente esclarece com a aliança
Da Familia de Daun , que a esperança
Dar nos pertende que no illustre Henrique
Se exalte , se fecunde , e multiplique
Toda a serie das laminas luzentes
De tantos venturosos Ascendentes.

No *Loureiro* tambem se fórma a estirpe
Dos Varoës mais preclaros , digno Tronco
Desta excelsa figura , pois coroados
Com elle os immortaes Antepassados ,
Gozando estaõ da prospera bonança
No eminente edificio da lembrança.

Sustentà de *Menezes* o appellido ,
Junto a antiga raiz , o esclarecido
Affonso Tello , generoso Chefe
Desta Familia em Portugal ; e á rodã
Do rutilante aspecto se acha toda
A sua veneravel Ascendencia :
Gonçalo era o segundo no concurso :
Seguia a mesma serie , o mesmo curso
Em Joaõ , Affonso Tello , e Pedro , aonde
Se inflammou inda mais , que a luz do dia
Deste Agnome a brilhante jerarquia.

Todos estes ao pé do Tronco luzem ,
E as vergontas , que d'elle se produzem
De Pais a filhos na Arvore de Phebo ,
São os Heróes , que tanta claridade
Nos trouxeraõ daquella a esta idade.

D. Joaõ Affonso Tello , de Barcellos
Primeiro Conde , e com seu nome o filho
Busca a estrada , que guia para a fama :
Do Mavorcio Heroismo em toda a chama
Resplandece Dom Pedro de Menezes :
Arde no mesmo incendio inexpugnavel
Do grande Duarte o coração altivo :
Com este mesmo fogo successivo
De Dom Fernando o intrepido semblante
Contra a furia do barbaro turbante ,
Por mais que a força bellica fluctua ,
Nas muralhas de Ceuta continúa.

Claveiro da christifera milicia
Dom Diogo fortalece , e faz propicia
A estimação da esplendida bandeira :
Hum D. Joaõ , que o appellido de Sequeira
Trouxe á Prole sublime , o genio ardente
Daquelle antigo espirito , patente
Em Tangere tem feito ; hum raro Diogo ,
Com

Com igual , militante defafogo
Na aurifera Provincia o luzimento
Justifica , não só do seu alento ,
Mas entre os resplandores do Dominio
Perderaó seu aspecto luminoso
Inda os quilates do metal precioso.

Outro Joaó , outro Diogo resplandece
Na verde copa deste Tronco augusto :
Na mesma proporção o ardor robusto
De hum Joseph se dilata que de Aronches
Introduz na Familia o egregio sangue :
A' mesma successão hum grande lustre
Buscou em Alemanha o filho illustre
Na Casa de *Reiner* : da mesma sorte
Joseph seu neto , tendo por consorte
Luiza de *Rappach* , de quem procede
Este novo *Prodigio* : excelfo assumpto
Deste celeste , singular transumpto ,
Que serve de coroa , ou de luzeiro
Na eximia summidade do *Loureiro*.

Inda que destas Arvores fecundas
As diversas especies se distinguão ,
Com igual movimento se remontaó ;
E agora felizmente se confrontaó ,

Porque está altamente resolvido
Por huma lei eterna que o appellido
De *Carvalho* , e *Menezes* se prospere
Em hum laço immortal de ambos os Tróncos:
O sagrado Hymineo ditosa a sorte
Fará do egregio Vinculo na Corte
Da augusta Lusitania: O genio apenas
Ouvio este decreto move as azas
Pela campanha aerea , procurando
Com hum rapto veloz o sitio , aonde
A Deidade Nupcial tem o compendio
Do mais amante , mais festivo incendio.

Aos campos venturosos , em que as almas
Dos Heróes o esplendor perpetuamente
Gozando estaão de hum somno intelligente ,
Desce o Custodio com ancioso anelo ,
E aqui logo procura o seu desvelo
De Hymineo a morada deleitavel ,
Em que os Elyseos tinhaão collocado ,
Com tudo o que deleita , alegra , ou brilha ,
Toda a sua vistosa maravilha.

Era a estancia hum thesouro de milagres ,
Fabricado em brilhantes labyrinthos ,

On-

Onde , com huma hydropica advertencia,
Naufragavaõ na escolha inda os sentidos.

Hum bosque em regulada amenidade
Cinge a campina , com distantes giros ,
Sem que o ardor das frondosas esmeraldas
Desconcerte o luzente no sombrio.

Dentro desta muralha vegetante
Retalhava hum ribeiro fugitivo
A agradavel planicie , desprendendo
As aguas pelos quadros repartidos.

De Amalthea , Vertumno , e de Pomona
Era toda a campanha hum domicilio :
Os fructos fazonados naõ impedem
Que os gomos deixem de se ver floridos.

O carmim de aromaticas estrellas
Nunca sentio da tarde o ardor maligno :
Eterna a Primavera se alentava
Entre o gelado Inverno , e o adusto Estio.

Os pomos das Hesperides nos ramos
Mais viçosos se viaõ suspendidos ,

E unindo-se a riqueza á suavidade ,
Duplicavaõ do gosto os incentivos.

Era cultor dos prados , e das felvas
O affopro do Favonio , dirigindo
Nas vides , e nos choupos os abraços ,
Nas flores os bocejos matutinos.

Dos Palacios as fabricas soberbas
Se ignoravaõ no placido districto ,
Pois não havia em clyma taõ ditoso
Estancia , que não fosse hum edificio.

Differentes alcobas se compunhaõ
Com os laços das heras , e dos myrtos
Mostrando que a feliz correspondencia
Mudava em natureza os artificios.

No meio deste aspecto deleitoso
Ardia o resplendor vegetativo
Em geométrica pompa , alimentado
Da aurora com o aljofar derretido.

Amantes simulachros recordavaõ
Do Nume affavel os tropheos antigos ;

E quasi que se ouvia inda nos jaspes
Hum brando estrondo de parciaes suspiros.

Revocando na lyra a infausta esposa
O musico de Thracia , entorpecido
O bronze se affectava , pertendendo
Explicar na inacção o feu deliquio.

Na roca , com a estriga liquidada ;
O Thebano se via , e estava rindo
A encantadora Omphále de que achasse
Menos pezo na clava , que no fio.

Em hum tanque rotundo, onde se expunhaõ
Do sinzel os portentos reflectidos ,
Parecia que a sua mesma sombra
Inda amava a loucura de Narciso.

De Adonis a tragedia se debuxa
Com mais acção no marmore brunido ;
Ou fosse por acaço , ou se augmentasse
O elegante talvez no compassivo.

Arthemisa lavrando no seu peito
Novo sepulchro ás cinzas do marido ,

Prefume nã frialdade do penhasco
Eternizar do affecto o incendio activo.

Porcia alî finalmente se sustenta
Daquelle mesmo ardor taõ applaudido
No extremo conjugal , de cuja chama
Se estaõ vendo na penha inda os vestigios.

Sympatias , finezas pèrpetua
O ditoso Hymineo : naquelle sitio
Naõ ha mais que alegria , suavidade ,
Socego , gosto , applauso , encanto , abrigo.

Condensavaõ-se os ares entre aromas ,
Os campos entre nacares fingidos :
Tudo amor respirava , e quiz o vento
Passar de lisonjeiro a ser lascivo.

Pelos ramos vagava em doces coros
A modulante plebe , repetindo
Ao Nume , que na estancia se venera
Cadentes falvas , numerosos hymnos.

Humas vezes na selva , outras no prado
Ignea esquadra de intrépidos cupidos

Enchia as auras , com frequente impulso ,
De volantes , farpados basiliscos.

No centro destes páramos gloriosos
Se formava , ou tecia hum doce hospício
De murtas , e amaranthos , matizado
De rosas , açucenas , e jacintos.

O placido Hymineo alî se achava
Recoitado em hum thalamo de arminhos ,
Que os reflexos da aurora , e a luz de Maio
Faziaõ mais alegre , e mais propicio.

De huma tella dourada se dispunha
O delicado adorno do vestido :
Sobre a loura madeixa huma grinalda
De candidas mosquetas , roxos lirios.

Na mão a ardente tocha , onde derrete
Castas porçoens o Oraculo de Gnido ,
E em que as almas se acendem , reprovando
A ingrata propensão de impulso esquivo.

Determinado está no fundo alento
Da forte occulta , do fatal destino
(Diz o genio a Hymineo) que excelsa graça
f No

No influxo das estrellas fatisfaça
A antiga expectação , com que se alegra
Da Elisia o empenho , pondo já notorios
Aquelles suspirados Desposorios
Dos illustres *Carvalhos* , e *Menezes* :
Este dia feliz , que tantas vezes
Annunciado tem sido pela fama
Em toda a parte , aonde se proclama
O estrondo da aurea tuba , está disposto
Pela meditação , e pelo gosto
De hum ethereo concurso : O' Nume suave
Sobe comigo ao globo preeminente
Que á pompa da visão resplandecente
Ha de servir da mais gloriosa Scena :
Assim o canoniza assim o ordena
Huma Lei immutavel : sem que assistas
A's victimas Nupciaes , o fogo exhausto
Ficará no reciproco holocausto.

Vem Hymineo sagrado , vem sobindo
A mais alto esplendor , a melhor Pindo ,
Que aquelle que illumina o aureo Apollo :
Para applicar da tocha a labareda
A'quellas duas Almas , que hoje hospeda
A sabia Providencia nos profundos
Designios de hum empenho antecipado :
Vem

Vem Hymineo a ver felicitado
Este ditoso Horoscopo nas luzes
Mais benignas dos Astros : Sem demora
Vem Hymineo á estancia brilhadora
A apertar mais o laço , em que o mysterio
De excelso impulso , de celeste imperio
Trabalha ha tanto tempo : Não dilates
Este assumpto feliz á douda Urania
Para gloria immortal da Lusitania.

Para sobir á esphera o casto Nume ;
Ao genio lhe não foi talvez preciso
Instancia taõ ardente : hum breve aviso
Bastaria a movello , imaginando
Que nunca se offreceffe outra harmonia ;
Que mais lhe acreditasse a sympatia.

Sobe em fim com o rápido Custodio
Ao cume dessa diaphana campanha :
A's duas Divindades acompanha
Hum brilhante cortejo , dependente
Da sua excitação resplandecente.

Vinha a Fama batendo ás grandes azas ,
Cheia de linguas , de olhos , e de plumas :
Quebravaõ-se as colericas escumas

Do golfo embravecido , e as crystallinas
Porçoens da etherea maquina ao canoro
Estrondo da trombeta altifonante :
Segue a voz , com pacifico semblante ,
A concordia tecendo as ligaduras , (mas:
Com que Antheros confronta , e enlaça as al-
Pelos troncos dos cédros , e das palmas
Vai dividindo a paz quantos fragmentos
Deixou o fero Marte ensanguentados
No terrivel dominio de Belloná:
Os festoens de Amalthea , e de Pomona
Hiaõ cobrindo o horror , que se infundia
Nesta atroz carrancuda symmetria.

Com hum constante esforço apparecendo
Vinha a Fé conjugal , e entretecendo
Dois coraçoes em ignea suavidade :
Em hum purpureo véo a Honestidade
Equivóca o carmim do acezo rosto :
Com hum simples candor modesto ornato
Amparada a Vergonha no Recato
Vai seguindo a Hymineo : em laço estreito
As tres Graças se mostraõ , repartindo
O seu risonho alento pelos Orbes :
Varias Nymphas nos ares espalhadas ,
Com as aguas mais puras , destiladas

De aromaticas flores , burrifando
Vaõ o campo celeste : outras queimando
Tudo quanto em fangria rubicunda
Nos roxos lenhos a Panchaia innunda

Na crystalina concha trasladada
A filha das escumas purifica
A cerulea região , e vivifica
Quanto se poem defronte dos seus olhos :
Ao mais ligeiro impulso excita as ayes ,
Que a morte solemnizaõ com seu canto ,
O filho indocil desta luz de Cypro :
Com emplumados raios a medronta
A rotunda campina , e naõ ha golpe
No mais alto , ou mais infimo compendio
Que naõ logre a expressaõ do suave incendio.

Chega em fim a brilhante comitiva
Ao soberano Alcaçar : sobre o throno
Do supremo Destino collocado
Se tinha hum aureo leito , aonde o Fado
Formava as aras , em que os dois Esposos
De victimas servindo á doce chama ,
Que no holocausto intrinseco se inflama ,
Exporiaõ no ardor , que o influxo instiga ,
Hum novo exemplo da amorosa liga.

Sobre

Sobre quatro Athlantes se firmava
A maquina ditosa : O rico adorno ,
Que ennobrecia o Thalamo , não era
Inda dos assistentes conhecido :
Incognitas porçoens da sacra esphera ,
Com raro engenho , o tinhaõ produzido.

A textura das tellas , e dos lenfos
Não se fez com os fios , que orbicule
O admiravel Necydalo : parecem
Subtís reflexos , que liquida a aurora :
Com variado primor anîma Flora ,
Os matizes que os pannos divinizaõ :
O pavelhaõ , que cobre este portento
Tresladou do abrazado Firmamento
As trepidantes luzes para as quatro
Enroladas cortinas , com que cingem
Os figurados corpos das columnas ;
Onde em finos aspectos as fortunas
Se debuxaõ de todos os confortes ,
Que com varios progressos , varias fortes
Acreditaraõ na provecta idade
De Hymineo a immortal fidelidade.

Extaticos os Numes se pozeraõ
Na multidaõ de maravilhas tantas :

Mas

Mas o filho de Venus , que notando
Ficou a sublimada sympathya
Dos dois Esposos , outra fantasia
Não tem , do que apurar a consequencia
Da amante superior correspondencia.

Manda trazer a fragua pavorosa
Donde provêda faie a eburnea aljava :
Obedece ao preceito a força brava
De Esteropes volantes : de improvizo
O Euro , e o Boreas a fornalha affopraõ :
De faiscas se innunda quanto encerraõ
Os regulados ambitos ; e logo
Não se vio outro objecto mais que o fogo.

Sobre a dura bigorna se batiaõ
As barras do metal achrysolado :
A cujo rudo estrondo , ardente brado
Se finge que vacila , ou que declina
A extensaõ da estrutura crystalina.

De ouro as pontas se forjaõ para as fetas,
Que intentava empregar o Deos ancioso :
Duas toma , e as entrega ao forte impulso :
Firma o pé , chama a corda , mede os Alvos,
E em hum instante os golpes lisonjeiros

Fa-

Fazem toda a impressão dos seus luzeiros.

O peito a penas dos Esposos tocaõ
As suavissimas chamas , que dispara
Do formidavel arco o ardente tiro ,
A intrinseca cadencia de hum suspiro
Corresponde á ferida venturosa ;
E em hum deliquio , ou magoa venturosa
Deixariaõ do Tronco a summidade ,
Sem uso dos sentidos , se a Deidade
Da pompa conjugal , não dispuzesse
Que a multidaõ dos genios recebesse
Nos seus braços os inclytos Confortes ;
E os convocasse ás aras sacrosantas ,
Onde perpetuamente conseguissem
O illustre incendio , a esplendida ventura
Desta gloriosa , singular figura ,
Em que tinha com próvidas cautellas
Trabalhado o concurso das estrellas.

Já neste tempo as vozes mais sonoras
Das Nymphas , com docissima harmonia
Os angulos do Alcaçar encantavaõ :
Hymnos eraõ que os Numes dedicavaõ
Ao altar de Hymineo : abre o Destino
Entaõ , com todo o affombro das espheras
Esse

Esse profundo cofre , em que se guarda
O infondavel progresso dos futuros :
Os Tropicós , as Zonas , os Coluros
Alí subitamente estremecerão
Vendo que á luz de Phebo se pozerao
Todos esses segredos , que atégora
Entre o horror dos influxos escondidos
Nao foraõ das Deidades conhecidos.

Do mais fundo do archivo tenebroso ;
Com a voz de outro Orphee se manifesta
Huma nova , divina consonancia :
Nella se ouve com métrica elegancia
Os prevenidos fastos do conforcio ,
E toda aquella prospera advertencia
Com que da sorte o incognito cuidado ,
Com alto empenho , o tem felicitado ,
Para que na ambição do claro templo
Seja da Heroicidade eterno exemplo.

Atrahidos da musica Celeste ,
Ou da pompa Nupcial , que tinha a Fama
Nos immensos espaços divulgado ,
Vem os Deoses do Olympo : o grande Jove
Abfarto no espectáculo se move
A infundir , com magnifico designio

Huma excelsa porção do seu dominio ,
Dando aos Esposos hum divino alento :
Apollo lhes sublima o entendimento ,
Mavorte o esforço , Venus a belleza ,
Minerva a discripção , Juno a riqueza ,
A elegancia Mercurio , a luz Cybelle ,
O incendio honesto , Diana lhes destina ;
Fecunda chama lhes propoem Lucina.

Vendo o Destino fatisfeito o assumpto
Da mais pomposa acção , que tinha dado
Ao templo o resplandor da Providencia ,
Cerra a cortina ao Thalamo , dispondo
Que os dois Esposos no brilhante fausto
Deste illustre , reciproco holocausto
Se entreguem , com gloriosa suavidade
A' mais doce , e feliz posteridade.

F I M.

TRADUÇÃO

DO

O E D I P O

DE SOPHOCLES,

POR

FRANCISCO DE PINA,

DE SA', E DE MELLO,

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima;
e Academico da Academia Real da Historia Por-
tuguesa.*



L I S B O A:

Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA,

Impr. do Ser. Senhor Infante D. Pedro, e da Sagrada Religião de Malta.

MDCCLXV.

Com as licenças necessárias.

Vende-se na rua Augusta, na travessa de S. Nicoláo, na loja de Antonio da Silva da Costa, mercador de livros, e as mais obras do Author.

2588

A D V E R T E N C I A .

HUma das principaes figuras no Original do Oedipo he o Choro , e como este se tem supprimido em todas as Tragedias modernas , se passou nesta Tradução para o Supremo , ou grande Sacerdote de Jupiter tudo o que dizia o Choro no Exemplar Grego ; porque assim ficava mais facil no nosso Theatro , e talvez mais gostosa a representação da mesma Tragedia , sem que por isso se lhe tirasse , ou pervertesse cousa alguma do seu nexo , e solução , nem ainda o mais effencial deste Poema Dramatico padece nesta mudança alguma offensa.

TRADUÇÃO DO OEDIPPO DE SOPHOCLES.

INTERLOCUTORES:

Oedipo Rei de Thebas na Beocia.

O grande Sacerdote de Júpiter.

Jocaste viuva de Laio, e mulher de Oedipo.

Creonte Irmão de Jocaste.

Tiresias, Profeta de Apollo.

Hum official da Corte de Oedipo.

Hum Pastor velho de Corintho.

Phorbas, Pastor.

Figuras mudas.

Acompanhamento de Archeiros do Rei Oedipo.

O Povo de Thebas composto de velhos, meninos, e mancebos.

Duas filhas de Oedipo.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

*Apparece o frontispicio do Palacio de Oedipo , e de-
frente delle humas aras ; e ao mesmo tempo vem
sabindo Oedipo com Coroa , e Sceptro , e guar-
da de Archeiros por huma parte , e pela outra o
grande Sacerdote acompanhado de algumas mu-
lheres , meninos , velhos , e moços de Thebas ,
com ramos nas mãos , e fitas pendentes , que fa-
zem a figura de bandeiras.*

Oedipo.

I Nfelices Thebanos ,
Que fados deshumanos
Vos tem posto em tão misera tristeza ,
Como eu vejo da Plebe , e da Nobreza
Nos afflictos semblantes ? Que desgraça
Vos ajunta , e convoca nesta Praça ?
As bandeiras pendentes
Dos ramos florentes
Muda expressão , ou symbolos devotos
Das supplicas , das preces , e dos votos ,
Que me querem dizer ? Tantos clamores ,

Tan-

Tantas exclamaçoens , tantos rumores
No campo , e na Cidade ,
Que funesta , mortal calamidade
Me pronosticaõ hoje ? Os ares denfos ,
Com o Sagrado fumo dos incensos ,
Que explicar-nos intentaõ ? O^o que triste
Aspecto para hum Rei que vos assiste
Com a ancia de Pai ! Que mais funesto ,
Que mais horriuel , e medonho gesto
Póde tomar o Fado , que propor-me
Do meu Povo a afflicção ? Que mais enorme
Terrivel espetaculo podera
Representar-me a sôrte ? Eu sou aquelle
Famoso Rei , aquelle egregio Oedipo ,
Que os vossos proprios males participo :
Naõ de outra explicação , da vossa boca
Os quero saber todos : Que tormento ,
Que angustia , que infortunio , ou sentimento
Tendes , ou esperais entre os pezares
Da vossa turbação , que estes altares
Regais com vosso pranto ? Eu não seria
Capaz de ver o Ceo , e a luz do dia
Se não me commovesse entre o gemido
De hum Póvo , taõ leal , taõ affligido.

Grande Sacerdote.

Tua grande piedade hoje declaras

Ne-

Nesta acção , quando vês ao pé das aras ,
O' alto Rei , prostrado este concurso :
Alli estão os meninos sem recurso ,
Arrimados ás Mães por não poderem
Nas delicadas plantas sustentar-se :
Alli tens opprimidos , e encurvados
Com o peso dos annos , e dos Fados
Os miseraveis velhos ; tens os moços
Mais distintos de Thebas , e as donzellas
Exclamando , e gemendo entre as procellas
Deste estrago fatal : Como Supremo
Sacerdote dos Deoses neste extremo
De influxos tão horriveis acompanho
Hum aspecto tão triste , hum mal tamanho.

Os outròs moradores da Cidade ,
Espantados da atróz calamidade ,
Huns se espalhão nas ruas , e nos campos ,
Outros cercaõ com hum piedoso exemplo ,
De Bollona o altar , de Apollo o templo :
O motivo do inválido tumulto
Acaso póde fer-te agora occulto ?
Ai de mim ! Thebas quasi sepultada
Em hum pego infondavel de misérias
Apenas póde em tanto parocysmo
Erguer os tristes olhos neste Abyfmo.

A verde sementeira apenas nasce
N'hum instante se murcha , o gado manso
Não tem algum descanso ,
Ou no prado , ou no monte :
O liquido crystal da clara fonte ,
E ainda a doce grama , e o ar sereno
Se lhe converte em tragico veneno.

Com horridos destinos
Espiraõ os meninos
Entre os braços das Mães dando-lhe o leite :
Quem ha que não discorra , ou não suspeite
Que Deidade inimiga
Com taõ injusto horror não nos persiga?
Huma chamma voraz , hum fogo errante ,
Hum contagio , hum peste fulminante
Com misero repente
Nos devora a feara , o gado , a gente.

O carrancudo Deos do escuro Averno
Do nosso mesmo estrago enriquecido
Festeja entre o pavor do negro espanto
A lastima infeliz do nosso pranto.
Deitando a vista para as aras Santas
Desta Regia sublime architectura ,
Hoje invocar-vos cada qual procura

Se não como a Deidade , ao menos como
O maior dos mortaes , e como aquelle
Que he só capaz de consolar o dano
De impulso tão mortal , tão deshumano ,
E de aplacar os rápidos furores
Das iras , e violencias Supriores.

Vós fois , ó grande Rei , o que livraстеis
A nossa Patria do cruel tributo
Da malevola Sphinge ; fois o mesmo
A quem os altos Deoses inspiráraõ
Os discursos felizes , que espantáraõ
A impiedade feróz daquelle monstro :
Vós fois , em fim , o objecto que adoramos
Por redemptor , e Pai ; e em vós sómente
Tem posto todo o Povo , toda a gente
Nesta Celeste horrificca vingança
Os alentos mais firmes da esperanza.

Prostrada ás vossas plantas se acha Thebas ,
E vos pede (ai de mim !) algum remedio
Neste terrivel , neste duro affedio
Com que nos cerca a chamma abrazadora
Desta furiosa peste : Não ha hora
Em que aos filhos os País uaõ desamparêm :
Aos Irmãos as Irmãs , e entre gemidos

As esposas se apartaõ dos maridos.

Interessai , Senhor , o Ceo , e a Terra
No soccorro que todos pertendemos :
Chamai os homens , consultai os Deoses
Para taõ grande empreza ; em fim , salvai-nos ,
Soccorrei-nos , ouvî-nos , amparai-nos.

Hum fabio como vós , que na prudencia
Tem feito taõ scientificos progressos ,
He superior á ira dos successos.
Apressai-vos , ó Rei , melhor que todos
Os Principes que daõ as leis ao Mundo :
Apressai-vos no estrago furibundo
A salvar este Reino : á antiga gloria
Voltai outra vez Thebas , recordando
A obrigaçaõ que tem vossos auspicios
De continuar-lhe os mesmos beneficios.

Vós sois o Redemptor desta Provincia ;
E este titulo illustre está gravado
Nos nossos coraçoes : o vosso Estado
A exaltaçaõ vos deve : Estes anciosos ,
Infelices Vassallos , n'outro tempo
Os resgatasteis do poder da morte ,
E agora os vedes outra vez da Sôrte

Mais

Mais tyranna fréneticò despojo :
Salvai-nos , outra vez , ó Rei , repito ,
Salvai-nos deste insulto , deste arrojo ,
Deste apestado alento do Cocyto.
De novo convocai essa prudencia ,
Com que haveis sempre prosperado o Sceptro ,
E mudando este horror n'outro semblante ,
Fazei-vos a vós mesmo semelhante.

Adverti que se os Ceos vos dão a vida
Para vos conservar neste dominio ,
Inutil ficará este desinio :
Sem Vassallos o Rei não se destingue
De qualquer fortaleza sem guerreiros ,
Ou talvez de huma não sem marinheiros.

Oedipo.

Infelices , e miseros Vassallos ,
Não ignoro a desgraça em que fluctua
A vossa turbação ; não desconheço
Que tudo geme (ó Ceos !) tudo suspira :
Mas na afflicção geral , em que conspira
A colera dos Deoses com o Fado ,
Persuadi-vos que estou no mesmo estado ,
Em que hoje vos achais ; e inda presumo
Ser maior a violencia , em que me vejo.

Os estragós , que eu noto repartidos
Pela extenſão do Povo , eſtão unidos
Na eſféra de meu peito : Todos juntos
No fundo da minha alma ſe apoſentaõ :
Vós fabeis a prudencia com que tenho
A Thebas governado , e o alto empenho
De fazer-vos com ella venturoſos ;
Vede , ſe em males taõ calamitoſos
Será talvez p-ecizo que a deſperte
Inda nós mais incognitos retiros
O eſtrondo de taõ miſeros ſuſpiros ?
Do meu pranto , e do meu deſaſſocego
Vós me ſois as mais dignas teſtemunhas :
Vós não deſconheceis a diligencia
Em que trabalha a luz da intelligencia
Para dar-vos alivio em pena tanta :
Só nos reſtava o unico remedio
De conſultar o Oraculo de Apollo ;
Tambem o conſultei ; já foi Creonte
Meu cunhado a faudar aquella fonte
Da Sabia luz , que em Delphos ſe venera :
Eu eſtou perſuadido , e elle eſpera
Que eſte brilhante Deos lhe communique
Tudo o que eu poſſo conſeguir de novo
Para a ſaude , e alento do meu Povo.

Ha muito que eu estou fitando a vista
No caminho de Delphos , os momentos
Já me parecem seculos : as horas
Da preciza jornada tem passado :
O^o quanto tarda o Nuncio desejado !
Mas em vindo sabei que eu vos concedo
Me julgueis como o homem mais infame
De todos os mortaes , se pontualmente
Entre as penas , que o Fado nos destina ,
De Apollo não cumprir a lei divina.

O grande Sacerdote.

Que venturosa fórte ! ó Rei , socega
Da tua inquietação : Creonte chega.

Oedipo.

O^o Deos do claro dia justifica
Na resposta que deste , aquelle gosto ,
Que nos traz a alegria do seu rosto.

O grande Sacerdote.

A grinalda de loiro , que lhe adorna
O circulo da fronte , inda assegura
O mais brilhante auspicio da ventura.

SCENA II. *Creonte , e os mesmos.*

Oedipo.

B Em chegado sejais , Creonte amigo :
Temos favor no Oraculo , ou castigo ?

Fal-

Fallai , dizei-nos tudo quanto ordenaõ
Os intentos do Ceo , e conheçamos
As vozes desse Deos , que consultamos.

Creonte.

Socegai voffo espirito : a resposta
Da benigna Deidade se resume ,
A que a causa dos males que nos cercaõ
Apartemos de nós , que logo os Fados
Deixarão de fazernos desgraçados.

Oedipo.

Isso he menos Oraculo que enygma :
Nem me assegura , nem me defanima
Essa escura resposta :

Creonte.

Eu me declaro ;
Mas será na presença desta gente ,
Ou dentro do Palacio a vós sómente ?

Oedipo.

A? vista deste misero concurso
He que ha de proferir a vossa boca
A vontade dos Deoses ; pois me toca
Inda mais o descanso que lhe espero ,
Que quanto em meu alivio considero.

Creonte.

Attendei , pois , á voz do Simulacro :
Elle diz claramente , que he preciso

Desterrar deste Reino o horriavel monstro ,
Que ha tanto tempo em Thebas sustentamos.

Oedipo.

E quem he esse monstro , ou de que modo
Faremos a expiaçaõ que o Deos intenta ?

Creonte.

Elle nesta occasiaõ não se contenta
Sem o desterro , ou morte de hum culpado
No atróz delicto de huma morte injusta ;
Pois derramando horriavelmente o fangue ,
Com o impulso cruel da dura lança ,
Pedindo está ao Ceo sempre a vingança.

Oedipo.

Quem he pois este infaulto criminoso ?
Que homem taõ infeliz teve a maldade
De irritar taõ sublime Divindade !

Creonte.

Aqui houve , Senhor , hum Rei , que teve
Primeiro do que vós o Augusto Sceptro
Deste illustre districto ; conhecido
Com o nome de Laio.

Oedipo.

Tenho ouvido
Fallar já desse Rei ; inda que nunca
Conheci esse Principe infelice.

Creon-

Creonte.

No campo se achou morto ; e este insulto
Se fez á nossa ideia tão occulto ,
Que ficou atégora sem vingar-se :
Este delicto em fim he todo o objecto
Da colera Celeste , e do decreto
Do Oraculo de Delphos , ordenando
Que não cessem as iras Superiores ,
Sem se dar o castigo aos matadores.

Oedipo.

Será possível que elles se descubraõ
Havendo succedido ha tantos annos
Esse enorme attentado ? Onde acharêmos
Huns homens tão crueis ? Por mais extremos
Que faça a vigilancia ? Como he crível
Que os authores de hum crime tão horrivel
A descobrir cheguemos ?

Creonte.

Dentro em Thebas
O Oraculo me disse que se achava
A origem desta horrenda atrocidade :
Não presumais , Senhor , que esta verdade
Se nos possa esconder : o que se busca
Com exacta attenção sempre se encontra :
D^a Astrea a descuidada negligencia
Só pode fer o asylo da insolencia ,

Se os olhos da justiça estão abertos
Ficão sempre os culpados descobertos.

Oedipo.

Seja assim ; mas quizera perguntar-vos
Onde se cometeo esse homicidio ?
Foi dentro da Cidade ? Foi no campo ?
Foi n'alguma viagem ? Foi no Reino ?
Ou talvez n'outra parte mais distante ?

Creonte.

Em toda esta Provincia he voz constante ;
Que este Rei desgraçado fora a Delphos
A consultar o Oraculo de Apollo ;
E depois que da vista se perdera
Nunca mais , ai de mim ! apparecera.

Oedipo.

Naõ houve alguem da sua comitiva
Que dêsse alguma luz deste successo ?

Creonte.

Fugindo se livrou só hum criado ,
Que tudo o que nos disse , e tem contado
He de pouca , ou nenhuma circumstancia.

Oedipo.

Saber quero o que disse : Muitas vezes
Huma pequena luz nos encaminha
Na estrada mais difficil , mais escura.

Creonte.

Do seu dito se tira a conjectura ,
Que já longe de Thebas huma tropa
De féros salteadores o matára.

Oedipo.

He crível que huma infame companhia
Conceba a detestavel ousadia
De hir atacar hum Rei ? Mais alto empenho
Os meteo nesse barbaro despenho :
Algum designio occulto os animava.

Creonte.

Suspeita-se , que houvera outro motivo
Que o de roubar a Laio : elle foi morto ,
E seria melhor , se entaõ com elle
Acabassêmos todos , pois ficamos
Em tudo o que sentimos , e choramos
Com vida inda peor que a mesma morte
Todos entregues ao furor da fôrte ,
Nos deixou este Rei só por herança
Do Olympo a mais colerica vingança.

Oedipo.

Que grande causa , que fatal designio
Desde entaõ impedio que não fizesse
O Reino , a Patria , e a dor dos fieis Vassallos
Alguma inquirição pelos authores
Deſſe execrando arrojo ; e que os traidores

Este-

Estejaõ sem a justa recompensa?
Como he possivel que se esqueça a offensa
De se matar o Rei? Este portento
Do mais atroz impulso, este ardimento
Das Furias infernaes, este delirio
De hum animo perverso; ou esta inercia
De hum taõ ingrato, barbaro descuido,
Justamente dispoz as Divindades
Para as nossas fataes calamidades.

Creonte.

Esses laços crueis da horrenda Esphyngé,
E ao depois a presente desventura,
Tem feito despenhar na sepultura
Das sombras mais funestas o castigo
De hum crime taõ occulto, e taõ antigo.

Oedipo.

Pois eu me empenharei em ver a origem
Destes males crueis, que vos affligem:
Os decretos de Apollosaõ taõ justos
Como os vossos conselhos: Eu me applico
A sua execuçaõ. A Patria chara
Eu livrarei de angustia taõ amara:
O excelso Apollos hum Principe obediente
Terá em mim; e o Rei que foi de Thebas,
Hum vingador do insulto mais infame:
Nesta resoluçaõ; neste dictame

Me intéresse a mim proprio : Se este crime
 Coubesse no descuido , quem houvera
 Que ao Sagrado dos Reis não se atrevera ?
 Tenho pezado a culpa ; esta balança
 Ha de firmar o Sceptro na vingança.

Sacerdote Supremo , convocai-me
 Para aqui todo o Povo ; e neste dia ,
 Se os Deoses immortaes me saõ propicios ,
 Haõ de acabar , segundo o meu intento ,
 Ou nossas affliçoens , ou nosso alento.

O grande Sacerdote.

O praza ao Ceo , e ao Deos que consultamos,
 Que a Deidade pacifica que adoro
 Entre tantas misérias repetidas
 Extinga os males , e nos salve as vidas.

ACTO II. SCENA I.

Oedipo , Archeiros , grande Sacerdote , e Povo de Thebas.

Oedipo.

B Em informado estou das vossas queixas ,
 Agora me compete ser ouvido

Das

Das vossas attenções : Ponde o sentido
No que dizer intento ; e concorrendo
Com a ancia tambem do meu cuidado
Vos darei hum successo affortunado.

Naõ podeis duvidar que hum Estrangeiro
Sou na vossa Provincia ; o que he bastante
Para aqui me julgares ignorante
Deste crime que agora procuramos
Examinar com todo o nosso esforço :
Se hoje só tenho apenas a noticia
Da execravel paixão , da cruel malicia
Com que se deo a morte ao Rei ; presumo
Que no dia em que chego a convocar-vos ,
Posso os meus sentimentos declarar-vos.

Eu nunca pertendera que inda exposto
Se visse á expectação deste concurso
Hum crime taõ atroz , e submergido
Ha tantos annos no pavor amargo
Da somnolenta sombra do lethargo ,
Se eu naõ tivesse alguns indicios certos
De ver os assassinos descobertos.
Sabei , pois , ó Thebanos , que este Oedipo ,
Que vós já reputasteis como estranho ,
E agora he vosso Rei , e tambem vosso

No.

Nobre concidadao , e ao mesmo tempo
Sogeito ás mesmas Leis que determina :
A todos os que habitaõ na campina ,
No monte , na Cidade , ou Villa , ordena ,
Que o féro matador do triste Laio
Lho denunciem logo sem demora :
Se o temor do castigo corrobora
O silêncio da culpa , confirmar-se
Pode no meu indulto , que o seu erro
Naõ terá outra pena que o desterro.
Se elle for estrangeiro lhe asseguro
Bem que se exponha Réo deste delito
De nunca ser vexado , nem proscrito ,
E a sua confissão será proemio
De hum distinto favor , de hum alto premio.
Porém se inda a pezar destas promessas
A vergonha , o temor , ou a amizade
For mais forte que o bem da sociedade
Para occultar o horror deste homicidio ,
Neste caso entre males tão atrozes
Ouvi a indignação das minhas vozes.

Eu prohibo que nestes meus Estados
Possa ser recebido este infelice ,
Nem que tenha algum trato , algum commercio
Com qualquer do meu Reino , que das praças ,
Das

Das ruas , e dos templos se separe ;
E que as mesmas suspeitas , e os indícios
O exterminem dos mesmos Sacrificios.
Nem a agoa lustral se lhe conceda ,
Nem que se atreva alguém a dar soccorro ,
Por não fazer maior , ou mais agreste
A violencia da colera Celeste.
Assim por este modo satisfação
Aos decretos de Apollo , e dou principio
A^a sua execução , tomando a causa
Dos Deoses , e de Laio á minha conta :
E desta fórte com perpetua affronta
Sentir possa o culpado , e mais aquelles ,
Que complices seriaõ neste infame
Detestavel arrojio , o effeito horrivel
Destas imprecaçoens que hoje profiro :
Ande sempre n'hum misero suspiro
Este barbaro author do crime enorme ,
Melancolico , pállido , disórme
Sem fogo , sem lugar , sem semelhança ,
Sem gosto , sem favor , sem esperança ,
E eu proprio , se pertendo dar-lhe auxilio
Dentro no meu Palacio , ao Ceo imploro ,
Que caiaõ sobre mim estas tremendas
Mortaes execraçoens : Quem ha que ignore
Os effeitos , e a força fulminante

Destas vozes ? Quem ha que se levante
Do mais profundo horror , sendo ferido
Do impulso deste raio enfurecido ?
Inda o mesmo Plutaõ horrorifado
Da feia maldigaõ ; não se atrevera
A receber no Tartaro profundo
O que fosse abrazado deste Mundo
Com este atróz incendio ; por não vello ,
Entre gestos mortaes trocera a cara ,
E inda a porta do Abyfmo lhe fechára.

Em fim , se ouvisteis já meus sentimentos
Vos peço , e como Principe vos mando
Pela fé que deveis á Mageftade ,
Pelo obfequio immortal da Divindade
Que temos consultado , pela Patria
Submergida em taõ hórrido defmaio ,
Que os Manes recordeis do trifte Laio ,
E que em males taõ duros , taõ protervos
Sigais tudo o que acabo de dizervos.
Quando as mesmas Deidades não pediffem
Desta morte a vingança , ficaria
Por ventura esta féra aleivofia
Sem a devida pena ? O Regio fangue
De hum Principe taõ bom baftantemente
Não falla ? e não faz continuamente

Hum

Hum clamor , e hum queixa de que a fórte
Vingado inda não tenha a sua morte?
Ah não devia deste fangue a queixa
Ver-se já satisfeita ha tantos annos ?
Porém já que hum descuido delinquente
Faz continuar os ais no infauſto buſto ;
Eu que ſou Succellor de hum Rei tão juſto ,
Poſſuidor do ſeu leito , e do ſeu throno ,
Mais inda que Tutor , Pai de ſeus filhos ,
Suppoſto lhòs roubaffe a Parca dura ,
Em ſeu lugar me ponho , e neſte eſtado
O terei como hum Rei que me ha gerado :
Com eſta obrigação , inda mais fórte ,
Eu não deſcançarei até que veja
Deſcoberto eſte incognito homicida ,
Que com funeſtos , rápidos portentos
Pode extinguir os ultimos fragmentos
Dos Polydoros , e Agenores : cuido ,
Que eſta vingança devo a aquellas grandes ,
Illuſtres almas , que huma excèſſa gloria
Goſando eſtaõ no templo da memoria.
Mas ſe alguem tão ouſado houver , que em-
prenda
Impugnar eſtas ordens , praza aos Deoſes ,
Que elle ſe veja errante , e peregrino
Sem caſa , ſem ſocego , ſem deſtino

Habitador dos montes mais incultos ,
Ou que sofra os terrificos insultos
Da Fortuna irritada ; que ache a terra
Sempre ingrata , e rebelde ao seu trabalho :
Que entre os braços da Mãe seus proprios filhos
Misericordemente dem o ultimo alento ;
Que inda em fórte mais feia , mais tormento
Que aquelle que sofremos , e choramos
(Se he possivel havello) se divida
A alma do seu corpo , e acabe a vida :
E aquelles que estas ordens sobscreverem
Praza tambem ao Ceo que felicitem
Os nossos interesses , e que tenham
Em discursos tão Santos , tão louvaveis
Sempre os homens , e os Deoses favoraveis.

Grande Sacerdote.

Todos nós hoje aqui nos sometemos
Destas imprecaçoens á voz horrivel ;
Mas ai de mim ! que vendo-se innocente
O Povo neste insulto , parecia
Que ao Idolo de Delphos pertencia
Explicar inda mais este successo ,
E assignar com o estrondo formidavel
De hum tremenda voz este horroroso ,
Este féro , este infame criminoso.

Oedipo.

Mais justo se nos finge que a Deidade
Nos declarasse o réo ; mas quem se atreve
A sondar os mysterios mais occultos
Dos Deoses immortaes ? que cego arrojo
Seria n'hum mortal , se estes enredos
Quizesse penetrar nos seus segredos ?

Grande Sacerdote.

Naõ sei que nova luz me illustra a ideia ,
Que hum novo pensamento me prepara.

Oedipo.

Dizei-me tudo , declarai-me quanto
Vos tem proposto a vossa intelligencia ;
Que naõ quero que alguma diligencia
Fique sem ser tentada.

Grande Sacerdote.

Naõ supponho.
Que ignoreis de Tiresias os prodigios :
Este grande Propheta he entre os homens
O que he o mesmo Apollo entre as Deidades :
Elle alcança os mysterios mais escuros ;
Elle penetra a sombra dos futuros :
Inda que cego pela muita idade
Quando o Ceo , e os horoscopos coteja ,
Naõ ha successo algum que elle naõ veja :
Duvidais que elle possa declarar-nos

Todo o incognito affombro , em que se indulta
Huma culpa tão feia , e tão occulta ?

Oedipo.

Nem effa indagação tem esquecido
Ao impulso infeliz do meu sentido :
Duas vezes por conselho de Creonte
Foi chamado Tiresias ; e admirado
Me sinto da demora que tem feito.

Grande Sacerdote.

Consultallo he precizo , porque as vozes
Desse tempo tão frivolas parecem ,
Que por mais que inda o credito as prefuma ,
Não se lhe póde dar razão alguma.

Oedipo.

Que vozes foraõ effas ; explicai-mas ,
Que eu quero saber tudo.

Grande Sacerdote.

Entaõ differeaõ
Que esta morte do Rei a cometeraõ
Cruelmente (sem outros circumstantes ,
Que os criados de Laio) huns caminhanes.

Oedipo.

O mesmo tenho ouvido , mas não vejo
Que testemunhas haja do delicto.

Grande Sacerdote.

Ellas virãõ talvez amedrontadas

Das vossas maldiçoens , e o criminoso
Assombrado de hum raio taõ furioso
Naõ terá outro meio , outro recurso ,
Que confessar o enorme sacrilegio.

Oedipo.

Ah naõ o imagineis ; pois quando o crime
Se naõ teme , tambem naõ se receia
A pena que elle traz ; porque inimigo
Maior he inda a culpa , que o castigo.

Grande Sacerdote.

Mas aqui tendes já quem de repente
Vos póde descobrir o delinquente :
Aqui Tiresias vem : Elle só póde
Mostrar em toda a sua claridade
As luzes mais brilhantes da verdade.

SCENA II. *Tiresias , e os mesmos.*

Oedipo.

VO's a quem perturbou o Ceo a vista ;
Para vos dar mais luz na intelligencia :
Vós , que alcançais na terra , e inda no Olympo
Com os vossos discursos , mais que humanos ,
Dos Fados os incognitos arcanos :
Vós , que sabeis a triste desventura ,
Em que a Thebas tem posto a sorte escura ;
The-

Thebas a vós sómente hoje recorre ,
Porque sómente vós , em quem Apollo
Os maiores prodigios assignalla ,
De tantos males podereis livralla :
O Oraculo de Delphos nos intima
Que o fim das nossas lagrimas depende
Da morte , ou do desterro deste horrivel
Homicida de Laio : enternecei-vos
Desta nossa desgraça , condoei-vos
Do nosso triste pranto , e descobri-nos
Estes abominaveis assassinos ,
Empregando os mysterios mais profundos
Da inspiração divina nesta empreza :
Não vos negueis á misera tristeza ,
Em que o Fado nos pôz , nem ao socorro
Que todos vos pedimos : Inda os giros
Das aves consultai : e effes retiros
Em que a sorte se occulta , já patentes
Fiquem nas vossas luzes preeminentes.

Propheta grande do sublime Apollo ,
Salvai-nos , e vingai hum Rei infauſto ,
De que o fangue vertido com a horrenda
Maldade da traição , nos fez o objecto
Da vingança dos Deoses : Persuadi-vos
Que não ha sentimentos mais louvaveis ,

Que

Que acudir á afflicção dos miseraveis.

Tiresias à parte.

O' Deoses immortaes , que perigosa
He a sciencia talvez ! quão desgraçado
Aqui me confidero ! que partido
Tomarei neste horror , neste gemido !

Oedipo.

Que tendes vós scientifico Propheta ?
Que nova suspensão , que mudo espanto
Concebeis entre a dor do nosso pranto ?

Tiresias.

Deixai , Senhor , que eu volte á minha estancia ;
Convêm á vossa sorte , e ao meu socego ,
Que sem dizer palavra me retire.

Oedipo.

Ah que dos homens fois o mais injusto !
Quereis deixar-nos neste mesmo fusto ?
Por ventura ignorais que a vossa Patria
He esta mesma Thebas ? com que alento ,
Com que causa , motivo , ou pensamento
Do Oraculo escondeis a luz Sagrada ?

Tiresias.

De injusto me accusais , quando podera
Mostrar em vós o impulso da injustiça :
Eu me calo , Senhor , eu me intimidando ,
Só por não dar inopinadamente

Em

Em miseria tão dura , e tão contraria
Talvez huma resposta temeraria.

Grande Sacerdote.

Em nome deste Povo vos conjuro ,
O^o Tiresias divino , que nos digas
Todas as circumstancias inimigas ,
Que a tão grande despenho nos conduzem.
Beijando os vossos pés isto rogamos ,
Isto pedimos , isto supplicamos.

Tiresias.

Vós ignorais o empenho em que me pondes :
Deixai-me conservar no horrivel medo ,
Em que hoje me sepulta o meu segredo :
Por mais que me aperteis com tanto rogo ,
Não me atrevo a explicar o vosso affogo.

Oedipo.

He crível que alcanceis os nossos males ,
E guardeis hum silencio tão indino ?
Que barbaro , que horrendo desatino !
Quereis-nos entregar , quereis perder-nos ?
Como os Ceos , e os espiritos eternos
Sofrem tanta maldade ? O^o Santos Deoses !

Tiresias.

Que iniqua accusação ! eu me suffoco
Por vosso bem , e meu : interessados
Somos ambos no vinculo dos Fados :

E ten-

E tendo o feio aspecto tão presente
Não direi cousa alguma eternamente.

Oedipo.

O mortal o mais péssimo de todos ,
Que penhasco haverá que não se espante
Dessa tua dureza ? Será crível
Que sempre te conserves inflexível ?

Tiresias.

Accusais-me a dureza , e não adverte
O vosso cego arrebatado impulso
Que são as iras n'hum Monarcha improprias :
Que mais quereis , que ver a tolerancia
Ser victima infeliz de humã arrogancia ?

Oedipo.

Quem não se indignará do teu silencio ,
E do horror que com elle á Patria offrecês ?

Tiresias.

O que cedo teus males appeteces !
Deixa que elles virão sem ser preciso
Que auspique os damnos , e anticipe o avizo.

Oedipo.

Antes que Thebas chegue a conhecellos ,
Da tua mesma voz quero sabellos.

Tiresias.

Não presumais , que eu hei de declaralos ,
Posto que conspireis as vossas iras

Contra a minha constancia.

Oedipo.

O quanto soffro

A tua injusta teima ! Já não póde

Sofrer tanto este ardor do meu alento :

Basta já de oppressão , e soffrimento :

Eu me irritto , e enfureço , e te declaro

Que complice te julgo da funesta

Execranda maldade : manifesta

A pões nesse silencio , em que persiste

A tua infame contumacia , e fora

Mais patente a suspeita na porsia ,

Se o Ceo te não tirasse a luz do dia.

Tiresias.

Muito bem vos entendo ; e vos affirmo

Que , enfurecido da fatal detença ,

Voltareis contra vós essa sentença :

Mas já que me insultais com tanto arrojo ,

E vos irrita o mesmo que eu cuidava

Que ser podia em vosso beneficio ,

Sabei que he já inutil todo o indicio

Que tendes procurado : De hoje em diante

Não vos póde fallar , nem attender-vos

Nenhum Thebano : morto , ou desterrado

Que sejais desde aqui he já forçoso ;

Que vós sois , e só vós o criminoso.

Oedi-

Oedipo.

Eu ! quem tal póde crer ! ó que impostura !
Que atrocidade , ó Deoses ! Por ventura
Pertenderão as luzes Superiores
Livrar-te , ó infeliz , dos meus furores ?

Tiresias.

Naõ me intimêdes ; porque naõ conheço
A cara do temor : pois a verdade
He mais fórte que o insulto da injustiça.

Oedipo.

Que verdade , traidor ? donde a aprendeste ?
Certo estou de que nunca a recebeste
Da Sácrã inspiração de que hoje abusas.

Tiresias.

Eu fei tudo de vós ; vós me obrigasteis
A romper hum silencio , que eu queria
Sustentar n'humã escura prophécia.

Oedipo.

Que cousa te obriguei que tu disseses ?
Fala directamente , porque possa
Comprehender teu discurso pervertido.

Tiresias.

Vós muito bem me tendes percebido :
E he só nestas perguntas vossõ intento
Conduzir-me a algum laço fraudulento.

Oedipo.

Naõ he tal ; e te ordeno que te expliques
Com maior precisaõ.

Tiresias.

Se isso pertendes ,
Eu to digo , e to explico em pōucas vozes :
Tu és o mesmo matador que buscas :
Outra vez to declaro , e to repito :
Tu és o mesmo author deste delito.

Oedipo.

Euh ! misero de ti ! já naõ me atrevo
A soffrer tanto insulto , nem se espera ;
Que na minha sensível impaciencia
Se repita taõ barbara insolencia.

Tiresias.

E que seria , se eu dissesse tudo ?

Oedipo.

Fala : naõ temâs nada.

Tiresias.

Abforto , e mudo
Eu quizera ficar ; mas já que tendes
Tanto empenho em que eu fale , eu falo , ou-
vê-me :

Oedipo , naõ o tendo imaginado
Misericordamente está precipitado
Nos laços mais horriveis , sem que alcance

No

Nó seu funesto infame parocismo
O despenho fatal de hum torpe Abyfmo.

Oedipo.

Repetes-me outra vez as crueis injurias :
Cuidas que entre o veneno que hoje exhalas ,
Poderei novamente foportalas ?

Tiresias.

Nada me importa , ó Rei , teu fofrimento ,
Nem tua indignação , porque he mais fórte
O impulso da verdade.

Oedipo.

Naõ duvido
Que a fua força he grande ; porèm nunca
O ferá neffe alento defgraçado ,
Com que a tens pervertido , ou profanado.
Cego nos olhos , cego no difcurfo
Naõ pódes vela , naõ , nem diftinguila.

Tiresias.

Ah Principe infeliz ! efla cegueira
Que agora me accusais , todos bem cedo ,
Inda que com pavor , com fufio , e medo
Em vós mefmo a acharão verificada.

Oedipo.

Levanta as mãos ao Ceo de eftar fem vifta ,
Pois a ultima vez feria agora
Que efla tua insolente authóridade

Che-

Chegasse a ver do dia a claridade.

Tiresias.

Subdito sou de Apollo , a minha sorte
Na vossa mão não tendes , este Numen ,
A quem sómente se acha sometida ,
Terá cuidado de guardar-me a vida.

Oedipo.

Dize-me infasto , misero Propheta ,
Este enredo , este barbaro artificio
He teu , ou de Creonte ?

Tiresias.

Desse indício

Fundamento não ha para accusar-nos :
Não deveis imputar os vossos males
Se não sómente a vós.

Oedipo.

O Monarquia !

O dominio , ó poder , ó alto influxo
Maior , que as diligencias do cuidado ,
Para fazer hum Reino afortunado !

Superior inda á ancia caprichosa
De alcançar huma vida venturosa !

Quanto estais sometidos aos effeitos
Da insolente Fortuna ! que fogeitos
Aos furores da inveja , e da inconstancia
De huma estrangeira , incognita distancia !

A The-

A Thebas chego sem algum desígnio
De ambição, de riqueza, ou de domínio :
Aqui me dão o Reino, e empunho o Sceptro :
Porém Creonte, o perfido Creonte,
Que hum doce amizade me fingia,
Pertende, com infame aleivosia,
Pelo meio de enganar, e de astucias
Despenhar-me do throno : elle soborna
Este homem miseravel, que a si mesmo
Com hum presumpção bem indiscreta
Se tem dado o caracter de Propheta.
Taõ prespicaz no intento que procura,
Como cego na arte que exercita,
Conspira com Creonte ; este se vale
Dos traidores prestígios de Tiresias,
Contra quem ? contra Oedipo, seu amigo :
Dize-me, que Deidade tens contigo ?
Quem, Propheta, te fez ? que Deos sublime
Te concedeo os inclytos regressos
De alcançares a origem dos successos ?
Se os privilegios gozas deste indulto
Como soffreste tanto tempo o insulto
Da malevola Sphynge, e não livraste
A Patria deste horror ? entãõ poderas
Justificar melhor que entre as espheras
Lias os caracteres do destino :

Sim ;

Sim ; entãõ de hum mortal quasi divino
Necessitava o Reino , que lhe desse
Hum remedio efficaz : aonde estavaõ
Os Deoses , e effas aves , que consultas
Neste tempo infeliz ? sómente Oedipo
Apparece , e resgata a infausta Thebas
De males taõ horriveis , e taõ graves ,
Sem buscar as estrellas , nem as aves.
Este Oedipo que nunca se fingira
Conjector , ou Propheta vence a ira
Desse implacavel monstro , desatando
Os enredos do enygma fraudulento :
Confessa , ó desgraçado , o meu alentó ;
E confessa tẽmbem que te devora
O desejo traidor de ver agora
A Creonte no Solio : este o motivo
Mais occulto que move a tua infamia ,
Para ver o esplendor da Magestade
Naufragar em taõ horrida maldade :
Considerá , porẽm , que tanto arrojo
Te custará bem caro ; e o author funesto
Desto infame attentado com a vida
A traição pagará ; sem que eu attenda
A' tua já decrépita velhice ,
Te farei o mortal mais infelice ,
E sentirás a pena rigorosa

De

De huma ideia tão vil , tão aleivosa.

Grande Sacerdote.

Testemunha tem sido o nosso assombro
Desta vossa questaõ ; e conhecemos
Que ha de huma , e outra parte ardor bastante :
Considerai , Senhor , e vós , Tiresias ,
Considerai tambem que o nosso intento
He mui alheio do furor violento
Dessas vossas paixoens ; só procuramos
No estado miseravel em que estamos ,
Encontrar hum sentido mais patente.
Nas vozes da Deidade preeminente.

Tiresias.

Vós sois , Senhor , o Rei ; e bem distingo
A distancia que vai de mim ao alto ,
E illustre resplendor que vos adorna :
Mas perguntando vós , e eu respondendo ,
Nos fazemos iguaes : tambem entendo
Que não sou vosso subdito ; que Apollo
He só meu Soberano ; e persuadi-vos
De que eu não necessito , nem procuro
Diante deste copioso ajuntamento ,
Ou sómente na vossa angusta fronte
O ser justificado por Creonte.
Eu sou livre , eu não temo , e em tanta empreza
Tenho de sustentar minha defeza,

Cego sou , assim he , mas essa vista
De que tanto prezais a perspicacia ,
Naõ vos dá nem hum raio para veres
Os males que vos cercaõ : ignorante
Inda está esse estímulo brilhante
Do ar que respiraes ; e inda do objecto
Com que de chamma atroz força inimiga
Tanta maldade horivelmente liga.
Quem o primeiro alento vos concede
Chegastes a saber ? E que delicto
Ou no mar , ou na terra , ou no Profundo .
Execravel vos faz a todo o Mundo ?
As Furias mais crueis , e vingadoras
De hum Pai , e de huma Mãi todas as horas
Vos estaõ perseguindo : Já naõ tarda
Esse momento infausito , em que privado
Tambem como eu da vista (ó duro Fado !)
Sereis . (inda que a fôrte se lastima)
Expulso , e exterminado deste clyma :
Entaõ nesta tremenda adversidade ,
Que montanha , que mar , que soledade ,
Ou outra qualquer parte do Universo ,
Naõ soará entre os miseros suspiros
De hum eterno clamor ; quando souberes
Aquelle fatal Hymen que inflammasteis
Na torpe chamma de huma tocha horrivel ?

Quan-

Quando já no penhasco mais terrível
A praia se mudar , que parecia
Ao longe hum porto cheio de alegria ?
Quando hum tropel de males encobertos
Vos faça horrendo Irmão de vossos filhos ?
Então , ó Rei , então enchei de injurias
A Creonte , e a Tiresias : Não as Furias ,
Porém vós mesmo nos dareis vingança :
Em tão triste , em tão funebre mudança
Nunca haverá mortal que a perder venha ,
Com tanto horror , e tão infelizmente ,
O resplendor do dia eternamente.

Oedipo.

He possível que ainda continues
Nos ultrajes de Oedipo ! Dos meus olhos
Te aparta , ó miseravel : Não me tornes ,
Não , não me tornes mais a por-te á vista
Da minha indignação ; pois me parece
Que outra vez não terei esta paciencia
Para sofrer tão barbara insolencia.

Tiresias.

Não me verieis , se me não chamareis :

Oedipo.

Nem eu te chamaria , se advertira
Que tanta confusão , tanta loucura
Te podera ter dado a desventura.

Tiresias.

Vós me tendes por louco : de outro modo
Vosso Pai me tratou.

Oedipo.

Que Pai ? Espera.

Dize : quem he meu Pai ?

Tiresias.

Mui brevemente

O haveis de conhecer ; pois neste dia

Mostrará o destino a toda a Corte

O vosso nascimento , e a vossa sorte.

Oedipo.

Que enredo , que invenção , que escuridade

No discurso , e nas vozes !

Tiresias.

A jactancia

Não tendes de explicares os enygmas ?

Oedipo.

Aquillo com que cuidas que me offendes

He minha maior gloria , onde a Fortuna

De hum eterno elogio a pompa enlaça.

Tiresias.

Dizer poderas que a maior desgraça.

Oedipo.

Eu a Thebas salvei ; a qualquer preço

Que seja me dará eterno applauso.

Tiresias.

Eu me ausento , que aqui de pouco sirvo.

Oedipo.

E melhor quanto mais depressa fores :
Não fizeste outra cousa que deixares
Mais confusos os votos dos altares.

Tiresias.

Sim vos deixo , e me vou , não sem o gosto
De expor o meu segredo , desprezando
Essas vossas paixoens : outra vez digo
Que importa pouco o feres inimigo
Das minhas prophcias : minha fôrte ,
Minha felicidade , ou minha morte
Não depende de vós : ultimamente
Eu vos torno a advertir que o delinquente
Que buscais , e que tendes opprimido
Com tantas maldiçoens ; o criminoso ,
O homicida de Laio está bem perto ,
Porque em Thebas está : he na apparencia
Estrangeiro , e em verdade he hum Thebano :
Em pouco tempo o Fado desh humano
Fará que a sua gloria tão brilhante
Seja com hum estímulo medonho
Como a sombra infeliz de hum breve sonho :
Sem descanso , e sem olhos , encoftado
N'hum rustico bordaó , e reduzido

A pe-

A pedir huma esmóla , conduzido
De alguns malignos funebres luzeiros
Vagará pelos clymas Estrangeiros :
Que confusão terá , quando conheça
Ser dos filhos Irmao , da Mãe esposo ,
E ver-se sem soccorro , nem presidio
Culpado de hum incesto , e hum parricidio ?
Ide , ó Rei , e tomai bem de memoria
Estas vozes horriveis ; contemplaia
Com exacta attenção : se não achares
A verdade em Tiresias , vos confinto
Que sempre , ou irritado , ou desdenhoso ,
Me chameis hum Propheta mentiroso.

ACTO III. SCENA I.

Creonte , grande Sacerdote , e parte do Povo.

Creonte.

HE possível , Thebanos , que me accuse
O Rei de huma traição ; e que duvide
Da minha sempre igual fidelidade !
Penetrado da magoa mais profunda
Diante de vós examinar pertendo
A falsa ideia deste crime horrendo.

Se

Se entre tantas desgraças lastimosas
Inda sofro a de serem suspeitosas
Tanto as minhas acçoens como as palayras :
Se o Rei chega a julgar-me delinquente ,
Se da minha lealdade desconfia ,
Se em mim suppõem tão feia aleivosia ,
De que me serve a vida ? O^o que desdouro
Para o brilhante impulso a que me chama
O dourado clarim da eterna Fama !
Se eu infamado estou neste delito
Entre vós mesmos me acharei proscrito ,
E em todo o curso , e duração dos annos
Serei sempre o mais vil entre os Thebanos.

Grande Sacerdote.

Senhor , não a verdade mas a ira
De hum Rei apaixonado , no seu peito
Formaria talvez este conceito.

Creonte.

Mas com que fundamento o Rei me imputa
De que eu trouxe a Tirésias , com a ideia
De espalhar na Cidade a imagem feia
De tão falsos discursos ?

Grande Sacerdote.

Conhecemos
Que assim o disse o Rei , mas ignoramos
A razão que elle teve.

Creon-

Creonte.

E será justo
Que Réo sem outra prova me supponha
De hum crimé tão atroz !

Grande Sacerdote.

Ao nosso estado
Não pertence saber onde o cuidado
Se encaminha do Rei : Elle aqui chega ;
Fallando-lhe podeis sondar o intento
Do seu desconhecido pensamento.

S C E N A II. *Oedipo , e os mesmos.**Oedipo a Creonte.*

COm que semblante apparecer pertendes
Hoje diante de mim ? Se convencido
Te vejo do rancor mais fementido
Intentando tirar-me (ó Ceos !) de hum golpe
O Reino com a vida ; como emprendes
Agora o novo insulto de te expores
A` vista dos meus olhos ? Imaginas
Que feraõ tão cobardes , tão indinas ,
Ou tão rudes as minhas impaciencias ,
Que sofraõ tão desleaes inconfidencias ,
Só por não castigar-te ? Que concurso
De tropas , e de amigos , de ouro , ou prata

Ti-

Tinhás para esta empreza ? Tu sómente
Querias sem auxilio , ou outro abono
Forçar o Sceptro , combater o Throno ?

Creonte.

Vós , Senhor , tendes dito ; a mim me toca
Dizer agora : Pede o bom sentido ,
Que não me condemneis sem ser ouvido.

Oedipo.

Que podes tu dizer-me ? Eu não ignoro
A eloquencia , e artificio com que sempre
Induzes huma falsa claridade :
Eu não te quero ouvir : Tanta maldade
Justificada tenho , e outra esperança
Já não tens , que a do golpe da vingança.

Creonte.

Haveis , Senhor , haveis de consentir-me ,
Que huma palavra ao menos vos proponha.

Oedipo.

Cala-te , infame , cala-te , ou confessa
Que és o homem mais péssimo dos homens.

Creonte.

Vós estais em hum erro escandaloso ,
Se quereis nesse ardor que vos fogeita
Fazer huma razão de huma suspeita.

Oedipo.

E tu estás sem juizo se presumes

Que a infame aleivosia de hum Vassallo
Contra o seu mesmo Rei sem pena fique.

Creonte.

He justa a pena em crime tão horrendo ;
Mas he justo tambem que communique
Ao seu Vassallo o Rei as circumstancias ,
E indicios do delicto , a ver se chega
Com precisa evidencia a desmentê-los :
Expor-se ao risco , a lei mais rigorosa
De opprimir a innocencia , he hum impulso ,
Que só cabe no horror da tyrannia :
Dizei-me ao menos por favor a guia
Que vos conduz á infausa diligencia
De me fazeres réo desta insolencia.

Oedipo.

Estarás por ventura inda lembrado ,
Que pelo teu conselho foi chamado
O Propheta , que tanto se encarece ?

Creonte.

Naõ o nego , Senhor , e naõ me esquece
Que dei esse conselho ; e inda agora
Em suspeita tão feia , e tão amára
O mesmo te differe , e aconselhára.

Oedipo.

Desde que tempo Laiô

Creon-

Creonte.

Declarai-vos.

Que pertendeis saber?

Oedipo.

Saber quizera

Desde que tempo foi de Laio a morte

Em Thebas conhecida?

Creonte.

Ha muito tempo

Que neste Reino se nos fez notoria;

Mas he facil trazê-lo inda á memoria.

Oedipo.

Tiresias professava então a arte

De Agoureiro, ou Propheta?

Creonte.

Então a tinha

Da mesma sorte que hoje; e gosou sempre

Da mesma estimaçã em toda a Grecia.

Oedipo.

Nesta occasiã ouviste por ventura,

Que falasse de Oedipo?

Creonte.

Naõ me consta

Que elle falasse em vós.

Oedipo.

Pois que motivo,

Que occulta causa , que furor nocivõ
 Fez que em tempo que a dor á morte iguála
 Naõ fale tanto como agora fala?

Creonte.

A razaõ que ahi houye eu naõ a alcanço :
 E em tudo o que naõ fei calar-me devo.

Oedipo.

Ao menos bem sabeis o que vos toca :
 Andarás sabiamente , e alguns pezares
 Cuido que pouparás , se o confessares.

Creonte.

Que posso confessar-vos? Naõ me nego
 A declarar-vos tudo o que descobre
 A minha intellegão.

Oedipo.

Seria crível
 Que o homicidio de Laio me imputassẽ
 Este Tiresias , se elle naõ se achasse
 Comvosco em huma infame intelligencia ?

Creonte.

Quanto a Tiresias , se vos tem falado ,
 Vós melhor sabereis o que elle disse ,
 Quanto a mim eu de vós saber queria
 A origem dessa errada fantasia ,
 Que saber pertendeis de mim.

Oedi-

Oedipo.

Consinto

Em que me pergunteis , quando pergunto ;
Mas inutil sereis em perguntar-me ,
Pois se he o vosso intento renovar-me
A infame accusação , bem pouco , ou nada
Poderá conseguir nesta ardua empreza
Todo o empenho da vossa subtileza ,
Porque nunca fareis que eu me proponha
Ser o aggressor de Laio.

Creonte.

Eu não o affirmo ,
Tiresias he que o diz ; porèm dizei-me :
Não sou vosso cunhado ? Não casasteis
Com minha Irmaã Jocaste ?

Oedipo.

Quem o nega ?

Creonte.

Amante , ou generosa não entregã ,
Ou reparte com vosco o seu dominio ?

Oedipo.

Quem o duvida ? Nem que o meu desinio
Foi sempre expor-lhe n^a alma a ancia immensa
De huma justa amorosa recompensa ?

Creonte.

De Thebas não me vedes o primeiro

De-

Depois della , e de vós ? ha quem o ignore !

Oedipo.

Ah pérfido ! que a luz com que illumino
A tua dignidade mais me affusta ,
E faz a tua ideia mais injusta.

Creonte.

Naõ õ faz , nem fará : Senhor , dignai-vos ,
Dignai-vos de attender-me ; pois vos tenho
Bastantemente ouvido neste empenho :
E vereis que no horriavel artificio
Com que hoje me accusais , naõ se acha indicio
Contra a minha lealdade : De huma parte
Ponho agora o pavor que assiste ao Solio ;
E da outra o focego , e a suavidade
Em que sem a oppressão da Magestade
Póde viver hum Principe glorioso
Mais feliz , mais alegre , mais gostoso.
Hum prudente mortal , hum homem Sabio
Qual destes dous partidos tomaria ?
Quem póde duvidar que escolheria ,
Se naõ fosse talvez barbaro , e cego ,
Aquelle em que tivesse mais focego ?
Nasci sem ambição , e sem õ impulso ,
Ou ancia de reinar : neste retiro ,
Taõ ditoso , e taõ placido prefiro
Ao Reinado huma illustre vassallagem :

Ne-

Nesta vida privada não encontro
Em vós tudo o que emprende o meu desejo?
Pois se tantas questões sómente vejo
Nas alturas do throno, como he crível
Que eu aspirasse ao Sceptro, tão cercado
Das mais tristes pensoens; e o excelso estado
Em que vivo tão cheio de doçura,
De gloria, de descanso, e de ventura
Trocasse por hum Solio turbulento?
Persuadi-vos, Senhor, que o meu intento
Não he tão depravado que permita
Trocar pela desgraça a minha dita.
Sei tudo o que convém ao meu descanso:
Quando na minha fórte os olhos lanço
Para tantos objectos, reconheço
Que consigo inda mais do que appeteco:
Amado, e procurado sou de todos,
E sempre felizmente lhes succede
Tudo quanto por mim a vós se pede:
E tenho em meu poder inda os auspícios
Dos vossos mais illustres beneficios.
O mais louco dos homens me julgára
Se tão grande esplendor sacrificára
A ambição de reinar: bem conhecido
Tendes meu coração: a minha ideia
Não he, nem de hum traidor, nem de hum re-
belde: Hum

Hum projecto tão feio , e abominavel
Nunca já mais entrou no meu discurso :
Tão longe estou , Senhor , de ver-me incurso
Na perfida traição contra o Sagrado
Resplendor do meu Rei , e meu parente ,
Que eu teria vergonha só de ouvê-la ,
Quanto mais de apprová-la , e produzê-la.
Se talvez não achais que são bastantes
Os mais fantos , e fortes juramentos ,
E as minhas expressões inda não credes ,
Crede ao menos a Apollo , consultai-o ,
Que d'elle sabereis se o que vos digo
Chega a ser de hum traidor , ou de hum amigo :
Em fim , se vós podeis justificar-me
Que a traição com Tiresias tenho feito ,
Desde aqui já me entrego , e me sogoito
A huma cruel morte : e nesse instante
Em que me for provada esta perfidia
Não fereis vós sómente o Juiz severo ,
Eu o ferei tambem contra mim proprio :
Eu ferei o primeiro que me indigne ,
E em tanta confusão , maldade tanta
O que me aperte o laço na garganta.
Mas procedei , Senhor , como se espera
De hum Rei justo , e benigno : a Fama illustre
De huma Regia ascendencia não se digne
O vos-

O vosso excelfo braço de entregá-la
Taõ feia , e ennegrecida ao mundo todo :
Chegai primeiro , ó Rei , por outro modo
Ao vosso defengano : e não se atreva
Hoje o fusto a fazer hum fementido
Sómente por hum crime presumido :
Adverti que igualmente he taõ injusto
Reputar por culpado hum innocente ,
Que no mesmo conceito perturbado
Fazer-se hum innocente de hum culpado.

Perder-se hum bom amigo he maior perda ,
Que inda a perda dos olhos : Mas que digo
Nesta comparação ? Hum bom amigo
Inda mais do que a vida ha de estimar-se :
Bastante tenho dito : o tempo , e a fôrte
Descobrirá o author daquella morte :
Para se descobrir huma maldade
Basta hum dia talvez , e o mesmo dia ,
Precedido de incognita influencia ,
Para se declarar hum innocencia.

Grande Sacerdote.

Não se póde negar que esclarecida
Se acha hum fabia luz neste discurso :
Fugi , Senhor , de hum cego , temerario ,
E despenhado juizo : Não se julga

h

Por

Por fabia , decorosa , e bem formada
Huma resolução precipitada.

Oedipo.

A traição repentina também pede
Huma prompta vingança : ficaria
Mui quieto , e tranquillo por ventura
Com ideia tão falsa ? Esperaria
Que Creonte lograsse o infame empenho
De apressar minha morte , e o seu despenho ?

Creonte.

Dizei-me , pois , Senhor , já que não póde
Com vosco esta innocencia , que me assiste ,
Esta fé que professo á Magestade ,
E ao Numen figurado na pessoa
De hum Rei , e no alto objecto da Coroa ,
Que supplicio intentais que se assignalle ?
Condemnais-me ao desterro ? (O^o quanto peno!)

Oedipo.

Desterro he pouco : A^o morte te condemno.
Tendo de huma traição tão claro indicio
Só poderá vingá-la este supplicio.

Creonte.

Eu irei promptamente ao duro golpe ,
Se vós me fazeis ver que eu sou culpado.

Oedipo.

Pois que ? Como rebelde me replicas ?

Creon-

Creonte.

E como vos fazeis hum Rei injusto?

Oedipo.

Eu livro o Sceptro do eminente fusto ,
Fazendo-te morrer sem mais demora.

Creonte.

E eu sustento , e conservo a minha vida ,
E a equidade tambem , se esta inclemencia
Separo aqui do obsequio , e da obediencia ,
Desprezando hum rigor taõ affrontoso.

Oedipo.

Mas não pódes negar que és criminoso.

Creonte.

Vós não me tendes inda convencido.

Oedipo.

Seja , em fim , como for : Póde hum Vaffallo
Não fogeitar-se ao Rei?

Creonte.

Pódes, se iniquos ,
Se injustos , e crueis faõ seus decretos.

Oedipo.

O^o Cidadaons , ó Thebas !

Creonte.

Naõ exclame
A vossa indigna furia neste exame ,
Que Senhor desta terra , e destes Povos

Sou tanto como vós : e juntamente
 Como feu Cidadão tenho direito
 De os poder convocar em meu auxilio.

Grande Sacerdote.

Ah Principes , que intentos faõ os vossos?
 Mas aqui vem Jocaſte , que em ſocego
 Porá tanto furor , trazendo a emenda
 De tão ardente , tão fatal contenda.

SCENA III. *Jocaſte, e os meſmos.*

Jocaſte.

Que impulso he eſtê , ó Principes infaustos?
 Ao meſmo tempo que agoniza a Patria ,
 Não tendes a vergonha de augmentares
 Entre os ais , entre os votos dos altares
 As publicas desgraças com as voſſas
 Privadas diſſenções? Entrai Oedipo ,
 Entrai Creonte , entrai ao meſmo instante
 Cada qual no ſeu proprio apartamento.
 Deixai de accreſcentar a noſſa ruina ,
 E não queirais que a voſſa controverſia
 Em tão triſte fatal calamidade
 Se leve a huma infeliz extremidade.

Cronte.

Eu eſtimo , Senhora , que chegaffeis

A tem-

A tempo que me fosseis testemunha
Do cego arrojo com que Oedipo trata
Creonte vosso Irmão : elle presume
A morte condemnar-me.

Oedipo.

Naõ o nego ,
Nem póde este rigor causar espanto ;
Porque tem conspirado contra a vida
Do seu benigno Rei.

Creonte.

Entregue a todas
As implacaveis Furias eu pereça
Nos mais horrendos barbaros supplicios
Se nem huma particula confusa
Tive desta traição que se me accusa.

Focaste.

Que mais quereis , Senhor ? pelas Deidades
Respeitai tão Sagrados juramentos :
Os meus rogos ouvi ; e os sentimentos
Deste misero Povo.

Grande Sacerdote.

A nossa angustia ,
A nossa confusão tambem vos pede
Que mitigueis , Senhor , as vossas iras :
Escutai a Rainha em tanto affogo ,
E attendei docemente ao nosso rogo.

Oedi-

Oedipo.

Sabeis o que pedis ? Será possível
Que do meu coração no grande aballo
Me fogueite á soberba de hum Vassallo ?

Grande Sacerdote.

Ponde diante dos olhos toda a antiga
Lealdade dos seus votos ; e a presente
Protestação.

Oedipo.

Talvez tendes notado
No que intentais de mim neste arduo empenho ?
Conheceis o favor que haveis pedido ?

Grande Sacerdote.

Sim Senhor , nós o temos conhecido.

Oedipo.

Se ousais inda de novo a pertendê-lo
Fallai ; que eu vos attendo.

Grande Sacerdote.

Naõ cuidamos
Que offender-vos podeis , quando rogamos
Que salveis hum amigo , e naõ se perca
Só por huma incerteza.

Oedipo.

Persuadir-me
A fazer esta graça he conduzir-me
Por huma fantasia , ou por hum erro

Ao

Ao insulto da morte , ou do desterro.

Grande Sacerdote.

Na presença de Jupiter o digo.
E tu , ó Sol , brilhante testemunha
Sejas dos juramentos que aqui faço ,
Que eu me veja dos Deoses , e dos homens
Defamparado sempre ; se estou vendo
Que discurso tão torpe , e tão horrendo
Me venha ao pensamento : só procuro
Em tudo o que discorro , e conjecturo
O publico interesse : Só sensível
Ao mal da minha Patria espedaçado
Sinto o meu coração vendo que o Fado
Multiplica a impiedade dissoluta
No movimento atróz desta disputa.

Oedipo.

Pois assim o quereis , póde Creonte
Já daqui retirar-se : eu lhe perdo-o
No meio do perigo de matar-me ,
Ou tirar-me do throno : mas advirta
Em que hoje ás voßas lagrimas sómente,
E não a seu respeito em tanto insulto
Dispenso a graça , e lhe concedo o indulto.
Saiba que em qualquer parte que elle esteja
Lhe tolho que me falle , ou que me veja ,
Pois hum tão feio , e ingrato criminoso

Me

Me será sempre horrivel , sempre odioso.

Creonte.

O' que cruel favor ! que mais podera
Fazer huma vingança ? porèm este
He o vosso caracter : pelas vossas
Mesmas paixoens a sorte vos castiga.

Oedipo.

Esse teu novo insulto inda me obriga
A que mais me perturbe ; vai-te , infame ,
Aparta-te , infeliz.

Creonte.

Sim , eu me aparto :
Fui desgraçado em não me conheceres ;
Mas ao menos o alivio me acompanha
De que este Povo me fará justiça. *Vai-se.*

Grande Sacerdote.

Se Creonte , Senhora , já se ausenta ,
Ficando aqui o Rei , que he o que intenta
A vossa suspensão , sem exhortá-lo
A que no seu Palacio se recolha.

S C E N A IV.

Jocaste , Oedipo , e o Grande Sacerdote.

Jocaste.

OS motivos primeiro saber quero
De tantas dissensoens.

Gran-

Grande Sacerdote.

A sua origem
Veio só de palavras , e suspeitas.
As injurias não podem ser acceitas
Em hum animo illustre.

Focaste.

E ellas foraõ
Igualmente reciprocas ?

Grande Sacerdote.

He certo.

Focaste.

E sobre que cahiraõ ?

Grande Sacerdote.

Vos supplico
Que mais não pergunteis : Em tanto estrago
Como hoje padecemos , conveniente
Será que nesta lastima presente
Não nos seja huma queixa renovada ,
Que vemos no silencio sepultada.

Oedipo.

Cego estais na verdade , e não obstante
A grande réctidaõ que vos supponho
Desamparais meus justos interesses ;
Augmentando inda mais os meus horrores.

Grande Sacerdote.

Que falsas apprehensoens , que vãos temores ?

Já vos disse , e outra vez torno a dizê-lo ,
Que eu fora o mais iniquo dos Thebanos ,
Se de quanto vos toca , ou vos respeita
Eu chegasse a apartar-me : Por ventura
Naõ sois aquelle mesmo que chegasteis
A livrar na desgraça mais escura
A Patria vacilante ? Naõ formasteis
O conceito entre nós de que serieis
O nosso Redemptor nesta horrorosa
Fatal calamidade , se sómente
De vós pendesse o allivio ? Pois se estamos
Ligados com tão altos beneficios ,
Como achareis em nós alguns indícios
De que a constancia desta chamma interna
Naõ seja sempre firme , e sempre eterna !

Focaste.

Naõ me occulteis , Senhor , por essas luzes
Immortaes , em que o Olympo se esclarece ,
Naõ me occulteis a causa que vos move
A tanta indignação.

Oedipo.

Se he vosso gosto
Já por vosso respeito estou disposto
A mostrar a razão das minhas iras :
Attendei de Creonte ao féro impulso.

Jocaste.

Inda que meu Irmão , as vossas queixas
Ouvirei sem sobroço , se as formares
Com precisa evidencia.

Oedipo.

Elle me offende
Taõ sacrilegamente , que pertende
Imputar-me de Laio a infeliz morte.

Jocaste.

Que me expliqueis desejo de que fórte ?
Por fé de outra pessoa , ou de si mesmo ?

Oedipo.

Elle tem a Tiresias sobornado
Para espalhar em Thebas este ruido :
Já não ha cousa alguma que emprendido
Não tenha , nem intento velho , ou novo
Para irritar , e soblevar o Povo.

Jocaste.

Tendes dito , Senhor , agora ouvî-me :
Não façais caso do que diz Tiresias :
Sustentai-vos com rosto sempre inteiro ,
Desprezando os discursos do agoureiro.
Nenhuma cousa ha certa neste Mundo ,
As Deidades sómente não se enganaõ :
Quasi tudo he ficçaõ , tudo mentira ;
Se duvidais do mesmo que contemplo

Eu vòs dou dô que affirmo hum claro exemplo.
O triste Laio meu primeiro esposo
No Oraculo encontrou a voz tremenda ,
(Não direi se de Apollo foi o annuncio ,
Se dos seus Sacerdotes) que algum tempo
Seria morto por seu proprio filho.
E que entre o horror de influxo desgraçado
Tal era a ordem que dispunha o Fado.
He com tudo huma fama bem notoria ,
Que huns féros Salteadores o matáraõ
Aonde fórma a estrada tres caminhos :
Eu dou á luz do Sol aquelle mesmo
De que fallava o Oraculo ; e apenas
Se passáraõ tres dias quando Laio ,
Que sempre estava n^o hum fatal desmaio
Pelo annuncio de Apollo , determina
Que furados os pés do tenro infante
Se exponha (com fereza sempre estranha)
Na mais deserta , e barbara montanha.
Aqui tendes que hum Nume taõ sublime
Não póde produzir nem o delicto
Do filho , nem do Pai a horrenda sôrte ,
Outro destino teve em outra morte ;
Bem que as vozes fataes continuamente
Auspicavaõ taõ funebre successo :
Socegai-vos , Senhor ; deste Tiresias

Não

Naõ façais muita conta : Eu consentira
Na verdade do Oraculo , se ouvira
Fallar o mesmo Apollo : Huma Deidade
Digna he só de dizer-nos a verdade.

Oedipo.

Ah ! que me tendes dito , amada Esposa !
Em que horror , em que affombros repetidos
Haveis agora posto os meus sentidos ?

Focaste.

Em que affombro , em que horror as minhas vo-
Vos tem feito cahir ? (zes

Oedipo.

Naõ me dissesteis
Que Laio fora morto em huma estrada ,
Que tres caminhos tinha ?

Focaste.

Affim o affirmão ;
E essa foi a noticia que então veio ,
E que dura inda hoje : Que receio
Dar-vos póde esta leve circumstancia ?

Oedipo.

E em que lugar se diz que succedera
Esta terrivel morte ?

Focaste.

Affirmaõ todos
Que em Phocida ; e na parte onde se ajuntaõ

Os

Os caminhos que eu disse , e que conduzem
A's Cidades de Delphos , e Daulia.

Oedipo.

E desde tão infausto , e triste dia
Que tempo haverá passado ?

Focaste.

Pouco tempo

Passado se teria , quando entrasteis
De Thebas no Reinado.

Oedipo.

O' Ceo Divino !

O' Jupiter Supremo ! A' que destino
Levais a minha sorte ?

Focaste.

O' altos Deoses !

Donde vem este horror , ou este espanto ?

Oedipo.

Naõ intenteis , Senhora , saber tanto.

Dizei-me , sim , dizei-me (ai de mim triste !)

Qual era a idade entaõ , qual a figura
Desse Rei infeliz ?

Focaste.

Tinha estatura

Bastantemente grande , e Magestosa ;

Começava a cabeça a enbranquecer-se ,

E confórme o que exponho na lembrança

Ti-

Tinha com vosco muita semelhança.

Oedipo.

O² Deoses immortaes ! Será possível ,
Que sem o imaginar lançado tenha
Sobre mim tão horrendas , tão medonhas ,
Funestas maldiçoens !

Jocaste.

Senhor , que horrores
Concebeis , e dizeis ? Não tenho alento
Nem para ver-vos já , nem para ouvir-vos.

Oedipo.

Os membros se me gelaó : Ceos ! Que fora
Se este cego agoureiro achasse a hora
De meu funebre horoscopo , e advertisse
Nelle tudo o que expôz , tudo o que disse ?
Inda de vós , Senhora , saber quero
Mais outra circumstancia.

Jocaste.

Declarai-vos ,
Que bem que tanto horror me atemoriza
Eu direi quanto sei.

Oedipo.

Se foi dizei-me
A pessoa do Rei nessa jornada
De pouca , ou muita gente acompanhada ?

Jocaste.

Constava toda a sua comitiva
De cinco companheiros ; e inda o Heralto
Entrava nesta conta , e hum carro apenas
A Laio conduzia.

Oedipo.

Eu sou perdido !

Quanto advirto , (ai de mim !) e tenho ouvido
Evidente , e infallivel a desgraça
Faz da estrella maligna que me inspira :
Dizei-me inda , Senhora , (mal respira
O afflicto coração) quem esta historia
Taõ triste vos contou ?

Jocaste.

Foi hum criado

De Laio , que escapou deste perigo.

Oedipo.

Assiste no Palacio ?

Jocaste.

Naõ assiste

Já nelle ha muitos annos ; porque vendo
Que estais no throno , e o Rei na sepultura ,
Se encheo tanto de horror , e de amargura ,
Que naõ quiz ter presentes os lugares
Que accrescentavaõ mais os seus pezares.
Pedio-me que o mandasse para o campo

Acui-

A cuidar dos rebanhos : Hum criado
Taõ fiel merecia esta licença ,
E talvez que mais digna recompença.

Oedipo.

Mandai que venha logo.

Focaste.

Isso he bem facil :

Mas para que o quereis ?

Oedipo.

Imaginando

Estou que elle a verdade naõ disseſſe ,

E quero examiná-la exactamente :

Em fim , n'humas palavras , eu quero vê-lo.

Focaste.

Em brevê tempo haveis de conhecê-lo :

Mas , Senhor , neste affombro em que me vedes

Naõ mereço saber estes motivos

Da vossa inquietação ? ou que ser possa

Digna talvez da confidencia vossa ?

Oedipo.

Naõ posso já negar-vos o que sinto :

A quem neste confuso labyrintho

De oppreſſoens , e de males me atrevera

A explicar o terror da minha angustia

Se naõ a vós , com quem reparto a ancia

Em que fluctua a minha tolerancia ?

Sabei , pois , que eu sou filho de Merope ,
E de Polybo , que inda reconhecem
Por seus Reis os Corinthios : Tinha posto
Em mim toda a esperança aquelle Reino :
Ao tempo que succede huma aventura ,
Com a qual me meteo a sôrte escura
Bastantes confusoens no meu cuidado :
Hum homem com o vinho arrebatado
Tomou o atrevimento de dizer-me
N'hum publico banquete que eu não era
Descendente do Rei , nem da Rainha.
O meu primeiro impulso me encaminha
A castigar a offensa ; porèm vendo
Talvez que o sofrimento era o segundo
Esforço dos mortaes , me determino
A desprezar o insulto ; e subo ao throno
A dar parte do ultraje aos Reis : A furia
Lhe occupa o coração com esta injuria ;
E entre a mesma paixão que a chamma exhála
Querem não só sentî-la , mas vingála.
O affecto que eu lhe tinha , combatia
Com as minhas suspeitas ; e esta affronta
Parecia que tinha o meu conceito
Gravado no mais fundo do meu peito.
Nesta agitada ideia me resolvo
A consultar o Oraculo Divino ,

Que

Que em Delphos se venera : chego ao Templo ,
Mas perguntado Apollo me responde
Muito alheio daquillo que eu pedia :
Elle só me prepara , e me annuncia
O mais horrendo , e misero futuro.
Tem (diz elle) *os destinos ordenado ,*
Que este Oedipo infeliz será casado
Com sua propria Mãi ; e que seus filbos
De huma raça nefanda se reputem :
E o fará inda a sorte enfurecida
De seu Pai execravel Parricida.

Aturdido do Oraculo tremendo
(Como julgar podeis) tomo o recurso
De fugir para sempre de Corintho ;
Errando pelos montes mais distantes
Como hum triste infelice aventureiro ,
Por não deixar a Apollo verdadeiro.
Tomo os Astros por guia no caminho ,
Por huma , e outra estrada me dilato
Sem allivio , descanso , nem conforto ,
E ao sitio venho adonde Laio he morto.
Apenas chego á estrada que em tres partes
Rasga o monte (que o diga he já preciso)
Quando hum Heralto , e hum homem de esta-
tura ,

Dos annos , e do gesto que me tendes
Representado agora ; e inda montado
Em hum carro se expõem á minha vista ,
Pertendendo que eu volte , e que desista
Da estrada que seguia : eu me enfureço ,
Eu disputo este aggravo , esta insolencia ,
E em quanto faço á companhia rosto ,
O seu Senhor me enveste com dous golpes ,
E eu de hum só o despenho do seu carro :
Cahe morto a mens pés , e cahem todos
Os que compõem a sua comitiva ,
Ou por ordem fatal da sôrte esquiva ,
Ou talvez pelo arrojo , ou pelo intento
Do seu barbaro , e injusto atrevimento.
Se o homem que me impede o meu caminho
Que he Laio chega em fim a confirmar-se ;
Que mortal mais funesto póde dar-se ,
Ou que mais justamente aborrecido
Possa ser das Deidades , como o infausto
Detestavel Oedipo ? Que Estrangeiro ,
Que Patricio jámais ha de atrever-se
A dar-me auxilio , nem fallar commigo ?
Eu ferei obrigado por mim mesmo
Deste Reino a fahir , sem outro impulso ,
Espavorido , trémulo , convulso ,
Infosfriavel ao Mundo , ao Ceo , ao Fado.

Terei contra mim mesmo fulminado
Tantas execrações ? O' fôrte horrenda !
O' homem infeliz ! Dos homens todos
O mais torpe , e execrando ! Eu contaminao
O leito ao mesmo Rei que tão cruelmente
Tenho morto no Campo ? Que impaciente ,
Que incognito furor me arrebatava
Para seguir o influxo de tão brava
Infame indignação ? Adonde posso
Fugir (ai triste !) agora de mim mesmo ?
Voltarei a Corintho ? Não me exponho
A cahir n'outro crime mais horrivel
Como infamar o leito de Merope ,
E matar a Polybo ! Enfanguentando
As execráveis mãos naquella origem
Donde esplendidamente se liquida
O meu ser , meu alento , e minha vida ?
O' Fado atroz , Fortuna abominavel
Deixarei nos estímulos precitos
De imputar-vos tão barbaros delictos ?
O' justos Deoses , não sofraís que eu veja
Jámais hum dia tão fatal : riscai-me
Da miseravel Serie dos humanos ,
Primeiro que eu infame os meus alentos
Com estes execrandos pensamentos.

Grande Sacerdote.

A grande affombro , e magoa nos commovem
Os clamores da vossa adversidade ;
Porèm humildemente vos pedimos
Que não vos entregueis a tantos males
Sem ouvires primeiro exactamente
O que diz o Pastor.

Oedipo.

Tem-me impaciente
O desejo de ouvir o seu infórme ;
E em imagem tão feia , e tão funesta
He a unica esperança que me resta.

Jocaste.

Eu tambem desejava perguntar-vos
Que haveis vós de fazer depois de ouvî-lo ?

Oedipo.

Se elle concorda com a vossa historia
Ficarão em socego os meus temores.

Jocaste.

E vós que concluís do que eu vos disse ?

Oedipo.

Difisteis que o Pastor vos assegura
Que o Rei por huma occulta desventura
Morrera pelas mãos de huns assassinos :
Se persiste o Pastor em que assim fora
Fico sem algum susto desde agora ;

Pois

Pois he certo que muitos Salteadores
Hum só homem não faõ : mas se elle imputa
A hum sómente a morte , persuadido
Ficarei de que estou já convencido ,
E de que sou tambem o delinquente.

Focaste.

Socegai-vos , Senhor , que pontualmente
Disse o mesmo que eu digo ; e já não pôde
Mudar de narração , toda a Cidade
Testemunha será desta verdade :
Mas inda que elle agora aqui se atreva
D'outro modo a dizêlo , as suas vozes
Nunca concordarão com as de Delphos :
Disse Apollo que Laio por seu filho
Havia de ser morto ; e sendo (ai triste !)
A vítima fatal do nosso fusto ,
Por decreto cruel do Fado injusto
Recebeo elle a morte , sem que a desse ,
Mostrando o engano ao falso vaticinio :
Julgai , Senhor , agora se o desinio
Do Oraculo se encontra verdadeiro ,
E se o vosso será mais temeroso
Depois de ser o meu tão mentiroso ?

Oedipo.

Vós applacais o horror em que fluctuo ,
Mas para o dissipar , cuidai agora

Que

Que o Pastor se conduza sem demora.

Focaste.

Desejo obedecer-vos , e quizera

No ardor que o coração me tem disposto

Ter sempre muita parte em vosso gosto.

ACTO IV. SCENA I.

Focaste , e o grande Sacerdote.

Focaste.

THebanos , obrigada hoje me vejo
 De ir ao Templo dos Deoses : as grinaldas,
 E os incensos que eu levo , manifestão
 No impulso dos estímulos devotos
 Os piedosos intentos dos meus votos.
 As angústias de Oedipo me encaminhão
 A's Aras Sacrosantas , agitado
 De varias illuções o seu cuidado
 Em lugar de que o Oraculo recente
 Se chegue á reputar (como pedia
 A razão) pelo antigo , tem presente
 Só na sua turbada phantasia
 As medonhas imagens dos perstígios:
 Assombrado em tão horridos vestígios.

At-

Attenção dá sómente a quem o leva
Por estas tristes sombras : Pois que inuteis
Todos os meus cuidados , e conselhos
São , ó divino Apollos , a vós recorro ,
E vos busco no altar menos distante ,
Que aos meus olhos está : Vosso semblante
Serenai ao meu rogo ; o que vos peço
Sómente he que hum a vista lastimosa
Nos deiteis nesta angustia em que nos vedes :
Attendei mais clemente ao triste Oedipo ,
De quem todos os males participo ,
Que imitando o Piloto não sustenta
Em tanto assombro o Reino na tormenta ,
E as tristes affliçoens que o Fado indica
No seu mesmo terror nos communica.

S C E N A II.

Os mesmos com o Pastor de Corintho.

Pastor.

F Azêi-me a graça , ó inclytos Thebanos ,
De mostrar-me o Palacio Magestoso
Do vosso Rei , ou onde posso achá-lo.

Grande Sacerdote.

O Palacio de Oedipo está defronte ,
E nelle he que o achareis : aqui só tendes

Sua esposa a Rainha.

Pastor.

Alta Princeza ,

Os Deoses vos conservem na grandeza

Maior que pódem dar : ao vosso alento ,

E ao do Rei se conceda a claridade

De huma sempre real prosperidade.

Focaste.

E vós da mesma sorte na fortuna

Achai sempre o semblante mais risonho :

O vosso mesmo objecto he que me obriga

A dar-vos esta nobre recompensa.

Mas, dizei-nos agora com que intento

Nos vindes procurar ? Trazeis alguma

Noticia que me alegre , ou que me afflija ?

Pastor.

Nunca o meu pensamento se dirija

Ao vosso sentimento : alegres novas

Para vós , para o Rei , aqui me trazem.

Focaste.

Dizei-me : Donde vindes ?

Pastor.

De Corintho.

Focaste.

E que ventura he essa ?

Pa-

Pastor.

Nada quero
Occultar-vos , e a dar estou disposto
Huma nova de pena , outra de gosto.

Focaste.

Declarai-me , Estrangeiro , tanto enygma.

Pastor.

Vosso esposo , segundo o que presumo ,
Será Rei de Corintho , com applauso
De todo aquelle Reino !

Focaste.

E ao Rei Polybo
Quem o tirou do throno ?

Pastor.

A dura morte.

Focaste.

Que dizeis ? O² injusta , ó triste sôrte !
Polybo mortô ! He crível !

Pastor.

Peço ao Fado

Que eu acabe tambem , se no que digo
Falto hum ponto á verdade.

Focaste ás suas Damas.

Sem demora

Ide inteirar o Rei disto que agora

Nos diz este Estrangeiro : Em que conceito

Ficais hoje ó Oraculos tão tristes
 Aos timidos mortaes ? Da amada terra
 Oedipo por si mesmo se desterra
 Por não matar Polybo ; e este Polybo ,
 Que atéqui tanto em Delphos se demarca ,
 Outra morte não teve que a da Parca.

S C E N A III.

Oedipo com as Damas , e os mesmos.

Oedipo.

Querida esposa , que no meu tormento
 Me fazeis generosa sociedade ,
 Que quereis ? Que successo vos persuade
 A fazer-me fahir do meu retiro ?

Jocaste.

Vede , Senhor , se he certo o que profiro !
 Ouvi , ó Rei , ouvi este Estrangeiro :
 E se o auspicio de Apollo he verdadeiro
 Podeis então saber.

Oedipo.

E que noticia
 Nos traz , ou donde vem ?

Jocaste.

Vem de Corintho ,
 E afirma que Polybo fallecera.

Oedi-

Oedipo.

Senhora, que dizeis? Isso he possível?
Dize-o tu mesmo; porque ouvî-lo intento
Da tua própria voz.

Pastor.

Já que comece
Por esta infausta nova determina
A ordem que me dais; vos assegura
Minha fé que Polybo á Parca dura
Pagou o seu tributo.

Oedipo.

E de que sorte
A doce vida lhe ficou suspensa?
Por alguma traição, ou dor intensa?

Pastor.

Era preciso mais do que a velhice
Para haver de acabar?

Oedipo.

Dos muitos annos
Falleceo?

Pastor.

Para a morte dos humanos
Que mais he necessario?

Oedipo.

Isso he bem certo :
Achando-se este enygma descoberto,
Que precisão tem já os meus pezares

De

De recorrer aos votos , e aos altares ?
E inda das aves consultar o canto ?
Livre me vejo já daquelle espanto ,
Que me infundia o Oraculo , dizendo
Que meu Pai mataria : elle descansa
No clyma dos defuntos ; e eu me vejo
Em Thebas , sem que nunca concebida
Me fosse a ideia de tirar-lhe a vida.
Quem póde desta fórte criminar-me
Do seu fallecimento ? Bem conheço
Que póde haver quem diga que o desgosto
De se ver sem a minha companhia
O levou lentamente á sepultura ;
Mas que se tira desta conjectura ?
Polybo , em fim , morreo sem que o matasse
Seu filho Oedipo ; e hoje sepultados
Tambem ficaõ do Oraculo os definios
Entre o falso rumor dos vaticinios.

Focaste.

Eu o disse , Senhor , por muitas vezes.

Oedipo.

He verdade , Senhora , eu não o nego ;
Mas foraõ sempre as minhas negligencias
Mais fortes do que as vossas advertencias.

Focaste.

Esse exemplo tomai para que nunca

Ver-

Ver-vos possa outra vez entre os naufragios
De tão tristes , tão frivolos presagios.

Oedipo.

Inda devo temer o estar fogueito
A infamar de hum Mãi o casto leito.

Jocaste.

Ah fórte sempre cruel ? Fado inimigo !
Quereis voltar de novo ao estado antigo ?
Que causa póde haver de temer tanto ,
Quando a pezar do estímulo medonho
De algum Astro fatal , pelo risinho
Semblante da Fortuna conduzido
Atégora vos vejo ? Persuadido
Quizera que estivesseis de que a muita
Prudencia alguma vez nos he nociva :
He melhor entregar-nos dos successos
Ao contingente impulso , e estar gosando
Da vida , e ao mesmo tempo desprezando
Os phantasticos sustos que se fingem
N'hum discurso infeliz , sem outra causa ,
Que aquella sombra inquieta que rodeia
A infausta turbação da nossa ideia :
Que razão dar-vos póde o horrivel gesto
Do Fado para tão nefando incesto
Haveres de temer ? Desenganai-vos
De que este pensamento vos merece

Tan-

Tanta certeza como aquelle abono ,
Que traz a imagem de hum pezado sono.
Desprezai os agouros , se procura
Encontrar sempre a dita o vosso alento :
Quem com elles occupa a phantasia
Nunca póde viver com alegria.

Oedipo.

Eu , Senhora , acceitára esse conselho
Se Mãi já não tivesse ; mas em quanto
Ella respira , eu temo ; e inda presumo
Que hei sempre de temer.

Focaste.

O^o que delirio !
Sempre haveis de temer ?

Oedipo.

Assim o entendo.

Focaste.

O' funebre destino ! ó Fado horrendo !
He possivel que a morte de Polybo
Os olhos não vos abra ? ó fórte dura !
Que encanto ! que dilirio ! que loucura !

Oedipo.

A morte de meu Pai era bastante
Para me socegar ; mas inda vive
Minha Mãi.

Pastor.

Por ventura saber posso
Que Mai he esta de que tendes medo?

Oedipo.

Isto publico he , não he segredo ,
Minha Mãi he Merope , digna esposa
Do já defunto Rei.

Pastor.

E que temores
São effes de Merope ?

Oedipo.

São os féros
Annuncios de hum Oraculo terrivel.

Pastor.

Tão execraveis são , que não se pódem ,
Senhor , communicar ?

Oedipo.

De affombro cheio
Os vou a repetir : se a Apollo creio
Me determina a sôrte enfurecida
Que eu seja incestuoso , e parricida.
Que hei de matar meu Pai , e ser esposo
De minha Mãi o Oraculo profere :
Por não cumprir o horrivel vaticinio
Me apartei de Corintho : Foi desterrô
Voluntario , e felice , como agora

m

O po-

O podeis conhecer ; mas se inda fora
Mais ditoso bem vedes que o teria
Sempre por desgraçado , conhecendo
Que do objecto (ai de mim !) que eu mais a-
mava

Me tinha dividido a sorte brava.

Pastor.

E he esse , ó Rei , o unico motivo
Que de Corintho vos aparta ?

Oedipo.

He certo :

Na minha ideia (eu quero confessá-lo)
Se imprimio vivamente o crime enorme
Do incesto , e parricidio.

Pastor.

Tão defórme ,
Tão fatal apprehensão he já preciso
Que hoje risque do vosso pensamento.
Só a vossa ventura , e o vosso aumento
A Thebas me conduz.

Oedipo.

Affegurai-vos

De que conheça sempre este serviço.

Pastor.

Para premio me basta que eu vos leve
Outra vez a Corintho : Este foi todo

O in-

O intento que propuz nesta jornada.

Oedipo.

Nunca minha influencia desgraçada
Fará com que meu animo resolva
Tornar mais a Corintho em quanto viva
Minha Mãe estiver.

Pastor.

E será justo
Que estejais inda hoje na ignorancia
Do vosso nascimento !

Oedipo.

O^o Ceo Divino !
Que me dizes ? declara o meu destino :
Pelos Deoses to peço.

Pastor.

Se he que a causa
De voltar a Corintho.

Oedipo.

Sim (naõ queiras
Duydá-lo) he sómente o medo ancioso
De se cumprir o Oraculo.

Pastor.

Se tendes
O misero temor de executares
Algun dia nos vossos genitores
Algun crime execravel.

Oedipo.

Esse he todo

Meu receio , e a afflicção que me confunde.

Pastor.

Pois sabei que seguramente creio

Em que cousa mais van que esse receio

Nunca haveis de fingir.

Oedipo.

Estou pasmado !

Dizeis que he cousa van ? Pois não fou filho

De Polybo , e Merope ?

Pastor.

Nada havieis

Com Merope , e Polybo.

Oedipo.

O fer , e a vida

Naó tenho destes Reis ?

Pastor.

A tendes tanto ,

Como a tendes de mim.

Oedipo.

Ha tal affombro !

Que me queres dizer com esse enygma ?

Meu Pai o fer , e a vida me tem dado

Tanto a mim como a vós ?

Pa-

Pastor.

Esse Polybo
Foi assim vosso Pai como eu sou vosso.

Oedipo.

Cada vez mais se aumenta o meu sobrosso ;
Seu filho este Polybo me chamava.

Pastor.

E eu fui o que lhe dei o mesmo filho.

Oedipo.

Seria crível que me amasse tanto
Se filho seu não fosse ?

Pastor.

Elle não tinha
Alguma Successão ; e se encaminha
A hum estranho amor por esta causa.

Oedipo.

Dizei-me quem eu sou ; pois que me desteis
A Polybo : Seria vosso escravo ?
Ou meu Pai fereis vós ?

Pastor.

Eu vos havia
Achado entre huma misera agonia
No monte Cytheron : Isto he bem certo.

Oedipo.

Que causa vos levou a esse deserto ?

Pa-

Pastor.

Procurar algum pasto ao meu rebanho.

Oedipo.

Ereis então Pastor ?

Pastor.

O meu officio

Era esse , Senhor ; por este indiciõ

Já vedes que inda apenas dado ao dia

Vosso libertador me constituo.

Oedipo.

Em novo affombro , em novo horror fluctuo :

Na misera afflicção em que me viste

Haveria outro estado inda mais triste?

Pastor.

Vossos pés cruelmente traspassados

Do mais agudo ferro achei atados

Com hum grosso cordel.

Oedipo.

Fatal destino !

Que males , e impiedades essa historia

Tristemente me avivaõ na memoria !

Pastor.

Cortei a enfanguentada ligadura ,

Que unia os vossos pés.

Oedipo.

Que atrocidade

Se ufou entaõ commigo ! O Fado adverso
Se fez meu inimigo desde o berço.

Pastor.

Bem conheceis que Oedipo significa
Homem de inchados pés : o nome infausto
Tirasteis do successo que vos conto.

Oedipo.

Inda falta dizer quem me condemna
A taõ terrivel , taõ acerba pena :
Meu Pai , ou minha Mãi ? qual delles ambos
Me expôz a tantos males ?

Pastor.

Isso ignoro :

Aquelle que me fez entaõ a entrega
Deste misero infante he que vos póde
Informar-vos melhor.

Oedipo.

E quem foi effe
De quem me recebesteis ?

Pastor.

Nesse monte
Era tambem Pastor.

Oedipo.

Que se confronte
Com elle a vossa narraçaõ desejo.
Podeis talvez mostrar-mo ?

Pa-

Pastor.

Dizer posso
Sómente que de Laio se me disse
Que era também Pastor.

Oedipo.

Pastor de Laio?
De Laio Rei de Thebas?

Pastor.

Se desmaio
Não padece a lembrança assim o affirmo.

Oedipo.

Acaço vivirá, ou posso vê-lo?

Pastor.

E eu como poderei, Senhor, sabê-lo?

Oedipo para o Povo.

Se algum de vós conhece, ou tem ouvido
Quem he este Pastor; se na Cidade,
Ou no Campo vos tem apparecido,
Dizei-lhe que com toda a brevidade
Venha á minha presença; pois me importa
Tomar informação deste successo.

Grande Sacerdote.

Não será necessario algum excessso:
Que ouvindo esse Estrangeiro, conjecturo
Que só póde ser esse que já tendes
Mandado vir aqui; mas a Rainha

O fa-

O saberá melhor !

Oedipo.

Sabeis , Senhora ,
Se he este o mesmo que buscar mandasteis
De quem falla o Estrangeiro ?

Jocaste.

De quem falla
Este Pastor , ou homem de Corintho ?
Sahi , Senhor , do horrendo labyrintho
Em que os vossos cuidados me tem posto.
Não entreis n'algum misero desgosto
Com o vosso discurso temerario.

Oedipo.

Este conhecimento he necessario :
E os Deoses immortaes me perseverem
De ouvir nesta occasiaó vossos avisos.
Tudo aquillo que eu tenho descoberto
Me obriga a procurar com mais instancia
Este enygma fatal até que possa
Descobrir neste escuro desatino
Meu berço , minha Patria , e meu destino.

Jocaste.

Pelos Deoses , Senhor , hoje vos rogo
Que fiqueis nessa mesma escuridade ,
Em que atégora estaveis ; se he que tendes
Na vossa quietação algum empenho

n

Naó

Naõ pertendais , ó Rei , que mais se inflamme
O vosso desvario neste exame ,
Eu já naõ tenho mais que a fórte faça ,
Que chorar tanto horror , tanta desgraça.

Oedipo.

Eu percebo , Senhora , o vosso intento ;
Suppondes que meu baixo nascimento
Descubrirei no exame que procuro ,
Tendo-se já provado naõ ser filho
De Polybo , e Merope : Naõ se affombre
A vossa presunção , que posto venha
A saber-se com prova duplicada
Que chego a descender de tres escravos ;
Naõ vos pertencem , naõ , estes aggravos :
Ficarei com a minha indignidade ,
E vós com toda a vossa Magestade.

Jocaste.

Se tenho algum poder inda com vosco ,
Eu vos peço , Senhor , que neste empenho
Naõ queirais prosseguir.

Oedipo.

Posso affirmar-vos

Que nunca o deixarei , sem que eu alcance
Na sombra errante desse enleio escuro
Toda aquella verdade que procuro.

Focaste.

Vede que eu tenho , ó Rei , maiores causas
Que vós imaginais para advertir-vos ,
Que suspendais o impulso que vos move
Algum astro maligno.

Oedipo.

Agora vejo
Que inda nessas razoes tão mysteriosas
Aumentais meu temor , e meu desejo.

Focaste à parte.

Ah Principe infeliz ! O Ceo permitta
Que nesse despenhado desatino
Chegues sempre a ignorar o teu destino.

Oedipo.

Esse Pastor de Laio se me busque ,
E aqui mo tragaõ logo : No entretanto
Deixemos a Rainha envergonhar-se
Depois deste fatal descobrimento
Do meu baixo , e seu alto nascimento.

Focaste.

Infeliz , e o mais misero de todos
Os que têm vindo ao Mundo ! Não me atrevo
Já nem huma palavra a proferir-te :
Esta he a ultima vez que em tanto affogo ,
Em tanta angustia , em males tão atrozes
Has de chegar a ouvir as minhas vozes. *Vai-se.*

SCENA IV. *Os mesmos sem Focaste.**Grande Sacerdote.*

A H Senhor, onde foge a vossa esposa
Perdida, e tristemente penetrada
Da mais profunda dor! que ideia horrivel,
Que infausta, que funesta consequencia
Propõem talvez á nossa intelligencia
Taõ terrivel silencio?

Oedipo.

Seja embora
Ou funesto, ou terrivel, ou infausto,
Eu quero conhecer de quem procedo,
Bem que seja a mais vil a minha origem:
Naõ duvido que o seja, quando advirto
Que da Rainha a illustre qualidade
Se envergonha da minha escuridade:
Tal he o genio altivo das mulheres!
Mas isto nada importa: Nenhum pejo
Tenho do meu destino: que a jactancia
Em qualquer movimento, ou circumstancia
Acharei de ser filho da Fortuna:
Ella me tem levado ao alto Solio,
Ella me deo tambem taõ grande ornato;
E naõ he justo que eu lhe seja ingrato:
Seja a Fortuna minha Mãi; os tempos,

Qs

Os annos , as idades tambem sejaõ
Mens unicos parentes : A² grandeza
Maior tem conduzido esta baixeza
Do meu humilde nascimento : Intente
Examiná-lo , ou não nunca seria
Mais , ou menos que aquelle que ordenado
Tem na serie immortal a lei do Fado.

Grande Sacerdote.

Se eu vejo os raios de huma luz futura ,
Se não me engana a minha conjectura
Tu mostrarás , ó Cytheron , primeiro
Que principie o Sol hum novo gyro ,
De Oedipo a sôrte , e o nascimento occulto.
Entaõ com hum pacifico tumulto
Faremos bayles , cantaremos hymnos
Para mostrar o applauso que se deve
A taõ amado Principe : Dignai-vos ,
O' Apollo , de ouvir os nossos votos ,
E de justificar nesta bonança
Os auspicios mais doces da esperança.

Rei taõ querido em Thebas , que Deidade
Vos deo o nascimento ? Alguma Nympba
Perdida nas montanhas os requebros
Do Deos Pan ouviria ? Alguma Deosa
A quem amasse Apollo , que dos bosques

Anni.

Amigo sempre foi? Mercurio, ou Baccho,
Hum que he Deos de Cyllena, e o outro a-
mante

Da verdura, ou do estimulo brilhante
Das sombrias florestas muitas vezes
A's Nymphas do Helycon a Corte fazem:
Serieis entre tantos resplandores
O fruto mais feliz dos seus amores?

Oedipo olhando para dentro.

Se a vista não me engana me parece
Que hum velho aqui nos vem desconhecido.
Será talvez aquelle que esperamos!
Sua idade, seu gesto, e o seu vestido
Bem se assemelha ao outro em que fallamos.
Os meus proprios criados reconheço
Que são os que o conduzem: Vós que o tendes
Em Thebas alcançado, se eu me engano
Me podereis dizer.

Grande Sacerdote.

Senhor, he certo
Que o tem vossos criados descoberto:
De Laio o fiel Pastor haveis achado.

Oedipo.

Dizei-me: Será este o mesmo homem
De que fallasteis?

Pastor.

Sim , Senhor : o mesmo.

SCENA V. *Os mesmos com Phorbas.*

Oedipo.

C Hegai , chegai bom velho , e respondei-me

Exactamente a todas as perguntas ,
Que agora vos fizer.

Phorbas.

Senhor , prottesto ,
Seja o caso feliz , seja funesto ,
De em tudo declarar-vos quanto eu saiba.

Oedipo.

Fosteis Pastor de Laio ?

Phorbas.

Antigamente

Fui hum dos seus criados , e nascido
No seu mesmo Palacio , por affecto
O servi sem me ver nunca ligado
A' lei da escravidão.

Oedipo.

Nesse serviço

Que emprego o vosso foi ?

Phor-

Phorbas.

Guardar o gado
Nesta vida a maior , e melhor parte
Gastei da minha idade.

Oedipo.

E onde traziêis
A pastar os rebanhos ?

Phorbas.

Nesse monte
Que chamaõ Cytheron , e em seu contorno.

Oedipo.

A perguntar-vos novamente torno
Se acaso conheceis este Estrangeiro ,
Ou se em lugar algum o tendes visto ?
Vede , olhai , reparai , certificai-vos.

Phorbas.

Que Estrangeiro dizeis ?

Oedipo.

Este que offereço
A vossa vista : declarai se tendes
Delle conhecimento , ou se algum trato ,
Ou commercio com elle haveis disposto ?

Phorbas.

Parece-me que nunca no seu rosto
Cheguei a pôr os olhos.

Pa-

Pastor.

Naó vos cause ,
Senhor , admiração o esquecimento
Que tem Phorbas de mim , isto he bem facil
Depois de tantos annos ; porèm cuido
Que naó se esquecerá se aqui lhe advirto
A doce companhia que fizemos
No monte Cytheron , e que vivemos
Juntos neste lugar , que eu tanto abono ,
Do principio de Março ao fim do Outono.
Só o Inverno era o tempo de apartar-nos :
Elle levava seu rebanho a Thebas ,
E o meu vinha a Corintho : Naó he isto
Verdade , amigo velho ?

Phorbas.

Já me lembro
De tudo o que dizeis : Hoje á lembrança
Me trouxestes hum tempo bem antigo.

Pastor.

Supposto vos lembrais , inda prosigo :
Recordareis agora que me desteis
Nesse tempo hum menino , e que o criasse
Cómo meu proprio filho ?

Phorbás.

Se me achasse
Nessa antiga memoria , com que intento

o

En-

Entrais neste confuso pensamento ?

Pastor.

He para se saber se aquelle infante
Que entaõ me confiassteis , será este ?

Mostrando a Oedipo.

Phorbas.

Que he o que dizes , miseravel homem ?
Cala-te infame ; os Deoses te destruaõ
Antes que possas dar outra palavra.

Oedipo.

Contra o pobre Estrangeiro te enfureces ,
Quando estou vendo que só tu mereces
A minha indignação.

Phorbas.

E que delicto
Tenho eu feito , Senhor ?

Oedipo.

Inda o perguntas !
O querer encobrir com tanto dolo
O caso em que te falla ?

Phorbas.

Por Apollo
Me acreditai , Senhor , que elle não sabe
O que intenta dizer-vos.

Oedipo.

Se inda agora

Que-

Queres dissimular , te certifico
Que eu te faça dizer toda a verdade ,
Seja por força , seja por vontade.

Pborbas.

Pelos Deoses , Senhor , hoje vos peço ,
Que infamar não queiraes minha velhice.

Oedipo.

Que se meta no carcere , e o carreguem
Dos mais pezados ferros.

Pborbas.

Infelice!

Em que aperto me vejo ! Declarai-me ,
Senhor , aquillo que quereis que eu diga.

Oedipo.

Se ao Pastor deste o infante em que se falla.

Pborbas.

Dentro no peito o coração me estála.
Sim , Senhor , eu o dei. Que este não fosse
O meu ultimo dia ! O` morte injusta
Como me tardas tanto !

Oedipo.

Os teus desejos
Cumprirei se prosegues em calar-te.

Pborbas.

Mais depressa (ai de mim !) serão cumpridos
Se eu me atrevo a fallar !

Oedipo.

Este homem cuida
Sómente em me entreter com vãos rodeios.

Phorbas.

De que formais , Senhor , effes receios ?
Eu não vos disse já que havia entregue
Esse infante ao Pastor ?

Oedipo.

E donde veio ?
Esse infante era teu , ou de outra parte
O tinhas recebido ?

Phorbas.

Meu não era :
Eu de outra mão o tive.

Oedipo.

Quem te ha dado
Esse objecto infeliz do triste Fado ?
De que casa era elle ?

Phorbas.

Ai de mim triste !
Pelos Deoses , Senhor , aqui vos peço
Que mais não pergunteis.

Oedipo.

Pastor acaba
De declarar-me tudo : Estás perdido
Se és tão louco talvez , tão atrevido ,

Qu

Ou inda de ti mesmo taó contrario ,
Que chegue agora a fer-me necessario
Que repita a pergunta.

Phorbas.

Naõ se irritem ,
Senhor , as vossas iras : Este infante
Teve o seu desgraçado nascimento
No Palacio do Rei.

Oedipo.

E era de Laio ,
Ou de algum seu escravo ?

Phorbas.

O^o trance horrivel !
Eu morro se o declaro.

Oedipo.

E eu se o ouço :
Mas he força que falles.

Phorbas.

Se affirmava
Que era filho de Laio este menino :
Perguntai-o á Rainha , que ella o sabe
Melhor do que eu o fei.

Oedipo.

Foi della mesma
De quem o recebesteis ?

Phor-

Phorbas.

Naõ me atrevo
A negá-lo , Senhor ; eu mesmo o levo
Da sua propria maõ.

Oedipo.

Qual era a causa
De vos dar este infante ?

Phorbas.

Era sómente
Para haver de o matar.

Oedipo.

Para matá-lo !
O' que barbaro intento ! E era seu filho ?

Phorbas.

Ella assim o affirmou ; mas á ternura
Se venceo com a triste desventura
De huns terriveis Oraculos.

Oedipo.

Que vozes
Os Oraculos davaõ ?

Phorbas.

Que os atrozes
Impulsos deste Filho matariaõ
A quem a vida , e o ser lhe tinhaõ dado.

Oedipo.

E tu com que razaõ , com que conselho

En-

Entre as mãos o metestes deste velho?

Phorbas.

A compaixão me obriga que lho entregue,
Presumindo talvez que o criaria
Nas terras mais distantes : elle o salva
(Ai de mim triste!) para ser exemplo
Em toda a expectação, em toda a idade
De hum horrenda, e fatal adversidade.
Se acaso fois aquelle de quem fallo,
Sois o mais infeliz de quantos homens
Chegou a perseguir astro maligno.
E parece que o Fado não podera
Formar no seu estimulo furioso
Hum mortal tão atroz, tão monstruoso.

Oedipo.

Ora, em fim, meu destino he já patente :
Ninguem póde ignorá-lo : Ao Mundo todo
Tem descoberto o Ceo o escuro enygma
Da minha infausta estrella: Eu sou nascido
Daquelles de quem nunca produzido
Era justo que eu fosse : Eu sou casado
Com aquella que impede a natureza
Que seja minha esposa : Eu dei a morte
A quem me deo a vida : A minha sorte
Se tem, em fim, cumprido : Que procuro!
Que intento, que imagino, que pertendo

Nos

Nos abyſmos de hum Fado taõ horrendo?
 O Sol, eu vou fazer com que eſtes ſejaõ
 Os ultimos instantes em que vejaõ
 Entre enormes, e funebres terrores
 Meus olhos õs teus claros reſplandores.

ACTO V. SCENA I.

Grande Sacerdote, hum Criado, e parte do Povo.

Criado.

THebanos os mais ſabios, mais illuſtres
 Que em Thebas ſe reſpeitaõ, de que males
 Sereis hoje infelices teſtemunhas!
 E quantas affliçoens he já preciso
 Que a minha compaixaõ, que o meu ayiſo
 Explicar-vos pertenda? Se a ternura
 Conſervais pela antiga, e egregia Caſa
 Do glorioſo Labdaco, que piedade
 Naõ fará que com penas taõ eſtranhas
 Naõ ſejaõ voſſas miſeras entranhas
 Funeſtamente penetradas hoje?
 Bem que o Danubio, e o Phasis nõs arroje
 O deſpenho feróz das ſuas agoas
 As feias nodoas, as horrendas magoas

Nun-

Nunca se haó de lavar nesta familia :
Todos os seus horrificos segredos
Se vaõ agora a expôr na claridade
Deste medonho dia: A adversidade ,
Os crimes , os supplicios , tudo quanto
Pode causar horror , affombro , espanto ,
Patente se fará , e mais sensível ,
Mais torpe , mais funesto , mais horrivel
Se offrecerá aos olhos , quando vir-mos
Neste arrojo , e delirio temerario ,
Que foi este castigo voluntario.

Grande Sacerdote.

Que podeis ajuntar á desventura
Que nos he taõ notoria?

Criado.

Já sem vida :
A Jocaste vereis.

Grande Sacerdote.

Que duro golpe
Vos cortou (ai de mim !) o breve alento ,
O infeliz Princeza ?

Criado.

Esse instrumento ,
Com que a parca destroe o vital fio ,
Foi ella a que o impelio contra si mesma ,
Inda que este espectaculo vos póde

Fallar com eloquencia mais medonha ,
He causa a mesma dor que eu não o exponha
Com aquella que eu possa figurá-lo.
Apenas a Rainha ao grande abálo
Do mais cego furor , como já visteis ,
Entrou no seu Palacio , nesse instante
Ao seu quarto passou , a porta fecha ,
Busca o leito Nupcial , e entrega ás Furias
A sua indignação : Ella destroça
Com as unhas as faces : Ella arranca
Com as mãos os cabellos , ella grita
Pela sombra de Laio , ella se accusa ,
Arrebatada , pálida , confusa ,
Destte fructo de hum Hymien tão funesto.
Fructo que foi o author já manifesto
Da morte de seu Pai ; a cama infesta
Ella inunda de lagrimas ardentes ,
Aquella cama digo , em que gerado
Havia o esposo com seu mesmo esposo ,
E tambem os seus filhos com seu filho.
Na raivosa afflicção desta agonia
Ella a vida acabou : Não se sabia
De que sorte expirára : Neste tempo
Vem Oedipo já quasi sem sentidos
Ferindo o Ceo com horridos gemidos.
Não nos permite o estado em que elle estava

Saber qual era a sorte da Rainha :
A desgraça de Oedipo nos levava
Toda a nossa attenção , e nos detinha
Em hum timido affombro : O Rei a furia
Pelos olhos exhála ; não se aquieta
No lugar que procura ; n'hum momento
De huma para outra parte se retira :
Elle geme , elle chora , elle suspira ,
Armas pede , e anda em busca de Jocaste :
Aonde está (diz elle) esta infelice ,
Que sem o ser lhe chamo minha esposa :
Esta Mãe de mim mesmo , e de meus filhos ?
Em que parte a acharei ? Elle a medita ,
Mas debalde a procura , e solicita.
Ninguem onde ella estava quiz dizer-lhe ,
E não sei que maligna Divindade
Ao quarto de Jocaste a Oedipo leva :
Nesta ardente afflicção , neste conflito
No mais fundo do peito alenta hum grito ,
Que as abobadas fere do Palacio :
E como o excita alguma furia enorme
Sobre as portas se lança , que aos esforços
Da colera , e da ira examinadas
Se vem em breve tempo espedaçadas.
Elle entra , elle ao thalamo se apressa :
Alli vimos Jocaste (ó vista horriavel !)

Pendente então de hum laço ; em que os seus
dias

Tristemente acabou : Oedipo vendo
Este calamitoso , este tremendo ,
Este medonho objecto ; ao Ceo exclama ,
Os Deoses estimulla , ruge , e brama ,
Como hum fero leão , o laço corta ,
E em tão duro , tão misero contraste
Se deita sobre o corpo de Jocaste.
No meio deste horror nunca advertido
Se expõem horriavelmente á nossa vista
Hum barbaro espectáculo : Indignado
Contra si mesmo o Rei furioso arranca
Hum colchete do manto da Rainha
Com que emprende a cruel barbaridade
De se tirar os olhos. Não he justo
(Diz elle) que outra vez o Sol me sirva
De hum luminoso objecto ; nem que a causa
Dos meus males , e crimes se me exponha
Para chegar a vê-los : Sepultado
Nas mais espessas sombras , apartado
Terei da minha vista effes objectos ,
Que vê-los nunca mais me he permittido ,
E inda aquelles que me eraõ necessarios
Para nesta Fortuna abominavel
Conduzir huma vida miseravel.

Em

Em quanto inunda o ar destes clamores
Na inclemente afflicção que o desfigura
As palpebras levanta , e os olhos rompe :
O purpureo licor lhe inunda as faces :
As lagrimas , e o sangue se confundem ,
E em toda a parte aonde tem sahida
Huma , e outra corrente se liquida.
Tal a sôrte de Oedipo , e de Jocaste :
Sôrte espantosa em fim não de hum sómente ,
Mas inda de hum , e de outro juntamente.
Na desgraça fatal os seus gemidos
Se acharão tristemente confundidos.
Atéqui n'hum prospera fortuna
Foi o seu esplendor digno de inveja ,
Mas hoje quer o Fado que elle seja
(O^o terrivel mudança !) hum feio objecto
Da magoa , e do terror : Pois desta gloria
Já não resta que o pranto , a infamia , a morte ,
A desesperação , o horror , o affombro.
E em tanta pavorosa adversidade
A mais torpe , e fatal calamidade.

Grande Sacerdote.

Em que estado este Principe infelice
Deixais agora ? Seu furor violento
Tem mais diminuição ?

Cria-

Criado.

Naõ tem nenhuma :
Elle clama que as portas do Palacio
Se lhe ponhaõ patentes ; porque á vista
Intenta pôr de todos os Thebanos
As miserias , as lagrimas , os damnos
Deste home abominavel , deste horrendo
Funesto parricida , que infamando
O leito de sua Mãi . . . mas permittî-me
Que naõ me atreva a referir-vos tudo
O que escapa ao furor que o precipita :
Elle suspira , chora , brada , e grita ,
E diz em fim que vai a desterrar-se
De Clyma taõ infaulto ; que hum momento
Nunca mais estará no sitio , aonde
Voltou contra si mesmo : Neste estado ,
Taõ duro , e infopportavel , que socego ,
Que allivio , ou suavidade encontrar póde
Este misero Rei : De algum soccorro ,
De alguma guia necessita , quando
Quizer fahir de Thebas ; porèm elle ,
Inda que cego , amante aqui vos busca :
Vede se póde agora esta desgraça ,
Este objecto , este horror , este castigo
Lastimar o mais barbaro inimigo ?

Vai sabindo Oedipo muito devagar.

Gran-

Grande Sacerdote.

O' fatal , ó medonha adversidade !
O' portento , o mais triste , e o mais horrivel ,
Que nunca aos nossos olhos tem disposto
As iras da Fortuna : Que destino
Vos levou a tão horrida vingança ?
Que Deidade terrifica vos lança
Em tão profundo abyfmo de miserias ?
Que astro maligno agora vos influe
Novos males maiores que os passados :
Ah desgraçado Rei ! Mas eu não posso
Olhar nem para vós : Todo o desejo
Que eu tenho de fallar-vos , e de ouvir-vos
Dentro da minha alma se congela ,
Quando advirto na tragica figura
Em que hoje vos tem posto a desventura.

SCENA II. *Os mesmos com Oedipo.*

Oedipo.

A I de mim ! onde estou ? onde me leva
Este influxo fatal que me domina ?
A que parte me impelle , ou me destina
A minha dura fôrte ? As minhas queixas
Onde espalhar irei ? E angustias tantas
Com tardos passos , com pezadas plantas

Qn-

Onde irei sopportá-las? O² Fortuna ,
Onde estaõ os teus bens?

Grande Sacerdote.

Se haõ convertido
Nos males mais atrozes.

Oedipo.

Noute eterna ,
Sombras espessas , onde submergido
Me julgo sem recurso de outro alento?
Funesto estado , misero tormento ,
Que eu naõ posso explicar : (ai de mim triste!)
Vós sois hoje os crueis executores
De todos os meus crimes : Esse agudo
Curvo instrumento que me arranca os olhos
Menos sensível foi , menos vehemente
Que os remorsos da funebre desgraça
Em que a alma se fere , e despedaça.

Grande Sacerdote.

Senhor , que justas saõ as vossas queixas ,
Quando vos vemos todos neste abyssmo
De repetidos males.

Oedipo.

He possivel ,
O' meus caros amigos , que eu vos deva ,
Depois de horrores tantos , a piedade
De ouvir , e de attender ao meu lamento?

Pos-

Posso crer que escuteis o sentimento
Deste tão desgraçado criminoso ,
Que já não vê o objecto luminoso
Da clara luz do Sol ? Será verdade
Que eu vos esteja ouvindo , ou he engano
Da minha confusão ! Doces amigos ,
Não me engano , eu os ouço , eu os conheço ;
Inda que hoje me tenha o injusto Fado
Na mais escura noite sepultado.

Grande Sacerdote.

Que estrella enfurecida o vosso arrojo
Levou a tanto extremo ? Como entrasteis
No furioso delirio de cahires
Na sorte mais injusta , mais tyranna ?
Quem foi essa Deidade deshumana ,
Que a tanta indignação vos precipita ?

Oedipo.

Apollo , meus amigos , sim , Apollo
A causa foi de minha desventura :
Elle moveo o impulso , e eu dei o golpe.
Entre tantos horrores poderia
Entregar meu alento á luz do dia ?
Poderia encontrar algum objecto ,
Que a vingança mortal da infame Alecto
Horriavel não fizesse ?

Grande Sacerdote.

Quantas vozes
Proferis estaõ cheias de verdade.

Oedipo.

Em taõ negra fatal calamidade ,
Que ficava no Mundo que eu pudeſſe
Amar , ouvir , e ver ? Tudo cauſára
Huma eterna afflicção : Tudo seria
Defendido aos meus olhos : O' Thebanos ,
O' amigos fieis : como inda agora
Vos atreveis a ver-me ? Que demora
He eſta de lançar da voſſa Patria
Eſte monſtro , eſte horrendo parricida ,
Que ſempre ſe verá por toda a vida
Opprimido do odio , e da vingança
Dos Deoſes , e dos homens ?

Grande Sacerdote.

Eſſas luzes
Do voſſo entendimento , que inda reſtaõ
De hum Fado taõ enorme , nos duplicaõ
A dor dos voſſos males , e a ternura
Da voſſa compaixão : Rei affligido ,
Quem nunca vos tivera conhecido !

Oedipo.

Acabe , ó Ceos , aquelle que no monte
Dos pés as ligaduras me deſata :

Ref-

Resgatar-me da morte entaõ procura ;
Que cruel compaixão ! Prouvera aos Deoses
Que elle acabasse a vida em recompensa
Deste acerbo serviço : pois morrendo ,
A mim , e aos meus amigos pouparia
Esta dor , este affombro , esta agonia.

Grande Sacerdote.

Ella mesma , Senhor , he que nos leva
A seguir os impulsos desses votos.

Oedipo.

Se elles entaõ ouvidos ser podessem ,
Eu naõ fora este horrendo parricida ,
Nem este incestuoso abominavel
Na face dó Universo : mas agora
Eis-me aqui delinquente , e desgraçado ,
Nascido de hum infausto ajuntamento ,
De meus filhos Irmaõ , e torpe esposo
De minha propria Mãi : Que mais desgraças
Sobre mim pôdem vir ? Se mais houvera ,
A`lèm daquellas que hoje participo ,
Ellas cahiriaõ todas sobre Oedipo.

Grande Sacerdote.

Por maiores que fossem , nunca posso
Approvar-vos , Senhor , esta vingança ,
Que vós mesmo de vós he que tomasteis :
Esta pena , este horror de toda a sôrte

He inda mais cruel que a mesma morte.

Oedipo.

Nem razoes , nem conselhos neste juizo
Nunca escutar devera : Com os olhos ,
Que ha pouco me arranquei , me atreveria
A entrar no Reino de Plutaõ ? E havia
Resolução em mim para me serem
Triste objecto em tão misera fortuna
Hum Pai , e inda hum Mãi , cuja Tragedia
Ficou sendo nos golpes mais precitos
Consequencia fatal dos meus delitos !
Me feria bem doce , que eu chegasse
A ver crescer meus filhos : não o nego ;
A alegria de vê-los se augmentára
Com os seus mesmos annos igualmente ;
Porém depois que o horror me foi presente ,
Que tantas maldiçoens tinha voltado
Contra mim , já nem filhos , já nem Patria
Devia objecto ser da minha vista :
Que gosto posso ter de que inda exista
Na minha percepção tão doce imagem ?
Este Palacio , aonde fui nascido ,
A mesma Thebas , que me deo o berço ,
Todas estas muralhas , e estas torres ,
Os Templos Santos , os aspectos Sacros
Dos gloriosos Divinos Simulacros ,

Tu-

Tudo estava prohibido ao meu desejo :
Eu mesmo puz a lei de que os não visse ,
Depois que proferi esse desterro
Contra aquelle inimigo das Deidades ,
E da estirpe de Laio : Esta vingança
Já toda a Corte , todo o Reino alcança
Que cahe sobre mim : Já descoberto
O meu opprobrio está : Eu sou o infame ,
Eu sou o criminoso ; de que modo
Em tão misero estado usar podera
Da minha claridade ? O² quem me dera ,
Que inda dos meus ouvidos me privára !
Surdo , e cego outra estrada fecharia.
Aos insultos da pena : Deste modo
Se faria menor , e neste intento
Se adoçaria mais o sentimento.
O² monte Cytheron , com que impiedade
Meus primeiros suspiros recebeste ?
Quanto melhor seria que a mortalha
Me preparasses antes que as mantilhas !
Assim nunca viria o meu destino
Aos olhos dos mortaes : quanto imagino
Horrivel se me faz na minha ideia :
O² Polybo , ó Corintho , ó altas torres
Do Palacio , onde tinha imaginado
Que o meu berço tivera ? Que concurso

De males ajuntasteis neste monstro ,
Que vós mesmo nutristeis no conceito
Que era filho do Rei? De tanto effeito ,
E de tanto esplendor que resta agora?
Não resta mais que o homem mais horriavel
Nascido da mais reprobá familia ,
Que houve nunca no mundo : O' feia estrada
De Daulia , ó Floresta desgraçada ,
O' atalho infeliz ! Vós recebesteis
Todo o sangue de hum Pai , que então corria
De hum filho pelas mãos : Vós assignado
Tendes em caracteres indeleveis
A formidavel , barbara memoria
Deste horror , deste crime , desta historia ,
E de toda a fatal calamidade ,
Que hoje exposta se tem nesta Cidade.
O' Hymen sempre triste , Hymen infausto !
He verdade que tu me deste a vida ;
Mas depois de a haver dado , he que fizeste
Entrar meu sangue no tremendo feio
De que eu tinha sahido : é sem receio
De impulso tão atroz , reproduzir-te
Pais Irmãos de seus Filhos ; e estes Filhos
Tambem Irmãos dos Pais ; e inda as Esposas ,
Que são Mães dos Esposos ; e em fim tudo
O que pódem no Fado carrancudo

Os homens conceber de mais horrivel.
Envergonhem-se as vozes de dizer-se
O que he tão detestavel em fazer-se.
Exclamo aos Deoses , e vos peço , amigos ,
Que n'alguma Provincia inhabitada
Me occulteis ; ou tirai-me antes a vida ;
Fique a minha desgraça submergida
Nas voragens do mar : os vossos olhos
Não queiraes profanar com a presença
De hum mortal tão funesto : e vinde agora
Ao menos consolar-me de mais perto.
Chegai-vos : seja tanto beneficio
Da vossa compaixão o ultimo officio.
Receiais que eu vos pegue os mens influxos ?
O` não o imagineis , que a adversidade
Só cahe sobre mim : Sou eu sómente
Aquelle pavoroso delinquente ,
Em que quer fulminar a sôrte escura
A mais feia , e medonha desventura.

Grande Sacerdote.

Senhor , aqui Creonte se encaminha ,
Elle , que fica Successor do Reino ,
Póde satisfazer aos vossos rogos.

Oedipo.

Creonte me dizeis ? ai de mim triste !
Não devo imaginar em que elle assiste

Ao

Ao favor que vos peço : entre o conceito
De me achar tão injusto a seu respeito.

SCENA III. *Os mesmos , e Creonte.*

Creonte.

E U não venho , Senhor , estimular-vos
Nos proprios males que affombrado cho-
ro ;

Aos mesmos Deoses vosso allivio imploro ,
E em lugar das injurias que podieis
Temer talvez de mim , me compadeço
Desse vosso infortunio : horrivel preço
Com que vem a comprar hum desgraçado
Os traidores pronosticos do Fado!
Quanto a vós , ó Thebanos , se he que aos ho-
mens

Naõ temeis : essa luz , é chamma viva
Do Sol , que vos alenta , essa Deidade ,
Que vendo-vos está desde as esphéras ,
Ao menos respeitai : Envergonhai-vos
De expôr aqui na face do Universo
A victima fatal , de tão adverso ,
Tão odioso infortunio revestida.
Este Rei deploravel , que não póde
Já Thebas consentir , nem que as sagradas

Bri-

Brilhantes agoas poderão levalló :
Este Rei , que effes placidos luseiros
Já mais verá do dia , affas bastante
Tem sofrido no impulso fulminante
Da indignada Fortuna : consolai-o
Em miseria tão horrida : levai-o
Ao Palacio , Thebanos , pois he justo ,
Que os que estão vinculados com seu fangue
Sejaõ só testemunhas da ignominia
Do triste horror , da magoa pavorosa
De huma Familia tão calamitosa.

Oedipo.

Creonte generoso , pois que tanta
Piedade , inda maior que o meu delicto ,
Pertendeis que hoje seja , permittime
Que vos peça hum favor ; mais interesse
Tendes nelle do que eu.

Creonte.

Dizeime logo :

Que vos posso eu negar em tanto afogo ?

Oedipo.

Desterraine de Thebas o mais cedo
Que ser possa ; á montanha mais inculta
Me fazei conduzir , onde não tenha
Comercio ou trato com nenhum vivente.

Creonte.

Príncipe neste misero accidente
Nada devo encobrirvos : desta forte
O tem Apollo em Delphos proferido :
O Oraculo estaria obedecido ,
Se a ternura , e o respeito , que me devem
As vossas qualidades , não me instassem
A que agora outra vez aos Deoses rogue ,
Que de novo se expliquem.

Oedipo.

Explicado
Se tem bastantemente : Bem preciso ,
Bem claro Apollo está : Por seu aviso
O impio não sou eu , não sou o monstro
Que he força desterrar ?

Creonte.

Quem o duvida ?
Mas o estado em que estamos me persuade
Consultar inda os Deoses.

Oedipo.

Por ventura
Podeis crer , podeis crer que este infelice
Os ache favoraveis ?

Creonte.

Os horrores ,
Em que agora vos vejo , certificaõ

Quan-

Quantas verdades nelles pertendemos.

Oedipo.

Mas em fim em tão miseros extremos
Permittime huma graça ; e não consinta
Negarma a vossa lastima : Dignaivos
De que as ultimas honras á Rainha
Conceda Thebas : á Princeza illustre ,
Que inda se acha estendida no seu leito ,
Sem o descanso ter da sepultura :
Ella foi vossa Irmãa ; toda a ternura ,
Toda a justiça , vos merece : Dailha
Como de vós se espera : Quanto a Oedipo ,
Opprobio , e horror da Patria , elle não deve
Habitar este clyma , em quanto o alento
O poder sustentar no seu tormento.
Deixai que eu me sepulte entre os penhascos
Mais asperos , e inhospitos , que busque
No monte Cytheron a minha Patria ,
Nesse monte fatal , aonde tinha
Por influxo cruel , desgraça minha ,
Laio , e Jocaste aberto , meu sepulchro :
Sofrei que eu vá cumprir o meu designio ,
E a minha horrenda sorte : que eu acabe
Nesses mesmos lugares , onde havião
Disposto que eu morresse , quando fosse
Apenas dado ao Mundo : a enfermidade ,

A miseria , ou maior calamidade
Sei eu que nunca a contrastar se atrevaõ
Esta vida infeliz : pois a desgraça
Naõ acabou no montè os meus suspiros ,
Senaõ para trazermè entre esses giros
Da implacavel Fortuna , a conservarme
Com todo o impulso , que a afflicção demarca ,
Em mais duro tormento que o da Parca.
Eu em fim já me entrego aos meus influxos ,
Eu saberei cumprillos : Mas ai triste !
Como nesta ternura que inda existe
Dentro do coração , já nem os Deoses
Me lembraõ que sou Pai ! Creonte amigo ,
Meus Filhos , naõ pertendo encomendarvos ;
Sua idade , e valor feraõ fiadores
Da sua subsistencia em qualquer parte ,
Que elle busquem do Mundo : o Ceo reparte
Comigo as tristes filhas , que aqui deixo
(Ai misero de mim !) na sua infancia :
Todo o objecto da minha vigilancia
No afflicto pensamento me figuraõ.
Toda a minha piedade se arrebatã
Nesta ardente memoria : á minha vista
Sendo criadas com cuidado tanto ,
Sendo á mesa nutridas do mais terno ,
Mais amoroso Pai , onde o governo

De

De hum idade tão tenra póde acharse ?
Ai de mim , que tristeza , e desamparo
As espera talvez ! Principe egregio ,
A entregarvos me atrevo estas vergontas
De hum tronco tão caduco : este designio
Possa alcançarlhe o vosso patrocínio.
E ao menos concedei-me que as abrace
Pela ultima vez , e que inda possa
Lavallas com meu pranto : só com ellas
Quero chorar os males , que algum dia
Sentiráo sem a minha companhia.
Daime este alivio , illustre descendente
Dos Heroes mais famosos , fatisfeito
De as ter entre meus braços , esse instante
Cuidarei que inda vejo o seu semblante :
Mas que vozes vem já aos meus ouvidos ?
Naõ são estes os míseros gemidos
Destas duas Princezas desgraçadas ?
O' quanto foi piedosa a diligencia
De Creonte aos meus rogos ?

S C E N A IV.

Os mesmos , e as filhas de Oedipo.

Creonte.

S Im Oedipo ,
Eu hoje preveni vossos desejos :
Eu vos preparo o alivio que me tendes
Com tanta expectação , tanto cuidado
Taó justamente aqui sollicitado.

Oedipo.

Concedavos o Ceo em recompensa
De taó grande favor , que este dominio
Mais do que o meu se faça venturoso.
Onde estais ; minhas Filhas sempre amadas ;
Chegaivos para mim ; e os vossos braços
Dai hoje (a vosso Pai dizer quizera ,
E a vosso Irmaó só digo.) O^o alta esphera.
Onde está tanto affombro repartido ?
Estas mãos me beijai , que executaraó
O impulso dos furores que me cercaó :
Sim estas mãos , que a vosso Pai tem posto
No estado em que hoje o vedes : Ponde a vista
Naquelle que ignorante dos occultos
Segredos do destino , e dos insultos

Do

Do Fado mais atroz pôde gerarvos
Naquelle mesmo ventre , donde tinha
Tristemente sahido. O^s doces prendas ,
Quanto choro , e lamento a vossa forte ,
Quanto choro (esse he o uso qee meus olhos
Podem sómente ter) eu imagino
Na herança que vos deixa o meu destino
Oprimidas dos crimes horrorófos
De hum pai tão infeliz , que portentosos ,
Que miseros successos vos esperaõ ?
De tantos espectaculos festivos ,
E inda das assembléas mais brilhantes
Como não estareis sempre distantes ?
Ai de mim ! que em lugar de appareceres
No innocente esplendor destes prazeres ,
Não tereis mais remedio que voltares ,
Baixos os olhos , cheias de pezares
Outra vez para casa : Quando chegue
O tempo de casar , que Pai tão louco
Haverá , que pertenda dar seu filho
A quem está tão feia , e maculada
Com esta infame nodoa ? Que vos resta
Em sorte tão maligna , tão funesta
Para a mais lastimosa adversidade ?
De hum Pai nascesteis , que seu Pai ha morto ,
Que com a Mãi casou , que produzido

Vós

Vos tem no seio de que foi nascido :
Estes os crimes são que o Fado conta ,
Para eterno pregaõ da vossa affronta.
Quem será nesta infamia vosso esposo?
Onde achareis em tão calamitoso ,
Em tão funebre estado quem vos sirva
De hum compassivo apoio ? Os impios astros
Querem que vós sirvais a todo o Mundo
De execravel objecto , e a vossa idade
Que acabe em huma horrenda soledade.
Generoso Creonte , estas meninas
Não tem outro recurso que em vós mesmo :
Seu verdadeiro Pai em vós procuraõ ;
Porque eu , e sua Mãi mui bem se alcança ,
Que nesta infesta , e tragica mudança
Tudo se perverteu : Já nada somos :
Vós só he que sois tudo : vosso sangue
São estas infelizes : não permitta
O vosso regio alento que ellas fiquem
No mais duro , e medonho desamparo :
Contra as instancias de hum influxo avaro
Não consentais se vejaõ sem amigos ,
Sem esposos , sem bens : Os meus castigos ,
Não sofraes que as offendaõ , nem tão pouco
Que as sortes destas filhas innocentes
Seja igual nos espiritos do Fado

Ao destino infeliz de hum Pai culpado.
Deitailhe os vossos olhos de clemencia :
De seus annos a placida innocencia.
Bem merece , Senhor , este soccorro :
Desamparadas já de todo o auxilio
Ellas não podem ter outro refugio
Se não sómente em vós : Principe illustre ,
Daine a mão em signal de que os meus votos
Não fiquem desprezados , ou remotos
Da piedade que tanto vos exalta :
E vós , caras Princezas , se já fosseis
Capazes de attender aos meus avisos ,
Quantos conselhos hoje vos daria !
Mas ao menos ouvi esta advertencia
De hum Pai , que para sempre se despede
Da sua amada , e doce companhia :
Pedi aos Deoses , que me acabem cedo
As penas com a vida , e supplicailhe
Que sejaõ vossos dias mais felices
Do que foi em tão lugubre portento
Cada instante fatal do meu tormento.

Creonte.

Já basta não queirais que todo entregue
Vos vejamos aos extasis profundos
De tanta adversidade : Recolheivos
Agora para dentro do Palacio.

Oedipo.

Do Palacio? isso não. Onde os meus males
Pertendeis conduzir? mas que remedio?
Que farei neste affombro, neste affedio
De angustias tão violentas, que amparar-me
Das vossas mesmas ordens, bem que seja
Contra minha vontade!

Creonte.

He já preciso
Que hoje vos conformeis com este aviso;
Pois na verdade haveis chorado muito
A vossa desventura. Cada coisa
Deve ter o seu tempo.

Oedipo.

Por acaso
Sabereis no que agora considero?

Creonte.

Em que?

Oedipo.

Em que outro gosto não espero,
Que apartar-me o mais cedo que ser possa
De terra tão fatal.

Creonte.

Pertence aos Deoses
O declarallo assim.

Oedipo.

Aos Deoses? onde

Bu-

Buscais esse conceito ? por ventura
O objecto não sou eu mais execrável
Na sua indignação ?

Creonte.

Eu não duvido ,
Que delles alcanceis ser attendido
Todo o vosso desejo.

Oedipo.

Asseguraismo ?

Creonte.

Minhas palavras sempre são confórmes
Com os meus pensamentos.

Oedipo.

Isso basta :

Fazeime pois , Senhor , o beneficio
De que eu seja apartado desta terra.

Creonte.

Apartai-vos tambem destas Princezas ,
E vamos a Palacio.

Oedipo.

Que tristezas ,
E que angustias de novo quereis darme
Levando-me estas prendas tão queridas ?
Ah ! não pertenda não a instancia vossa
Arrancarmas por força !

Creonte.

Em conservallas

Naõ queirais obstinarvos : Vêde quanto

Vos tem custado caro effes intentos

Dos vossos infaciaveis pensamentos.

Grande Sacerdote.

Eis-aqui ó Thebanos , a tragedia

Deste Rei , deste Oedipo , que o discurso

Teve taõ penetrante , que os enigmas

Da Sphynge desatava : que a potencia

Mostrava igual á sua intelligencia.

Que em favor , a riquezas naõ fundava

A grandeza feliz de que gozava :

Agora de hum estado taõ propicio

O vêdes despenhar no precipicio

De inexplicaveis males : Nesta horrenda

Mudança da Fortuna , ó infelices ,

O^s miserõs mortaes , aprenda a vossa

Lamentavel cegueira a pôr a vista

Nos ultimos suspiros dos humanos ,

Para ver entre o horror dos defenganos ,

Que sem chegar o instante que rendemos

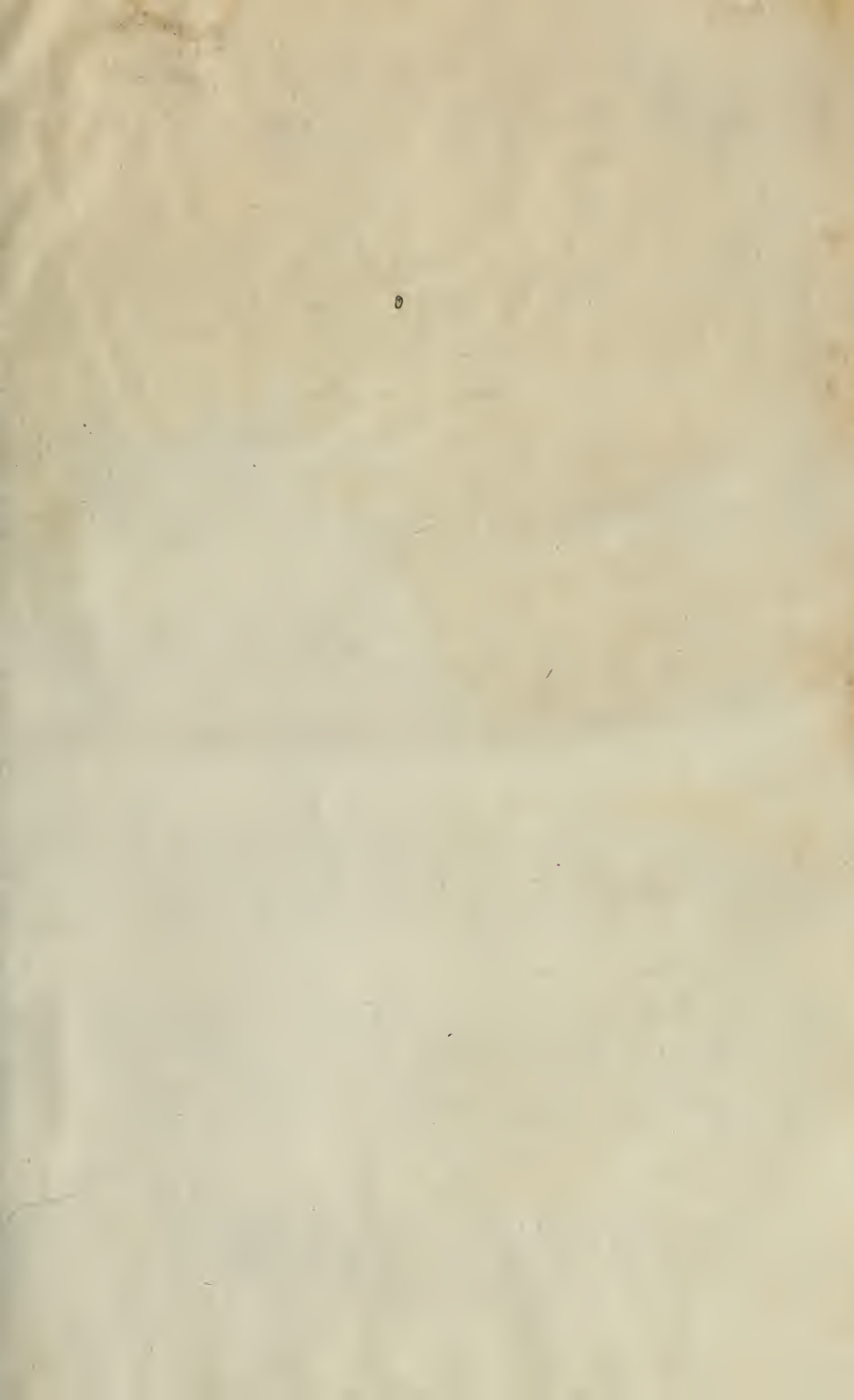
Ao tributo da morte , naõ podemos

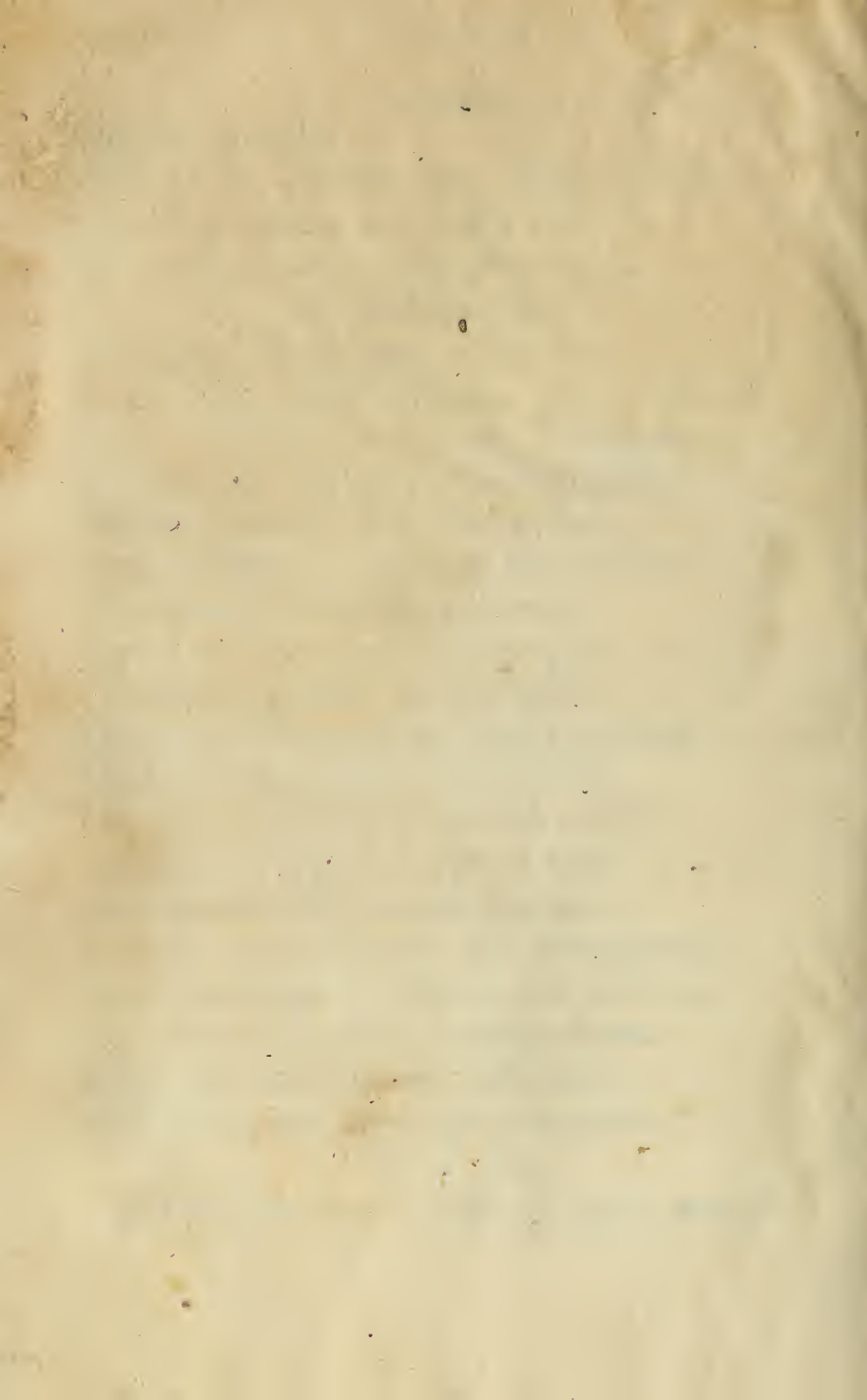
Dizer que neste mundo lastimoso

Se deva alguém julgar por venturoso.

F I M.

Ficão-se continuando as Obras do mesmo Author.





n. 4.

